

REVISTA DA SEMANA



DEANNA DURBIN E A MODA NO TEXTO



O BUSTO DO SR. ALBINO DE SOUZA CRUZ, INAUGURADO NO GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA.



ASSISTENCIA À SESSÃO E A MESA QUE A PRESIDIU.

Poucos homens terão tido num só dia, como o Sr. Albino de Souza Cruz, tantas e tão expressivas manifestações de reconhecimento aos seus méritos, por parte dos governos de dois países e de tão grande número de organizações populares, culturais, cívicas e beneficentes, com atividade em todas as regiões portuguesas e ao longo do território do Brasil, do norte ao sul.

Coincidindo o dia 1.º do corrente mês, data do seu aniversário natalício, com a de sua posse, há 25 anos, na presidência do Gabinete Português de Leitura, o Sr. Albino de Souza Cruz foi agraciado, pelo governos de Portugal e do Brasil, com as altas insignias da Ordem de Cristo e da Ordem Nacional do Cruzeiro, respectivamente, e recebeu as mensagens das 80 associações portuguesas federadas e de instituições culturais e grêmios os vários que representam o que há de mais expressivo nos dois países irmãos.

Ao meio dia, no gabinete do embaixador Pedro Leão Veloso, ministro interino das Relações Exteriores, realizou-se a cerimônia da entrega das insignias e diploma de grande oficial da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul ao Sr. Albino de Souza Cruz que já tinha merecido, anteriormente, as de comendador.

A noite, no salão principal do Gabinete Português de Leitura, sob a presidência do embaixador de Portugal, Sr. Martinho Nobre de Mello, e tomando parte na mesa o conde de Saldanha, Sr. João Mauricio Henriques; o professor Afrânio Peixoto, o presidente da A. B. L., Sr. Herbert Meses; o presidente do Liceu Português, Sr. José Rainho, o presidente do Gabinete Português de Leitura, Sr. Souza Batista e delegados de todas as associações portuguesas existentes no Brasil, realizou-se a sessão extraordinária em homenagem ao Sr. Albino de Souza Cruz.

O Sr. Herenlano Rebordão traçou o perfil do homenageado e anunciou a inauguração da sala Souza Cruz, onde será colocado o seu busto em bronze, cuja cortina foi descerrada na ocasião. O embaixador Nobre de Mello, em discurso de saudação, comunicou o ato do Governo de Lisboa, condecorando com a Grã-Cruz de Cristo o português que a mereceu por tantos títulos. Falaram seguidamente os delegados de todas as sociedades representadas. O professor Afrânio Peixoto exprimiu o sentir dos brasileiros amigos de Portugal e que reconhecem os grandes serviços prestados pelo Sr. Souza Cruz ao nosso país. O homenageado respondeu a essa consagração em palavras repassadas de modéstia, que a assistência aplaudiu entusiasticamente.

A sala estava ornamentada de flores e bandeiras enviadas de todas as organizações que compõem a Federação das Associações Portuguesas do Brasil. Tocavam duas bandas de música, executando os hinos do Brasil e de Portugal.

AO LADO — EM CIMA, OUTRO ASPECTO DA ASSISTENCIA. EM BAIXO, O MINISTRO LEÃO VELOSO APODO AS INSIGNIAS DE GRANDE OFICIAL DA ORDEM DO CRUZEIRO AO SR. ALBINO DE SOUZA CRUZ.



FRANÇA

QUANDO a fada de nome tão bonito — Luz — levou ao país dos mortos a menina e o menino que andavam procurando o pássaro azul, as duas crianças não encontraram os mortos, e quiseram saber:

— Onde estão os mortos?

A fada respondeu:

— Não há mortos.

Talvez não haja. Porém, a lembrança dos entes que amamos, e não vemos mais, fixa no coração de nós todos a certeza de que há a ausência sem retorno. Os que fôram embora, na viagem tranquila, estão perdidos para sempre. Não morreram porque temos saudades deles. Mas deixaram de viver. Eram sentimentos. São pensamentos. Nossa ternura segue a buscá-los. Busca-os na imensa solidão do mundo. E volta, desapparada, com os olhos vazios, a boca com os beijos que levava, as mãos com as carícias que não puderam dar.

Que importa a convicção da imortalidade! A distância tem um limite. Nesse limite o céu e a terra se reúnem, e o que resta é o horizonte, azul, longe, inatingível...

Cada um dos nossos mortos é um pássaro azul.

Tu não, França! Tu foste a Branca de Neve que a madrasta pensou que tinha matado. Dermiste no teu caixão de vidro sobre o velho rio do tempo... Os teus anões não conservaram a bondade por causa do tamanho aderiram à Alemanha. Fatalidade... fatalidade... todos os homens interrompidos, por fora ou por dentro, são nazistas...

Ressuscitaste. Estávamos te esperando. O mundo sem tí era um mundo aleijado. Voltaste para Paris, França... para Paris, junto dos eais, à sombra dos jardins, no voo alegre dos pardais... Paris da evocação contínua... da exaltação contínua...

Paris... palavra entre o céu e a terra... Quando se murmura essa palavra é como se se beijasse a vida toda... A imaginação acorda... acorda com a beleza, a graça, a felicidade... Paris, obra-prima do mundo... Nela, tudo se extasiou em harmonia, inteligência, elegância... É o desejo que encanta os dias que vão chegar... é a saudade que veste de ouro os dias que passaram... Paris, pedra branca da sensibilidade, nuvem vermelha da madrugada, "do eterno azul a serena ironia"... Cidade amante... Cidade alma...

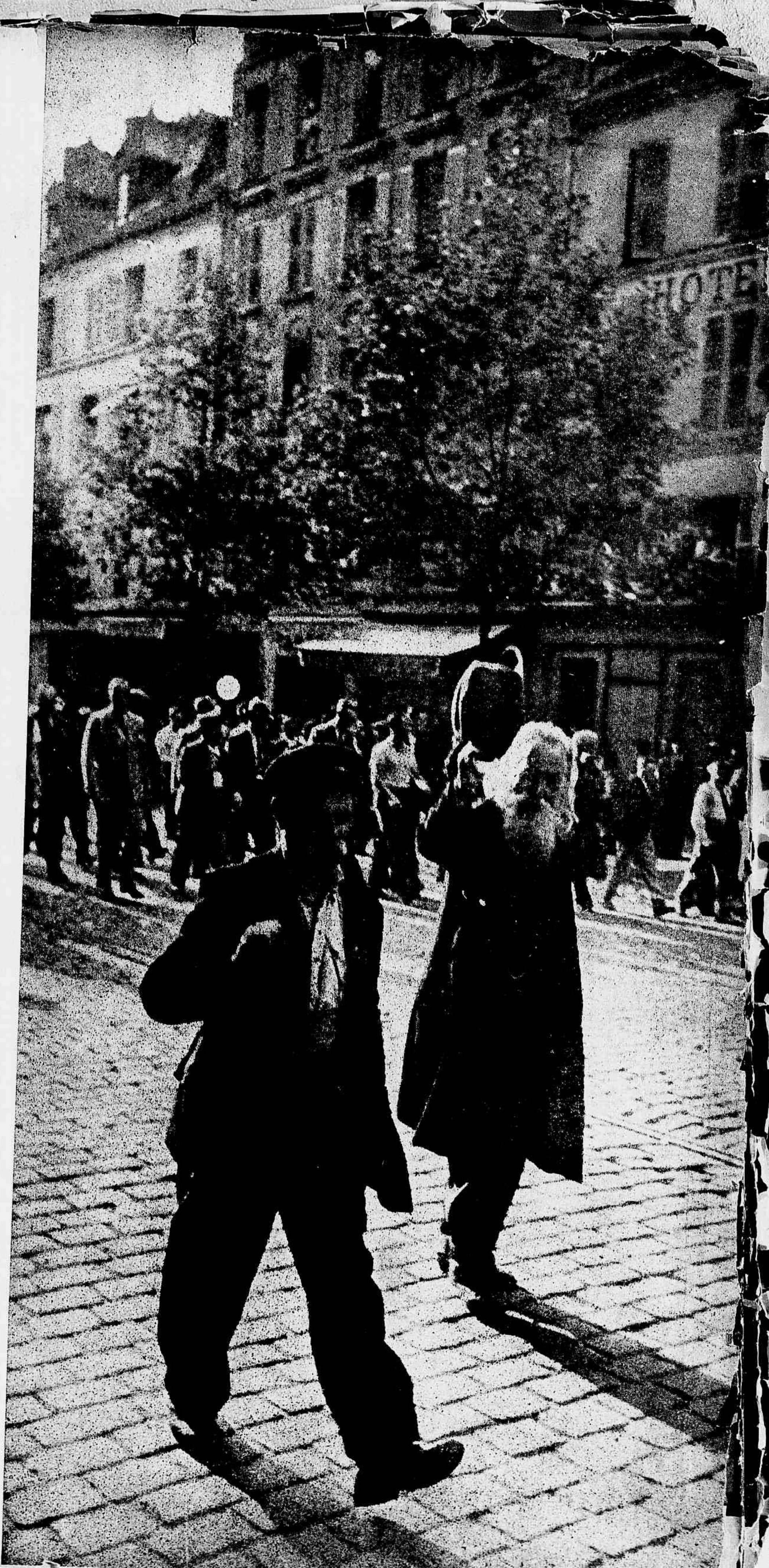
Nós te chamávamos morta, França, morta lá onde te envenenaram. Aqui abríamos os teus livros, escutávamos a tua música, víamos os teus quadros, punhamos as mãos nas tuas estátuas... vivias... vivias nestas joias, nestes móveis, nestes vinhos, nestes sonhos... no perfume em que nos envolveste... no pão da liberdade... vivias... vivias.

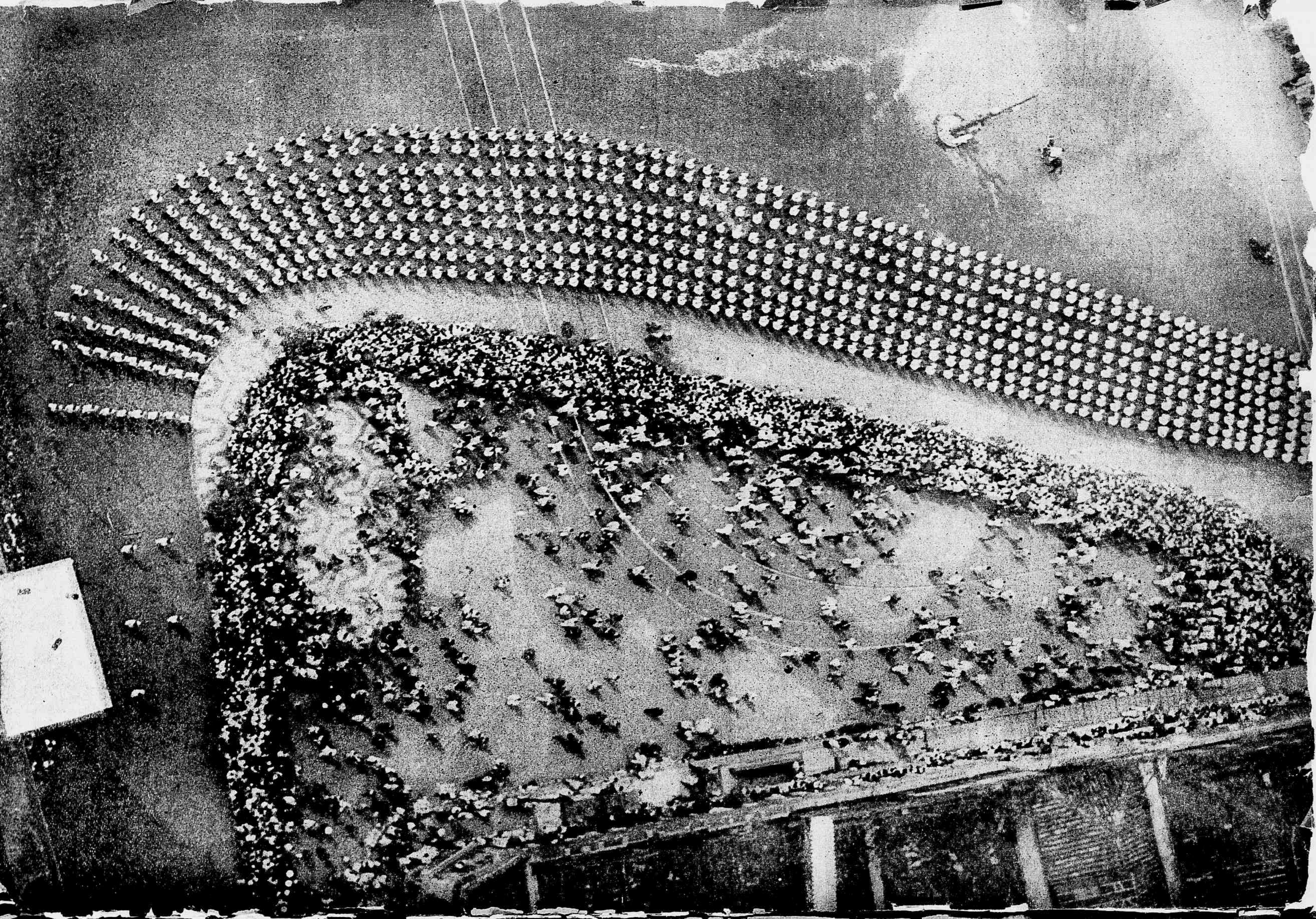
Morta era já a Alemanha. Mortos eram já os cativos da Alemanha, com Pétain na frente, que fez da farda de marechal uma libré de porteiro; com Laval atrás, que fez da casaca de ministro um figurino de vassoura de circo.

Não lhes perdões, França! não lhes perdões! Eles sabiam o que faziam...

Alvaro Moreyra

Os veteranos de 1870 rumo do lugar onde foi a Bastilha — em 14 de Julho de 1928. (Fotografia de Henri Tracol, neto de Eliée Reclus)





O Dia da INDEPENDENCIA

As comemorações da Semana da Pátria, realizadas em todo o território nacional com o objetivo de celebrar o 122.º aniversário da proclamação da Independência do Brasil, transcorreram este ano em ambiente de invulgar entusiasmo. A parada de 7 de Setembro serviu também para fazer-se a inauguração da Avenida Presidente Vargas, cuja benção foi feita por D. Jaime Camara, arcebispo do Rio de Janeiro. Desde as primeiras horas da manhã, a população movimentou-se para assistir ao majestoso desfile das forças armadas, que constituía o número culminante do programa dessas expressivas celebrações. Tropas vindas da zona norte, para tomar posição no fim do Flamengo, cruzavam as ruas do centro antes das seis da manhã, e o povo enchia as janelas das residências e os passeios. As sete horas estavam formadas quase todas as unidades convocadas para o grande desfile e ocupado pelo povo largo trecho das avenidas Beira Mar, Rio Branco e Presidente Vargas.

A Municipalidade construiu vários palanques entre as ruas da Conceição e a Praça da República, ao longo da nova Avenida, palanques esses que ficaram também totalmente lotados. Na tribuna oficial viam-se as altas autoridades da República, destacando-se o Presidente Getúlio Vargas, Arcebispo Metropolitano, Ministério, Corpo Diplomático, Diretor Geral do IPR, Prefeito do Distrito Federal, Chefe de Polícia e os membros dos Gabinetes Civil e Militar da Presidência.

Também na tarde do dia 7, realizou-se no campo do Clube de Regatas Vasco da Gama, a cerimônia da Hora da Independência, por todos os títulos um belo espetáculo de civismo. Milhares de pessoas compareceram àquela estádio para ouvir a palavra do Chefe do Governo.

Houve também, no Teatro Municipal, um concerto sinfônico promovido pela Prefeitura do Distrito Federal, sob a regência do maestro Eleazar de Carvalho.

O discurso do Chefe da Nação, ouvido em todo o Brasil por intermédio da rede nacional de cento e doze emissoras, em ondas longas, médias e curtas, foi irradiado, simultaneamente, em inglês e espanhol, para os EE. UU. através das 248 estações da N. B. C. e para todo o Império Britânico pela B. B. C.

Foi assim comemorado o 122.º aniversário da Independência do Brasil, de maneira condigna e eloquente, quando as forças armadas do país encontram-se, alem-mar, defendendo a honra da Pátria e cobrindo-se de novos louros que se refletem, diréta e gloriosamente, no Pavilhão Nacional.

Na gravura da página ao lado, oferecemos aos leitores um flagrante maravilhoso do desfile de 7 de Setembro, exclusivo da REVISTA DA SEMANA e apresentando um novo aspecto da cidade, já com a inauguração da Avenida Presidente Vargas, que foi entregue ao povo no mesmo dia.



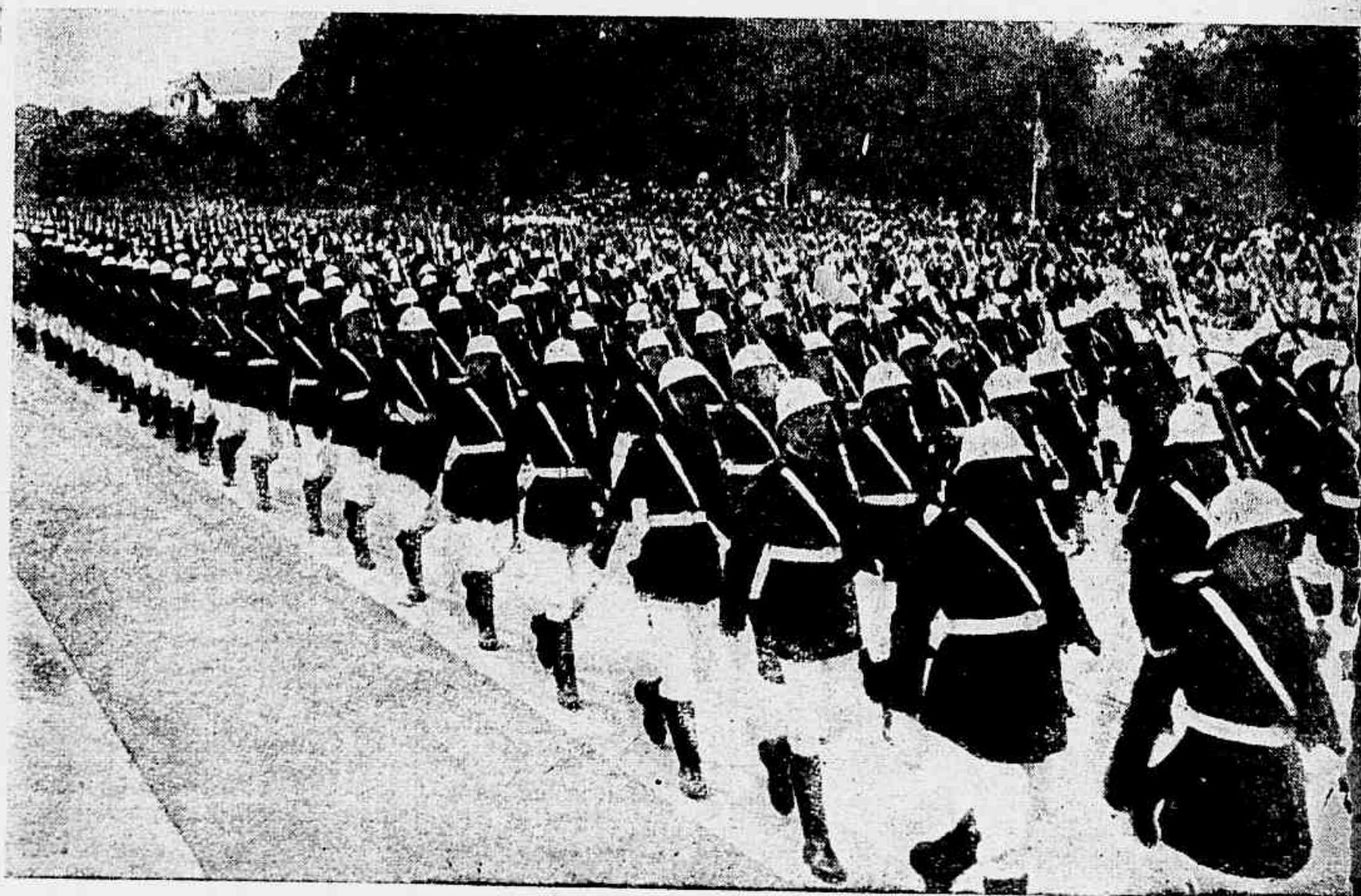
A ESCOLA DE AERONAUTICA DESFILANDO NA AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, SOB APLAUSOS ESTREPITOSOS DA POPULAÇÃO.



TROPAS DO EXÉRCITO BRASILEIRO RECEBEM IGUALMENTE OS APLAUSOS DO POVO, QUANDO PASSAM FRENTE AO PALANQUE PRESIDENCIAL.



NO PALANQUE PRESIDENCIAL, D. JAIME CAMARA, ARCEBISPO DO RIO DE JANEIRO, MOMENTOS ANTES DO DESFILE, ABENÇOA A AVENIDA PRESIDENTE VARGAS.



O CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS, CUJA PRESENÇA MAIS AINDA ABRI-LHANTOU O IMPONENTE DESFILE DA MANHÃ DE 7 DE SETEMBRO.



A AVENIDA RIO BRANCO, NUM INSTANTANEO OBTIDO QUANDO DO DESFILE DO DIA 7, OFERECE-NOS ESSE ASPECTO ABSOLUTAMENTE INÉDITO.



AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, INAUGURADA SOLENEMENTE PELAS FORÇAS ARMADAS, VENDO-SE AO FUNDO OS EDIFÍCIOS DA CENTRAL E DO MINISTÉRIO DA GUERRA.



OUTRO FLAGRANTE BATIDO POR OCASIÃO DO DESFILE DA POLÍCIA MILITAR, COM O SEU CONTINGENTE MOTORISADO. AO FUNDO, VÊ-SE A IGREJA DA CANDELARIA, ÚNICA CONSTRUÇÃO CENTRAL DA GRANDE E MODERNÍSSIMA ARTÉRIA BRASILEIRA.

Continua na pag. 14

REVISTA DA SEMANA
ANO XLV -- 16-9-944 -- N. 38

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada:... Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULJANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

Sumário

LITERATURA:

França (Alvaro Moreyra).....	3
O homem que matou em público (Roy Vickers).....	19
A morte de Sócrates (Horácio Pacheco).....	23
Dúvida (Maurice Iven).....	39
Neukomm (Eseragnolle Doria).....	42
Livros Novos.....	44/45

REPORTAGENS:

O Dia da Independência.....	A começar da página.....	4
Jockey Clube.....		8
Como se viaja no Rio.....		9 a 13
Ouro Preto — aspectos pitorescos e desconhecidos (Celestino Silveira).....		26/35
Desfile da Juventude.....		50/53

FEMININAS:

Modelos Deanna Durbin	24/25
" " "	30/37
Nos Bastidores Femininos	38
Outros Modelos	46

CURIOSIDADES:

Você tem vocação para detective?.....	40
Coisas do Brasil.....	41

Até o Gênio!

Uma Calamidade!



Muitas mulheres sofrem de moléstias que fazem da vida um verdadeiro inferno.

Uma Calamidade !

Em certas doenças, até o Gênio da Mulher pode ficar alterado e ela, de alegre e bem disposta que era, passa a ser triste, aborrecida, desanimada, sem vontade nenhuma de trabalhar e zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes.

Um martírio !

Para tratar êstes padecimentos, consequências do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, use *Regulador* GESTEIRA.

Regulador Gesteira é o tratamento indicado.

REGULADOR GESTEIRA é o Remédio de Confiança para tratar inflamação do Útero, o Catarro do Útero causado pela inflamação, Debilidade, Palidez e Perturbações nervosas provocadas pelo mau funcionamento dos órgãos Útero-ovarianos, a Pouca Menstruação, as Dôres e Cólicas do Útero e Ovários, as Menstruações exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dôres da Menstruação e as irritações causadas pelo pêso do Útero congestionado.

Comece hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**

SEÇÕES:

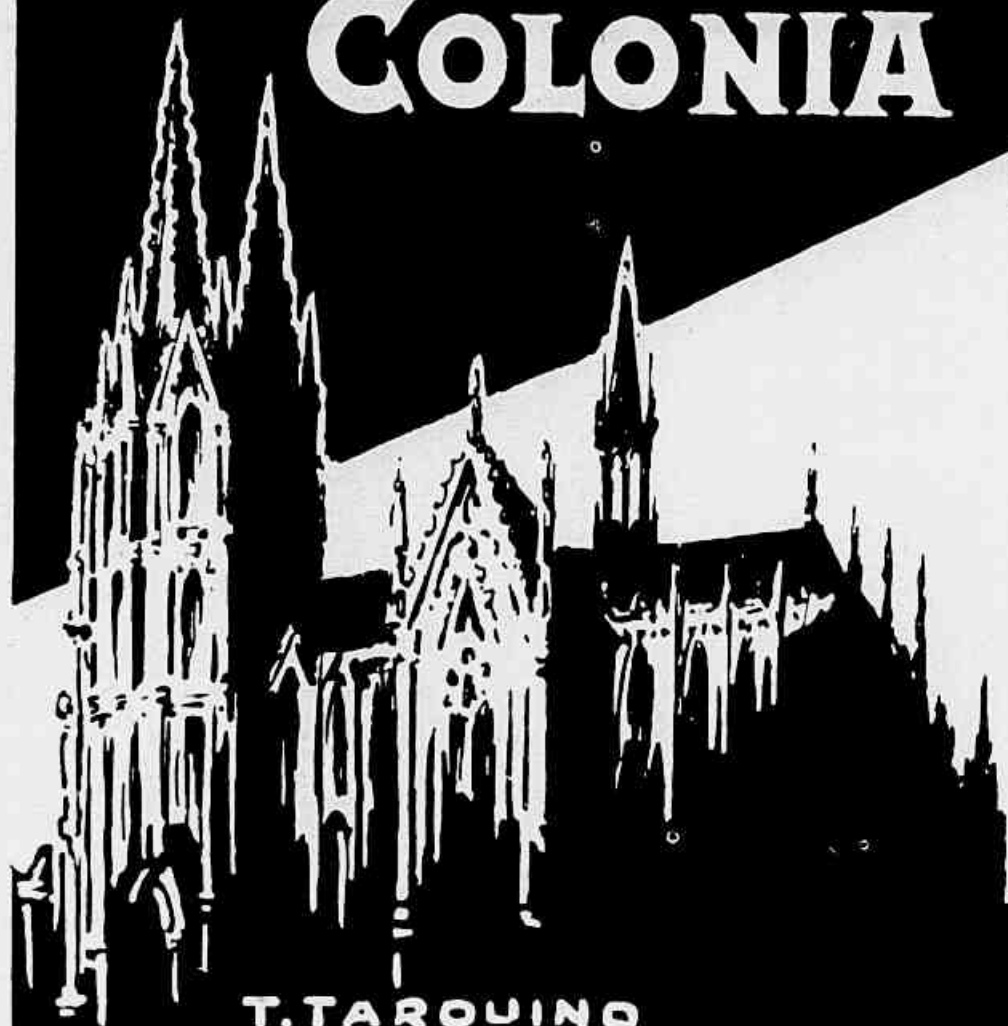
De Cinema.....	20/21
De Rádio (Djalma Maciel).....	48
De Música (Roberto Lyra Filho).....	17
De Teatro (Anselmo Domingos).....	49

CARICATURAS:

De Bom Humor.....	22
"Charge" de Raul.....	56

FOTOGRAFIAS DE ARNALDO VIEIRA
ILUSTRAÇÃO DE ARCINDO MADEIRA

AGUA DE COLONIA



T. TARQUINO

Regina

A RAINHA DAS AGUAS DE COLONIA

Tenha sempre á mão "REGINA", a agua de colonia tipica de perfume fragrante e ameno, refrigerante suave e calmante para os dias de calor.

A' VENDA EM TODO O BRASIL



JOCKEY CLUB MUNDANO

As elegantes "turfwomen" cariocas, enchendo com encanto de sua presença as dependências do hipódromo da Gávea, fizeram com que a reunião de domingo último, ali realizada, apresentasse o aspecto festivo de um desfile de beleza e arte.

O fotógrafo da REVISTA DA SEMANA conseguiu apunhar na "pelouse" os felizes instantâneos que reproduzimos nesta página



COMO SE VIAJA NO RIO

UMA LEGIÃO DE ACRÓBATAS QUE SE EXIBE TODOS OS DIAS GRATUITAMENTE NAS RUAS — A FELICIDADE DO LEITOR DO INTERIOR — A "MARIA FUMAÇA" E A "FAUSTINA" — A GASOLINA NA VIDA DE UMA CIDADE — A VIDA ACIDENTADA DE UM MORADOR DOS SUBÚRBIOS DO RIO — UMA VIAGEM "TRANSOCEÂNICA" — O MODERNO SUPLÍCIO DAS MASSAS — O BONDE EXPRESSO — REVEZAMENTO DE HORÁRIOS — UMA CIDADE QUE CRESCER DE REPENTE — O EGOISMO DOS QUE NÃO TRABALHAM — A ODISSÉIA DOS NOCTÂMBULOS — LOTADO: "LASCIA TE OGNI SPERANZA"

JÁ HOUVE ALGUÉM QUE SUGERISSE UMA SOLUÇÃO PARA ESTE PROBLEMA DOS PINGENTES: ARRANCAR TODOS OS BANCOS DOS BONDES. ASSIM PODER-SE-IA EVITAR QUE OS DE FORA INVEJASSEM A SITUAÇÃO DOS QUE ESTÃO SENTADOS. ENTRETANTO, SE A "PIADA" É BOA, O PROBLEMA CONTINUA SEM SOLUÇÃO. PINGENTES E SUB-PINGENTES PARECEM CONFRATERNIZAR COMO UMA CASTA SEM PRIVILÉGIOS ENTRE OS PASSAGEIROS DO RIO





NOTE-SE QUE ESTES FLAGRANTES NÃO CONSTITUEM EXCEÇÃO. EM DETERMINADAS HORAS DA TARDE E DA MANHÃ, QUANDO A POPULAÇÃO VAI OU VOLTA DO TRABALHO DIÁRIO, TODOS OS BONDES CORREM (?) ASSIM. SERIA MAIS APROPRIADO DIZERMOS QUE SE ARRASTAM DESTA MODO O VERBO PARECE MAIS APROPRIADO. PROCURANDO BEM, É DIFÍCIL ENCONTRAR UM LOGARINHO EM QUE POSSA FICAR DEPENDURADO MAIS UM HEROICO PINGENTE. O FLAGRANTE ACIMA TEM AINDA A VIRTUDE DE ATESTAR O BOM HUMOR DO CARIÓCA, MESMO NAS PIÓRES SITUAÇÕES.

NÃO pretendemos explicar ao leitor carioca como se viaja no Rio. Isto faz parte integrante da sua vida. E' um dos aspectos do seu drama quotidiano. De manhã à noite o seu espírito está preocupado com este magno problema: como viajar? E' verdade que o problema já existia, em proporções mais modestas antes da guerra. Entretanto, ninguém poderia esperar que chegasse ao ponto em que estamos. E, o que é mais curioso, cada bairro apresenta aspectos diferentes deste mesmo problema. O morador de Copacabana ignora certos detalhes e dificuldades do morador da Tijuca, e o morador de uma estação da Leopoldina ou da Auxiliar não conhece os tormentos de um outro da Central. Mas em conjunto todos se irmanam no mesmo suplicio: o transporte de casa para o trabalho, e do trabalho para casa. A vida, afinal, se converteu numa corrida louca em busca dos veículos que nos conduzam ao curto descanso de casa ou à longa canseira de um dia de trabalho. Os londrinos conheceram os horrores da *blitzkrieg*, os parisienses conheceram a fome e a humilhação. Em todas as grandes capitais europeias o povo teve que pagar o seu tributo a

esses cinco anos de guerra com os tormentos acarretados por ela. Entretanto, acreditamos que nenhuma grande ou pequena cidade do mundo tenha experimentado em grau tão elevado as dificuldades de transporte, como esta nossa Sebastionópolis, até então tranquila e feliz.

Há pouco tempo conversámos com uma figura ilustre da diplomacia brasileira, conhecida também pelas suas atividades literárias e intelectuais, não apenas no Brasil mas no estrangeiro, que nos fez revelações sensacionais sobre o transporte em Londres, de onde chegou há pouco tempo, tendo testemunhado a *blitzkrieg* e o suplicio das bombas voadoras. Pois bem, Londres, a Londres heroica de 1940, ainda agora cheia de cicatrizes dos golpes desumanos que lhe assestaram esses cultos bárbaros que são os nazistas, Londres que viu desaparecer algumas das suas ruas mais conhecidas, Londres que ficou à mercê da Luftwaffe no tempo do seu poderio máximo, por mais incrível que isto pareça, não conheceu os problemas de transporte com os quais nos debatemos.

Alí, os passageiros encontravam pontualmente os ônibus, os bondes, os *sub-ways* e os

taxis circulando normalmente na sua cidade em ruínas.

Disse-nos essa figura que a qualquer hora do dia ou da noite, sempre que se tivesse vontade e dinheiro para tomar um *taxi*, não havia dificuldades. Espantava-se o nosso informante de que aqui no Rio estivéssemos sentindo de tal modo os efeitos da falta de transporte para a população.

Para algum habitante desocupado ou curioso de Marte, por exemplo, deveria causar estranheza o modo de vida dos habitantes da Terra si, com um aparelho aperfeiçoado, pudesse observar o aspecto normal das nossas cidades, com as ruas atravancadas de gente em longas e intermináveis filas esperando condução. Por que se comprimiria aquela multidão, dia e noite, si há tanto espaço livre pelo mundo? O nosso observador nunca chegaria a encontrar uma resposta para a sua dúvida. E' que ele não compreende esse instinto de sociabilidade, essa luta contínua pela vida entre os homens que se acotovelam, se empurram, se pisam e disputam um lugar nos ônibus e nos bondes.

Também o leitor do interior se fará a mesma pergunta diante desses bondes e desses trens que circulam literalmente cobertos de gente que se pendura, formando três fileiras de pingentes, fazendo em público, gratuitamente, demonstrações acrobáticas que deixariam gelados de pavor aos nossos avós si as vissem num circo. São abnegados e corajosos atletas desnutridos, que arriscam a todo momento a vida para ter o direito de entrar numa fila onde, pagando muito, conseguirão o alimento indispensável para manter a família.

Um bonde atualmente, das cinco às sete horas da noite, é um testemunho eloquente da resistência, habilidade, das qualidades acrobáticas e bom humor do povo carioca.

Aquêle aglomerado de gente, aquela montanha humana, composta de pessoas de todas as classes sociais, cores, tamanhos e cheiros, são um milagre na resolução do problema do espaço e um desmentido à definição dos corpos sólidos, que não podem ocupar ao mesmo tempo o mesmo lugar no espaço.

Fica alí atestado o espírito democrático do brasileiro em geral e especialmente do carioca. O banqueiro, que ainda não adaptou o *gasô* ao seu carro, se expreme contra a menina do café e o empregado de balcão. O perigo que enfrentam juntos irmanam-se definitivamente.

O espírito de solidariedade humana cresce nesses dias diante das situações que todos devem enfrentar, seja qual for a classe social e a pigmentação da pele.

Há poucos dias ouvíamos, entre dois pingentes do lado da entrelinha, num bonde da zona sul, este diálogo edificante, demonstrativo da solidariedade entre os passageiros do veículo e do seu incrível sangue frio, capaz de glorificar um soldado num campo de batalha:

— Este lugar, amigo, é muito arriscado — dizia o mais experimentado, que parecia ter curso completo de pingente, um verdadeiro professor na matéria. Si você conseguir passar aquela curva sem ser apanhado pelo bonde que vem em direção contrária, a coisa irá bem. O diabo é aquele pedaço: a curva.

O outro, evidentemente menos experimentado, sorria um pouco amarelo ante a expectativa de ser, dentro de poucos segundos, colhido pelo bonde em disparada. Fazendo-se forte, não querendo demonstrar o seu justificado temor, respondia:

— Qual! Já estou habituado a estas viagens.

O bonde passara e com ele o perigo imediato. Apenas imediato, porque logo adiante outra curva e outro bonde irão pôr em perigo a vida do pingente. E é assim todos os dias, com milhares de pessoas.

O operário de uma oficina do centro da cidade conta-nos a sua odisséia. Mora num subúr-

bio da linha Rio Douro chamado Colégio. Para chegar ao trabalho precisa tomar duas conduções. Mas isto não é o mais importante, pois os habitantes do Rio estão acostumados com estas baldeações. Este precisa acordar às três horas da manhã tomar o trem das três e meia para chegar ao trabalho às cinco. Não porque seja esta a sua hora de entrada, mas si esperar o trem seguinte não conseguirá embarcar. Os empurrões, os atropelamentos são incompatíveis com a sua idade e o seu estado físico. E o resultado é que chega às cinco e meia à porta da oficina e tem de ficar esperando até às sete e meia, quando tem permissão para entrar e começar o trabalho às 8 horas. Cinco preciosas horas são gastas entre o despertar e o início do serviço. A volta para casa, à noite, é outra odisséia: espera de bonde, viagem dependurado no estribo, espera de trem, pisadelas, empurrões e a chegada ao lar para o magro jantar e um pequeno descanso até às três. E tudo se repete como na véspera, como sempre. Isto é apenas um caso, um exemplo. Entretanto, é a vida comum do operário ou do trabalhador humilde no Rio.

O leitor feliz do interior, das pequenas cidades onde a aglomeração humana não é tão intensa, onde o *struggle for life* não atingiu ainda as proporções assustadoras da *urbs*, mal poderá fazer idéia do suplício que representa para o pobre animal urbano ou suburbano que se arrasta em cima de rodas de borracha ou de trilhos, em bondes, ônibus, trens, ou ainda dos que precisam fazer duas vezes por dia a travessia da Guanabara. A travessia da Guanabara! São apenas cerca de cinco quilômetros de mar que se transformam, dadas as dificuldades de que se reveste, numa verdadeira viagem transatlântica. A multidão que se comprime, nas horas de maior movimento, pela manhã e à tarde, em ambos os lados da baía, em Niterói e no Rio, conhecem as sensações de quem fôsse atravessar o Atlântico via África. Não deixa entretanto de ser pitoresco o aspecto das velhas barcas da Cantareira cruzando a baía entre os grandes transatlânticos modernos, as lanchas a gasolina, os cruzadores e couraçados. Elas dão a impressão de um megatério numa exposição de automóveis aerodinâmicos. Fazem-nos lembrar filmes sobre os tempos da colonização americana, com aquelas barcas a roda que subiam o Mississipi. Quem as vê de longe é levado a acreditar que nos seus porões escravos suarentos e hercúleos trabalham sob o chicote do mestre. Mas é apenas impressão. Os verdadeiros sofrendores, suarentos é verdade, mas nada hercúleos, são os passageiros que duas vezes por dia precisam usar aquele modo de condução.

E o mais curioso é que os preços crescem na razão inversa da velocidade — ou da vagariedade — das barcas. Houve um tempo remoto e glorioso em que a travessia Rio-Niterói era feita em vinte minutos. A passagem custava então quarenta centavos. Atualmente a viagem se faz em cinquenta minutos e o preço é oitenta centavos. Tenham esperança os habitantes de Niterói e os cariocas que trabalham na capital fluminense. Chegará o dia em que apenas por um cruzeiro poderão viajar durante uma hora. Limitámo-nos a colher as impressões dos que vão de Niterói ao Rio e vice-versa. Diante do que ouvimos abstinemo-nos de ouvir os habitantes das ilhas longínquas de Paquetá e Governador. E note-se, estes problemas já existiam antes da guerra.

Dizem pessoas chegadas da Europa, que estiveram em Londres e outras grandes cidades, em plena guerra, que em lugar nenhum se nota um ar de tristeza tão grande como aqui no Rio.

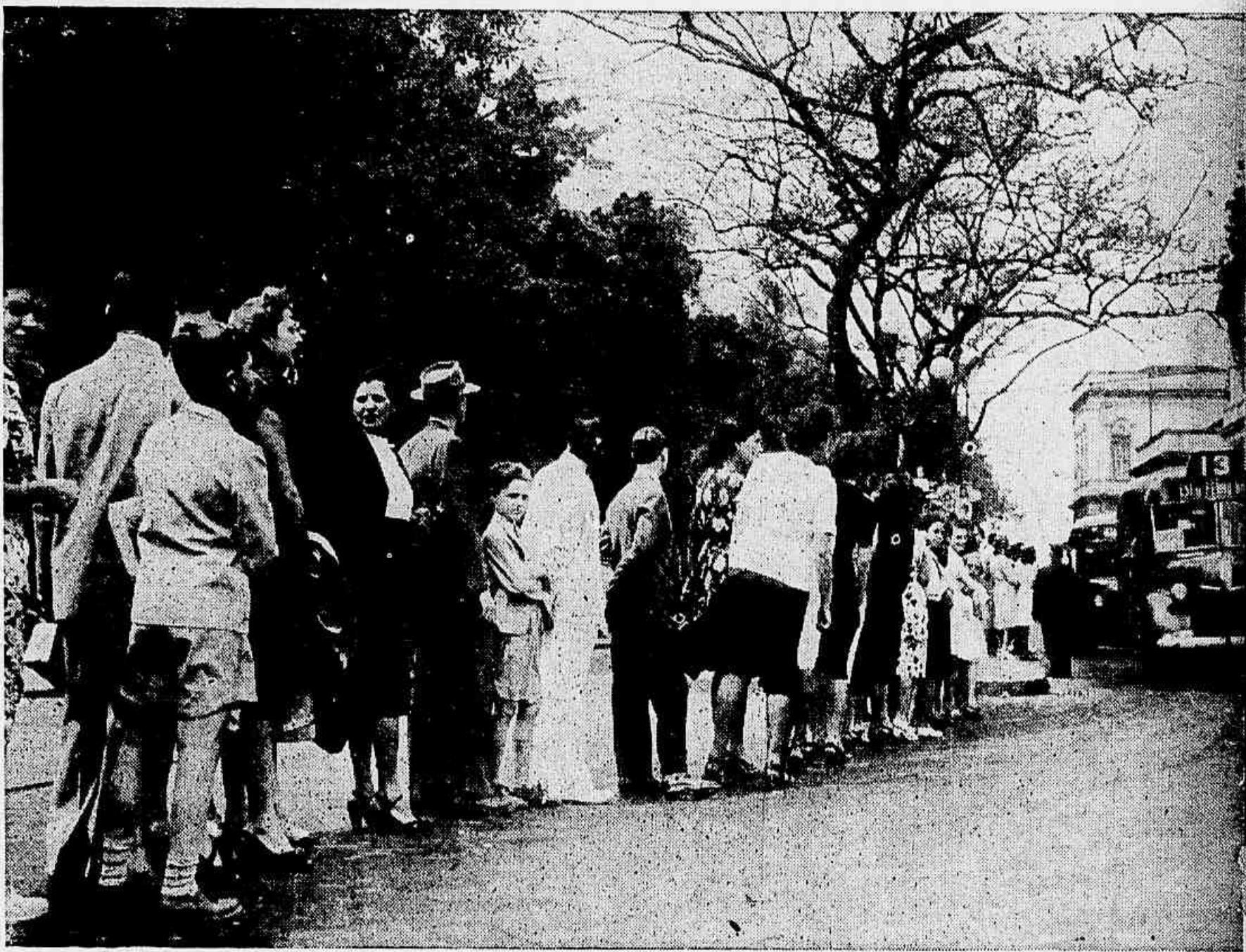
Especialmente no que se refere à vida noturna.

E' verdade. Si o Rio podia ser considerado uma capital de vida noturna muito escassa antes da guerra, esta passou a ser agora quase nula. Si é verdade que o nosso povo tem as suas tendências burguesas e prefere depois do trabalho meter o seu pijama, ler tranquilamente o jornal e dormir às oito ou nove horas, não é verdade que ele fuja às diversões. E a prova é que sempre que pode vai ao teatro ou ao cinema com toda a família, apesar dos preços. As nossas salas de espetáculo costumam estar sempre cheias, e enormes filas esperam pacientemente a sua vez de comprar a entrada. Si não vão a outros divertimentos é simplesmente porque não os há. No

Rio, as diversões limitam-se quase que exclusivamente ao cinema e ao teatro.

Já tem sido comentado que a boemia do Rio desapareceu. Os trabalhos, as dificuldades da vida permitem cada vez menos devaneios poéticos e dispersão de energias. Mas não queremos nos referir à boemia. Focalizamos apenas as dificuldades que tem um honesto chefe de família para transitar depois das dez ou onze horas com a sua gente, a caminho dos cinemas ou dos teatros, e voltar ao lar. A sessão das dez num cinema ou teatro acaba à meia noite. Depois do espetáculo faz-se um rápido lanche, e tem início a procura de condução para casa. Há uma es-

AS DIFICULDADES DE TRANSPORTES E AS OUTRAS DIFICULDADES EM GERAL CRIARAM ESTE MODERNO SUPPLÍCIO QUE SÃO AS "FILAS". ELAS FICARÃO NA HISTÓRIA DA CIDADE COMO O SÍMBOLO DE UMA ÉPOCA DE GUERRA E DE SACRIFÍCIOS.



ESTES NÃO ESPERAM EM "FILA". QUANDO O BONDE CHEGAR HAVERÃO O AVANÇO. OS MAIS FORTES OU MAIS AGEIS OBTÊM OS LUGARES. OS OUTROS, SE NÃO QUIZEREM IR NO ESTRIBO, PODERÃO ESPERAR O PRÓXIMO BONDE.



pécie de conciliábulo de família para resolver o melhor meio de chegar em casa: tomar um bonde? Esperar um ônibus? As portas abertas dos salões de espetáculo devolvem à rua a multidão que tragaram duas horas antes. Começa então a corrida para os pontos de bonde e ônibus. E a cidade parece retomar o seu aspecto habitual: filas e mais filas.

Depois de rápida discussão faz-se ouvir a voz autorizada do chefe da família: — "Vamos esperar o bonde".

Evidentemente é o meio de condução mais

barato, e não se pode desprezar estes centavos no orçamento de casa.

A família movimenta-se para o ponto do bonde. Espera longa. Lamúrias das crianças. Reclamações da esposa. Afinal, surge na esquina o tão esperado veículo. Contentamento em todas as fisionomias. Cedo, porém, a família se desilude. O estribo vem apinhado de gente. O bonde pára, bufando. Correria, procura de bancos, de lugares mesmo em pé. Nada! Tudo cheio. Desânimo.

— "Vamos ao ônibus! Talvez lá encontre-

mos lugar!" Nova espera na fila ainda muito grande. Os olhos ansiosos perscrutam os horizontes onde surgirá afinal o ônibus, que vem na disparada. Mas ao lado do letreiro que marca o preço da passagem há um outro em letras vermelhas, já conhecido de todos. Diz apenas isso: "Lotado". E para os que esperam aquilo tem o sabor do célebre letreiro da porta do inferno: *Lasciate ogni speranza*".

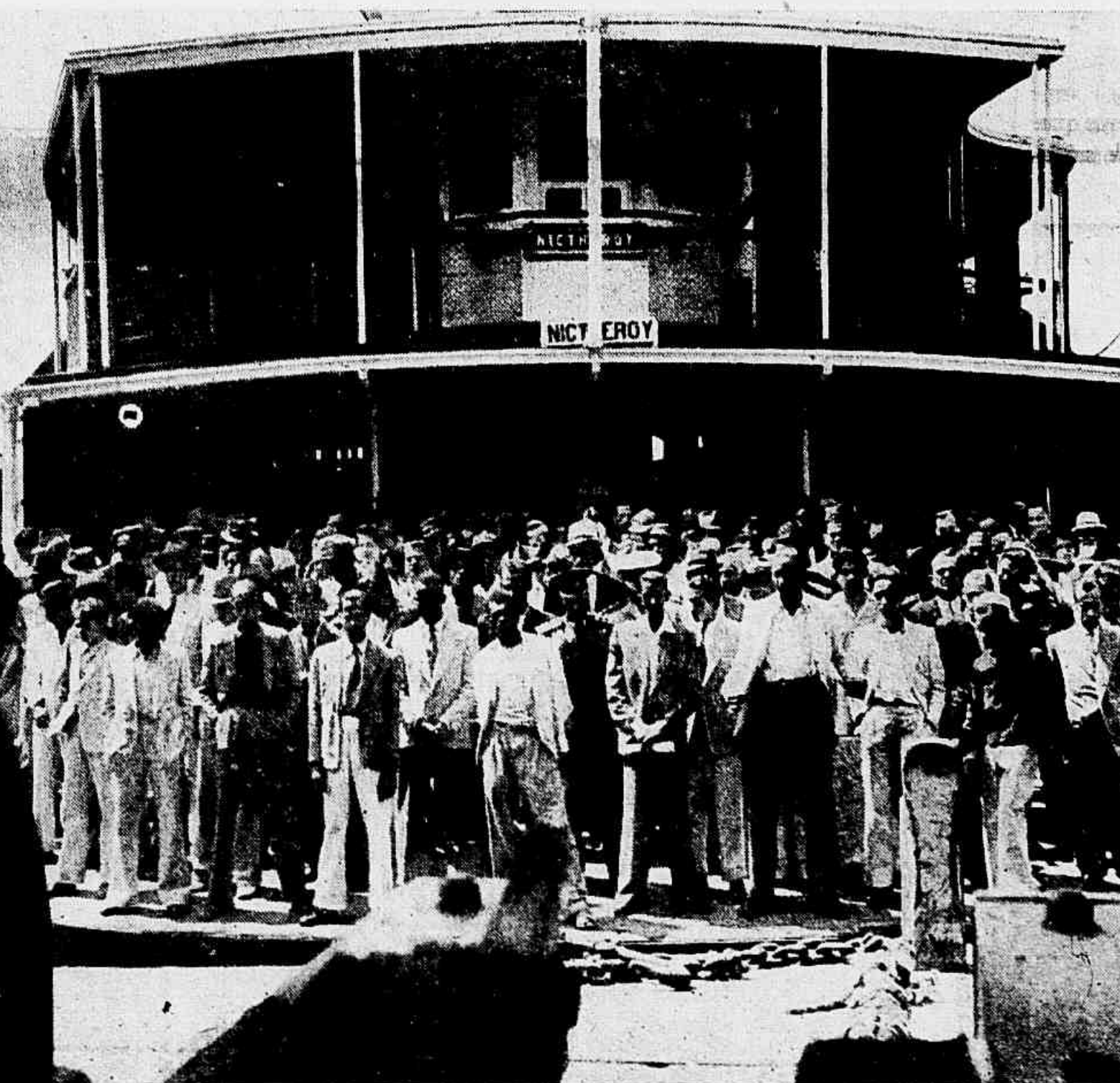
Lá pelas duas horas a família chega em casa, estrompada, jurando que "aquela será a última vez".

Mas na semana seguinte repete-se a mesma cena. E ainda dizem que o carioca não gosta de se divertir!

A VOLTA PARA CASA. DEPOIS DE UM DIA DE TRABALHO A POPULAÇÃO DE NITERÓI, DEPOIS DE UMA LONGA ESPERA, CONSEGUE AFINAL O PREMIO DE TANTOS SACRIFICIOS: UM LUGAR NAS PREHISTÓRICAS BARCAS-FOSSEIS QUE ATRAVESSAM A BAIA. UM LUGAR SENTADO OU EM PÉ. OS QUE AI ESTÃO CONSTITUEM A VANGUARDA DA MULTIDÃO QUE DISPUTARÁ UM LUGAR SENTADO. SE NÃO ENCONTRAM UM CONHECIDO INDESEJÁVEL, É POSSÍVEL ATÉ LER O JORNAL OU UM LIVRO.



E NA MANHÃ SEGUINTE AQUELA MESMA MULTIDÃO VOLTA AO TRABALHO DEPOIS DE MAIS UMA TRAVESSIA. OS MAIS ousados e ágeis colocam-se à frente. Prontos para saltarem mesmo antes da barca ter atracado completamente. Inicia-se então uma corrida desabalada para os bondes, que os levarão ao destino. O que ai vemos é apenas o término de uma das etapas a serem vencidas no renhido torneio para a conquista de um lugar nos veículos.



Como se viaja no Rio... Excelente tema para fixar os flagrantes mais dramáticos destes dias inesquecíveis. Quando, mais tarde, a guerra não for mais que uma impressionante reminiscência e nós pudermos contar aos netinhos — pois os filhos participam da odisséia — o que representa de perigo para a própria vida ir de casa ao trabalho, ou regressar aos penates, os netos não de estremecer. Mas por certo não de olhar-nos com respeito e invulgar admiração. Porque nós somos heróis, verdadeiros heróis da guerra universal mesmo à distância.

"Gasta-se mais tempo e mais dinheiro nos transportes, viajando-se sempre pior" — diz-nos o leitor que sugeriu à **REVISTA** esta reportagem. Será preferível reproduzir alguns períodos da sua interessante carta:

"Imagine, sr. redator, que ao sair de casa, pela manhã, rumo ao escritório, em lugar de me dirigir para a cidade, tenho de encaminhar meus passos em sentido diametralmente oposto. Residindo nas imediações da rua Afonso Pena e trabalhando nas proximidades da Lapa, utilizo-me do ônibus 73. Pois bem. Os ônibus passam, horas e horas, com a luz vermelha, sinal de "Lotado". Por isso, costumo servir-me de um ônibus que venha da Lapa, desembolso mais vinte centavos e vou à praça Saenz Peña, onde eles fazem ponto. Lá entro na fila, e quase meia hora depois de ter saído de casa estou novamente passando na rua Afonso Pena. Conclusão: quando devia chegar ao escritório, apenas encontrei lugar, quando encontro, do contrário ainda terei de viajar nos "oito em pé". Nas horas de maior movimento esses ônibus chegam à praça Saenz Peña repletos de pessoas que, a exemplo do que acontece comigo, têm de ir ao ponto terminal para então voltarem ao centro da cidade. Positivamente, isto cansa — e pesa nas algibeiras, não lhe parece?"

Parece, sim, amigo leitor. Mas quem não estará no seu caso?

Um companheiro, "sub-pingente" no bonde da Light que hoje de manhã trouxe o repórter ao serviço, expunha o seu "caso" nos seguintes termos:

— Minha mulher sempre me recomenda não viajar no estribo. Si obedecer à advertência da mãe de meus filhos, acabo perdendo o emprego, pois não ganho o suficiente para viajar de ônibus e, mesmo que o pudesse fazer, não me consta que os ônibus resolvessem o meu problema. Como está vendo, assim viajo duas vezes por dia. Hoje ainda consegui pôr os dois pés no estribo... Muitas vezes faço todo o percurso com um pé no ar... A situação ainda se agrava quando preciso trazer algum embrulho — pão, manteiga com um peso de carne que obtenho "por favor" no açougue vizinho da casa onde trabalho. Mas estou vendo o dia em que outro bonde passa, de raspão, neste em que me encontro e lá vou eu desta para melhor — e a família não sabe...

O "sub-pingente" não perde o bom humor. Faz lembrar os londrinos sob o pesadelo das bombas-avião. Sorri e diz-nos ainda:

— Não há de ser nada, "velho". Sempre existe alguém ganhando na certa com a deficiência de transportes.



ESTE É UM DOS MUITOS MODOS DE VIAJAR NO RIO. OS OUTROS SÃO MAIS OU MENOS PARECIDOS. EM TODOS ELES OS PASSAGEIROS ARRISCAM AS VIDAS DURANTE VINTE MINUTOS OU MEIA HORA, COM ESTE MESMO SORRISO CONFIANTE. DESAFIANDO O FÉ IG?, PROVAVELMENTE ELES ESTARÃO APTOS A DAR O SALTO MORTAL NO TRAPÉZIO DE UM CIRCO. POR ENQUANTO ESTÃO VIVOS. SE A SORTE OS AJUDAR E OS MUSCULOS RESISTIREM, CHEGARÃO INTEIROS EM CASA PARA RECOMEÇAR AS ACROBACIAS NO DIA SEGUINTE.

— Quem? — indagamos.

— A Companhia dos bondes, naturalmente... Sim, porque os veículos viajam, hoje, com o triplo da lotação, e as despesas da Light não sofrem a mais leve oscilação... Si uma viagem apurava, em outros tempos, trinta ou quarenta cruzeiros, agora faz reverter para os cofres da Companhia noventa ou cento e vinte...

Os teatros e cinemas vivem repletos. O povo precisa divertir-se. Mas à meia-noite em ponto os derradeiros ônibus recolhem à garagem e os bondes passam a circular com intervalos triplicados. Super-lotados, é claro. O chefe de família que resolveu enfrentar a situação e distrair a família, vindo a um teatro da Cinelândia cuja segunda sessão, por falta de sorte, sofreu atraso e terminou depois de vinte e quatro horas, está mal de sorte. Tem de andar de Herodes para Pilatos melhor dito do ponto de ônibus para o ponto de bonde. E, como si desejassem ainda mais complicar a situação, as autoridades lembraram-se de espaçar uns dos outros. Antigamente a faixa branca do poste preto, indicando a parada de bondes, ficava nas vizinhanças da placa de ônibus. Depois, sob pretexto de se evitarem aglomerações maiores, uma distanciou-se da outra. E os postes são por sua vez mais afás-

tados. Isso faz com que ninguém possa esperar simultaneamente um ou outro meio de transporte. Precisa ontar. Resultado: si vai esperar bonde passam ônibus. E vice-versa...

— Resta o auto-lotação! — argumenta o otimista.

Mas o auto-lotação é caro. Cada viagem custa vinte e cinco vezes o preço de uma passagem de bonde de vinte centavos e quase dez vezes o preço de uma viagem de ônibus à razão de 80 centavos. Com a agravante de só existirem "coletivos" com algum conforto em direção à zona sul, sempre a privilegiada. Enquanto algumas linhas regulares, mesmo depois da meia-noite, podem conduzir a casa os notívagos residentes da Praia do Flamengo para Copacabana, apenas carros particulares, sem obedecer a horário algum, servem a zona norte. E si o *chauffeur*, em meio do percurso, não conseguiu meter no carro o número suficiente de passageiros, frequentemente pára na primeira esquina, ali na altura da avenida Presidente Vargas com a Rio Branco desistindo da viagem...

Mas quem viaja em ônibus e anda pela cidade à meia-noite, saindo do Fenix, do Ginástico ou do Serrador, ainda pode ter o suficiente no bolso para tomar um *taxi*. Que adianta o "suficiente"? Também não há *taxi*...

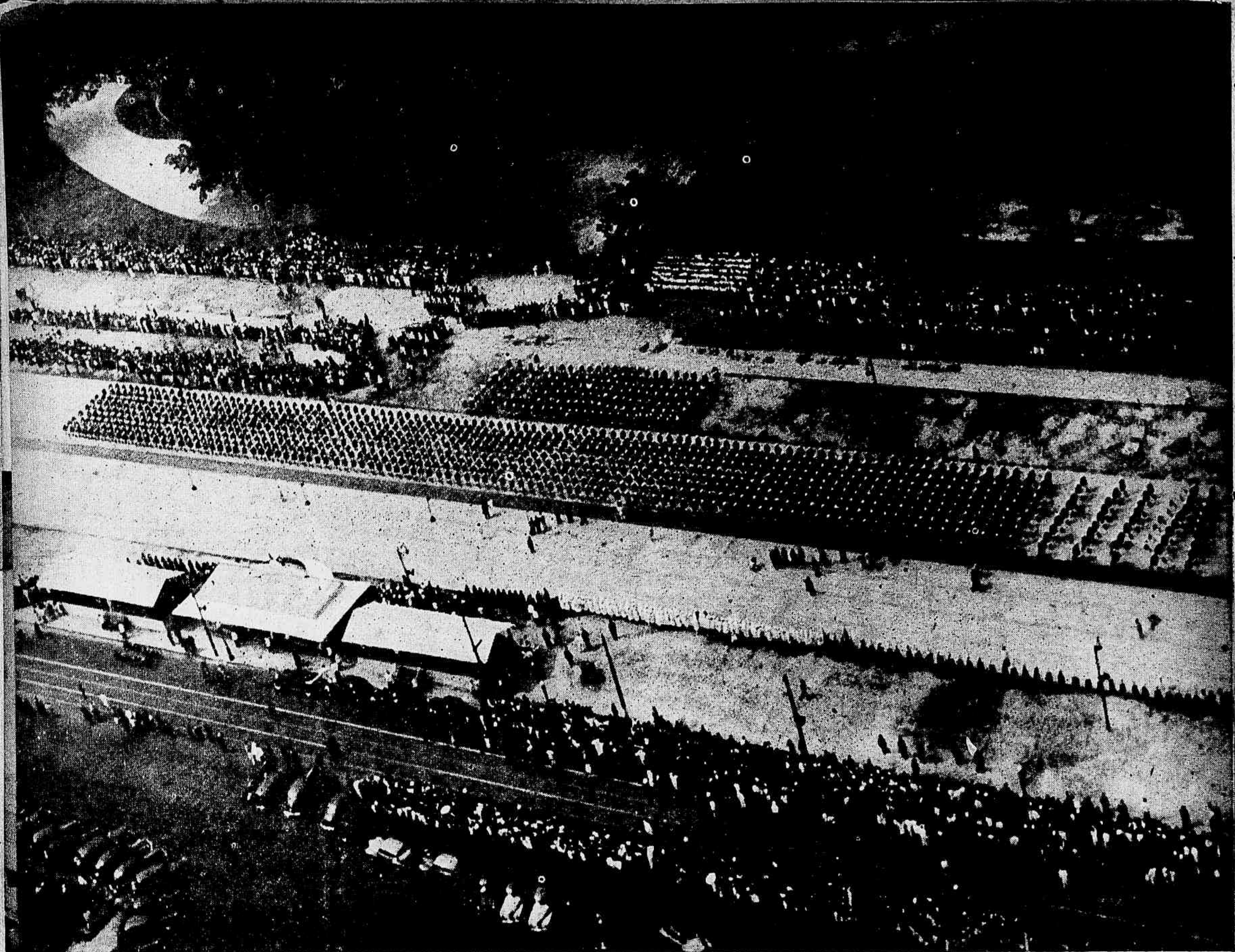
E ainda ninguém aprendeu a dormir pelas esquinas. Nem a polícia permite.

Numa cidade em que não há "metro" apesar do muito que já se falou nesta solução para os transportes, e em que a população aumentou assustadoramente de um momento para outro, não apenas pelo seu crescimento natural como pela chegada de refugiados da guerra, tornam-se inevitáveis essas dificuldades de trânsito.

Teem sido apresentadas algumas sugestões para solucionar o problema. Uma das mais razoáveis seria a racionalização nos horários de trabalho, tendo em vista o entrosamento destes horários com as conduções. A medida em questão já foi aliás posta em prática em Londres, com excelentes resultados. Esperemos que também aqui sejam tomadas providências neste sentido.

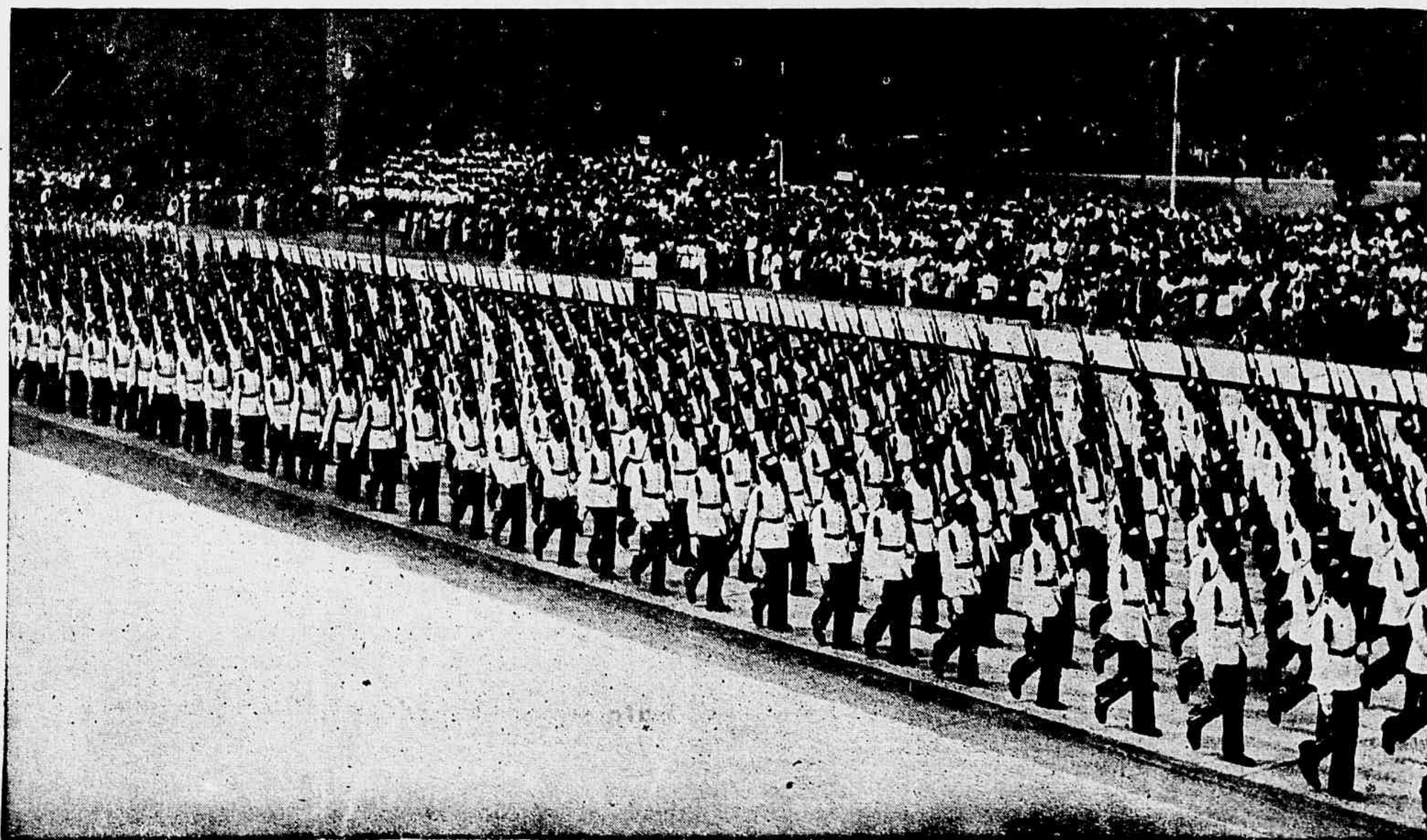
Entretanto, de certo modo, podem ser diminuídas as dificuldades mediante um pouco de boa vontade de uma parte da população. Por exemplo: as senhoras que fazem compras ou passeiam na cidade, voltando exatamente nas horas em que os empregados de escritórios e comércio devem voltar para casa. Com um pouco de compreensão e boa vontade poderá ser bastante facilitado o cruciante problema.

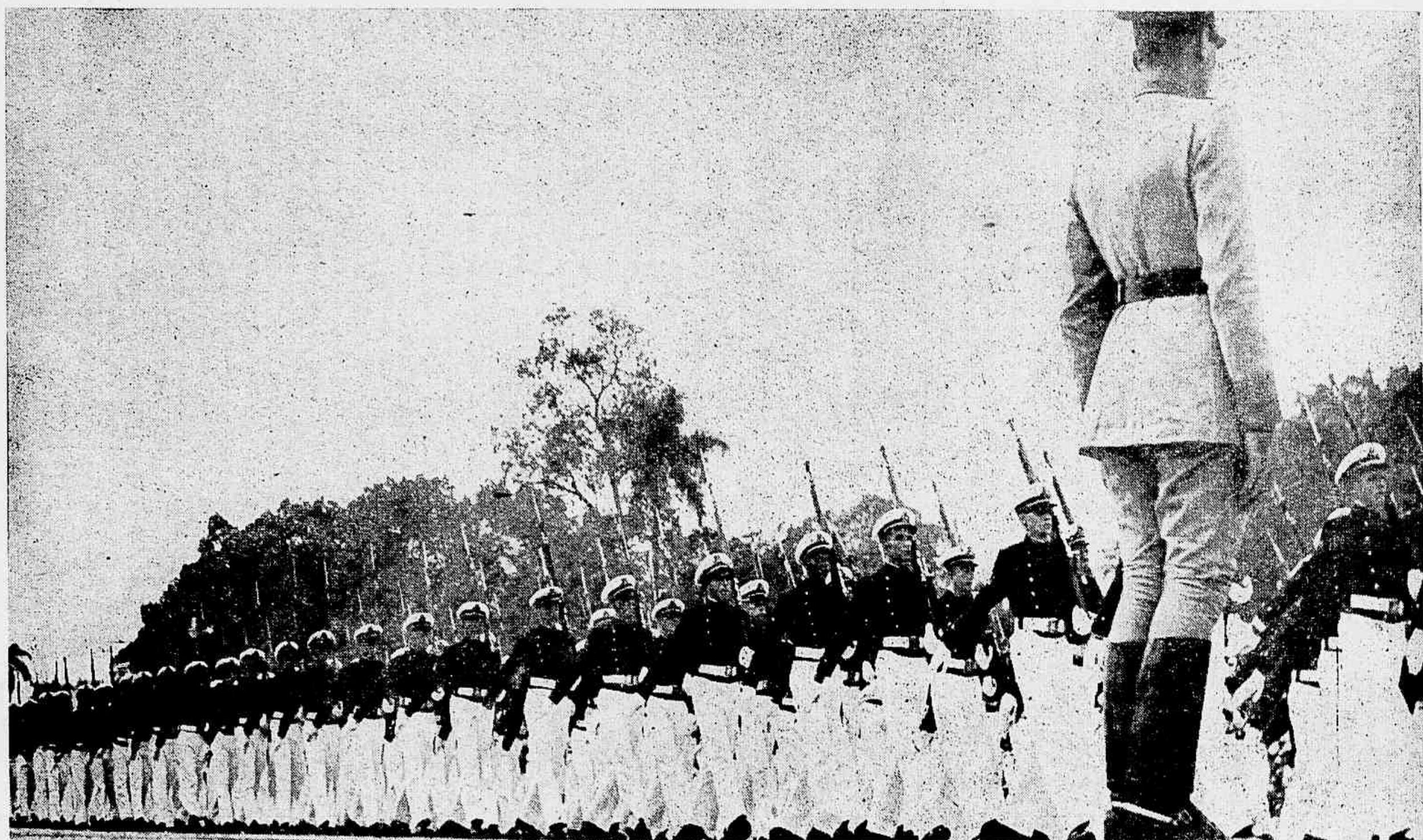
Outras providências já foram tomadas no sentido de facilitar o transporte. Entre elas está o bonde expresso. Esperemos que produzam os resultados desejados, de modo a — si não eliminar completamente — pelo menos diminuir os sofrimentos da população.



UM ASPECTO DAS TROPAS QUE DESFILARAM NA DATA MAGNA DA NOSSA INDEPENDENCIA. NAS ARQUIBANCADAS ARMADAS EM FRENTE AO CAMPO DE SANTANA, O POVO APLAUDE O GARBO E O ENTUSIASMO DOS SOLDADOS QUE DESFILARAM, MOSTRANDO A SUA EFICIENCIA.

FLAGRANTE DA ESCOLA MILITAR, QUANDO DESFILAVA ANTE O NUMEROSO PUBLICO, DANDO UMA DEMONSTRAÇÃO DO PREPARO QUE VÃO TENDO. NESTA ACADEMIA MILITAR, OS JOVENS QUE SERÃO OS FUTUROS OFICIAIS DO NOSSO EXÉRCITO.





A ESCOLA NAVAL FEZ-SE REPRESENTAR BRILHANTEMENTE NA PARADA DE SETE DE SETEMBRO. OS JOVENS QUE DIRIGIRÃO A NOSSA MARINHA DE GUERRA FIZERAM, PERANTE O PUBLICO, UMA DEMONSTRAÇÃO DO SEU ENTUSIASMO E GARBO.

O BATALHÃO DE GUARDAS, QUANDO PASSAVA EM FRENTE À CENTRAL DO BRASIL, MARCHANDO GARBOSAMENTE NOS SEUS IMponentES UNIFORMES. PODEMOS DISTINGUIR, NO EDIFÍCIO, O PÚBLICO QUE APLAUDIU AS NOSSAS TROPAS.

ASPECTO DA PARADA, TOMADO EM FRENTE AO QUARTEL GENERAL, DE ONDE AS ALTAS AUTORIDADES CIVIS E MILITARES ASSISTIRAM AO DESFILE DE NOSSAS TROPAS.



As comemorações pela data da nossa independência este ano revestiram-se de uma importância talvez apenas igualada no ano da proclamação da nossa emancipação política, quando o Brasil passou de colônia a um país soberano.

E' que vimos de tomar um lugar definitivo no concerto das Nações Aliadas, integrando-nos completamente no conjunto dos países que estão decidindo a supremacia dos seus ideais.

Numa hora em que as consciências nacionais de todos os países se deveriam pronunciar definitivamente entre ideais antagonicos que agitam o mundo na maior, mais sangrenta e decisiva conflagração jamais presenciada pela humanidade, o Brasil vem de tomar claramente o seu lugar. Nunca na história de nosso país foi solicitada uma decisão tão importante e de repercussões tão sérias e vastas como esta que tomamos.

Se as guerras anteriores vinham decidir a supremacia dos vencedores, dos seus mercados ou significavam apenas ganhos territoriais, esta que presenciamos e na qual tomamos parte significa muito mais. Ela define um conceito de vida e de civilização, que ficará definitivamente gravado na história.

Dando este passo, tomando esta decisão, o Brasil assinala perante o mundo e ante a história uma atitude e um ponto de vista que servirão para identifica-lo.

Só agora o Brasil, adolescente de ontem, parece ter atingido oficialmente a sua maioridade, adquirindo plena consciência das suas atitudes e das suas responsabilidades e accitando desde já as consequências possivelmente acarretadas pelas suas decisões.

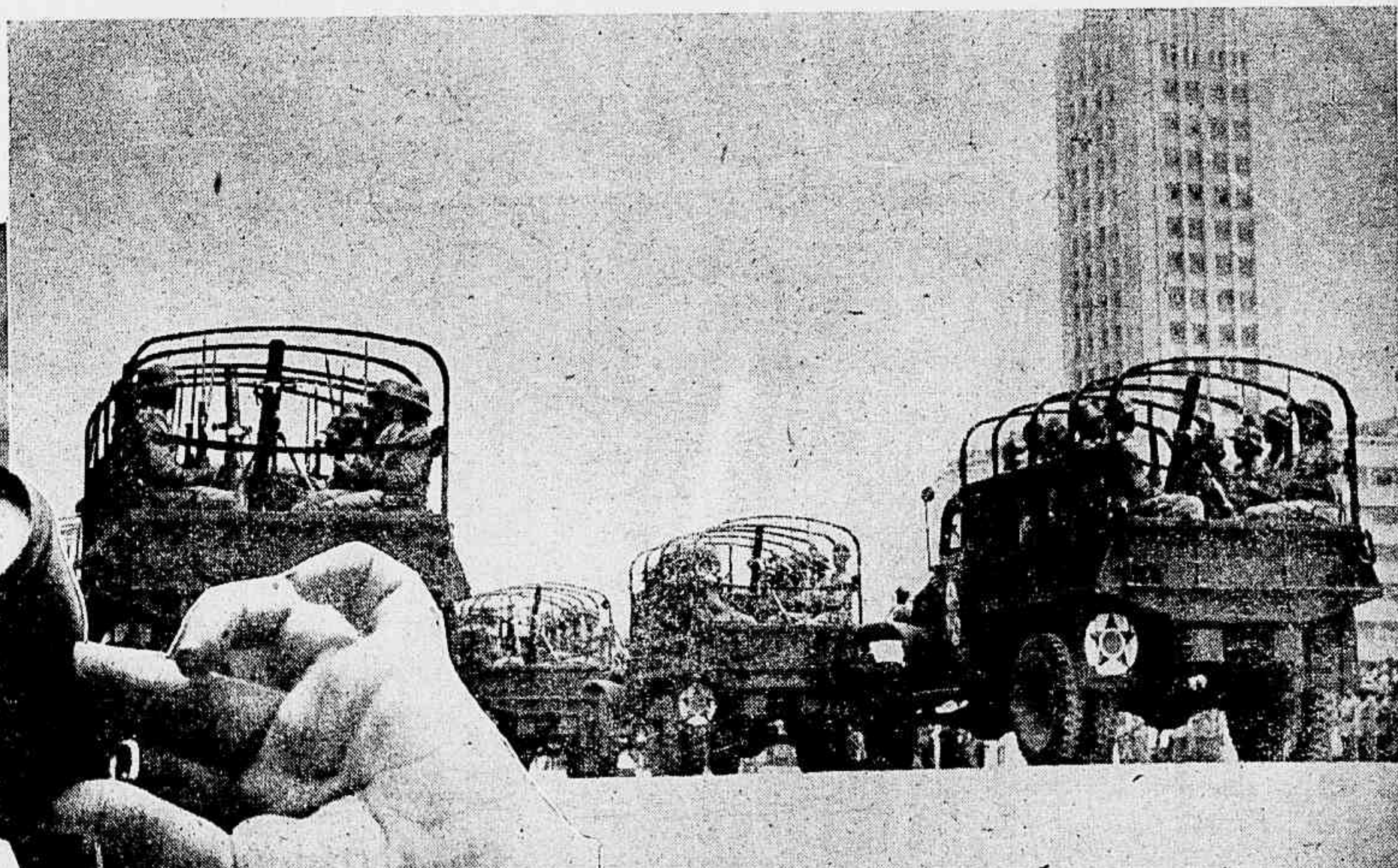
Formando ao lado das grandes potências mundiais na defesa dos ideais de liberdade e justiça, fazemos jús ao respeito dessas mesmas potências.

E a nossa atitude não se traduziu apenas em discursos ou manifestações esclarecedoras dos nossos pontos de vista e das nossas simpatias, mas na ação decisiva do nosso governo e de todas as nossas classes, culminando com a participação de nossas forças, de nossos



VEMOS NESTE FLAGRANTE REPRESENTADAS TODAS AS ACADEMIAS MILITARES DO NOSSO PAÍS, ONDE SE PREPARAM OS FUTUROS COMANDANTES DAS NOSSAS FORÇAS ARMADAS DE TERRA, MAR E AR, BEM COMO A OFICIALIDADE DA RESERVA.

O EXERCITO DO BRASIL SE MODERNISA RÁPIDAMENTE, OBEDECENDO Á MECANIZAÇÃO IMPOSTA PELA GUERRA MODERNA. VEMOS NESTA FOTO TRANSPORTES MOTORISADOS DO NOSSO EXÉRCITO QUE TOMARAM PARTE NA PARADA DE SETE DE SETEMBRO.



filhos que lutam agora ombro a ombro com os soldados aliados em território europeu.

A inclusão de pelo menos uma divisão brasileira no teatro de guerra, onde, incorporada às já agora veteranas tropas do V Exército do general Marc Clark, na frente italiana, enfrentará as forças do general Kesselring, representa concretamente a nossa participação na luta que decide os destinos da humanidade.

Entretanto, a presença das nossas tropas nas velhas terras da Italia, onde através dos tempos se desenrolaram algumas das mais decisivas batalhas da história, representa apenas um aspecto da nossa colaboração.

Não ha, em todo o território nacional, um só brasileiro que se tenha mantido á margem do grande passo dado pelo nosso país. A cooperação das nossas forças navais e aéreas, das classes trabalhistas e as parcelas de sacrificio exigidas de todos os brasileiros mostram o entusiasmo com que abraçamos os ideais de liberdade.

Se alguns dos momentos culminantes da nossa história, aqueles que vinham modificar a estrutura política ou economica do país, se processaram sem que o povo tivesse deles plena consciência, não se póde dizer o mesmo da nossa participação no atual conflito, no qual estão tomando parte todas as camadas do nosso povo, desde as mais representativas ás mais humildes.

Este fato vem provar que estamos agindo conscientemente e que é grande o nosso ansio de liberdade.

Na história da nossa pátria, a atitude que assumimos tem uma importancia decisiva, provando que sabemos e queremos lutar pelos nossos direitos contra aqueles que pretenderam ou venham a pretender um dominio sobre as nossas consciências.

O Sete de Setembro que acabamos de comemorar veio se revestir de uma importancia e de um significado impar na vida do Brasil como nação independente e consciente dos seus destinos.

DE Música

TOSCA -- BOHEME -- Jennie Tourel -- Camargo Guarnieri

A Temporada Lírica, que começou tão bem, com espetáculos cuidados, está decaindo muito à medida que se aproxima de seu fim. A Tosca que tivemos, com Solange Petit Renaux e Pedro Mirassou, foi bem fraca.

A música de Puccini nem sempre, nessa ópera, está à altura necessária para merecer a popularidade de que goza e sobretudo o número astronômico de representações que atinge, aqui, no Rio. Com um enredo melodramático

admirável. Representou muito bem. Porém cantou mal, em comparação com a maneira como cantou o mesmo papel, em temporadas anteriores. Nas notas mais graves, notava-se distintamente, a voz estava um tanto velada ao passo que os agudos não raro eram ásperos. Obteve, porém, uma ovação merecida na interpretação da ária "Vissi d'Arte".

Silvio Vieira, no papel de Scarpia, manteve a mesma linha, na representação, que estamos acostumados a encontrar nesse cantor, porém, quanto à voz, não estava nos seus melhores dias. Um tanto cansado, talvez.

Eltzova, Perrota e Damiano colaboraram.

O sr. Magnavita levou o seu habitual tombo, que, no final da ópera quando Tosca o empurra, provoca, inevitavelmente, risadas dos espectadores.

O maestro Guarnieri continua incurável no seu costume de prejudicar os cantores, abusando dos fortísimos.

A Bohème é "uma coisa que dá na gente, numa certa idade", como já se disse da Moreninha do Macedo. Mas não se pode negar que é uma coisa agradável. Valha-nos isso!

Todos os cantores, na Bohème, este ano, se esforçaram por representar com vivacidade e dar movimento à ópera, afim de que essa reproduzisse um pouco da despreocupação, do encanto da vida



PEDRO MIRASSOU

que ele se limitou a sublinhar com um comentário musical por vezes banal, a música melhora sensivelmente quando a vulgaridade da intriga também não é tão grande. Assim é a Tosca que cabe cantar os melhores trechos da ópera, pois essa personagem, por mais a calhar que venha para complicar a história do pintor, tem, ao menos, uma parcela de vida: é uma mulher ciumenta, capaz não só de fazer os maiores sacrifícios pelo homem que ama como de prejudicá-lo num momento de colera mais do que o faria um inimigo.

Além de Tosca, só o sacristão com a sua gula merece o nome de personagem real: Scarpia e sua vilania, assim como Mario e seu heroísmo, são criações que deixam muito à mostra a intervenção do autor para criar situações sensacionais.



SILVIO VIEIRA

Foi por tudo isso, e ainda mais por já termos ouvido a Tosca tantas vezes e tão bem cantada, até pela própria Solange, que nos decepcionou o espetáculo com Pedro Mirassou.

Esse tenor, de voz muito irregular, tem seus momentos felizes, porém em geral desagrada na sua maneira de cantar, sendo que o seu jogo de cena é bem medíocre.

Solange não primou como cantora Cenicamente, entretanto, como sempre



GIACOMO VAGHI

no Quartier Latin, que Murger descreveu, com tanta fidelidade e espírito tão fino, na sua "Vie de Bohème". E, se bem que, em alguns trechos, fosse um pouco exagerado o lado cômico, só tenho louvores para essa iniciativa que exigiu, não há dúvida, ensaios cuidadosos.

Como conjunto afinado e disciplinado, a ópera esteve ótima. Tudo correu bem.

Violeta Coelho Netto de Freitas emprestou a Mimi a sua graça, o seu encanto. Uma Mimi que podia, plausivelmente, morrer tuberculosa. Se bem que a soprano patricinha não seja exageradamente magra, o seu tipo "mignon" presta-se muito mais ao papel do que os pesos pesados italianos que temos visto afetando uma languidez desmentida pela robustez evidente.

Charles Kullman, como sempre, agradável. Voz um pouco cansada. Crio que este cantor está abusando. Canta demais. Em seu próprio benefício deveria limitar o número de espetáculos em que intervém a um por semana. Durante o primeiro ato esteve com a voz cansada; porém, no terceiro ato, cantou com muita expressão e dramatizou o final de maneira adequada.

Silvio Vieira esteve mais feliz no Marcelo do que no Scarpia. Mantendo a mesma naturalidade e o mesmo desembaraço no seu jogo de cena cantou muito melhor.

Giacomo Vaghi teve a honra do primeiro bis da temporada com um

"Vecchia zimarra" admiravelmente bem cantado.

Roberto Galeno, bem razoável no Schaunard.

Olga Nobre cantou e representou muito bem. Soube dar relêvo a sua Musetta sem recorrer à comichada exagerada.

O Sr. Guarnieri tem regido quase todas as óperas desta temporada. E se tomasse umas férias... Talvez, assim, voltasse um pouco menos vigoroso e prejudicasse menos os cantores com o ímpeto dos seus fortísimos.

O entusiasmo que Jennie Tournel não despertara no público, com a Carmen, ficou reservado para os concertos que essa admirável cantora deu, antes de partir, cantando inclusive em português, com uma dição perfeita, voz redonda e suave e uma técnica verdadeiramente assombrosa.

Essa cantora, sem favor um dos grandes nomes da música de camera contemporânea, entusiasmou o público, dando interpretações das canções de compositores brasileiros como raramente temos o privilégio de ouvir, mesmo por cantoras brasileiras.



VIOLETA COELHO NETTO DE FREITAS

E' uma pena que não tenhamos tido o prazer de ouvi-la mais vezes.

Interpretando composições de sua lavra, o maestro Camargo Guarnieri, incontestavelmente um dos maiores compositores brasileiros vivos, deu um excelente concerto na Escola Nacional de

Música, com a colaboração de Cristina Maristany. Talvez uma outra cantora pudesse dar mais relêvo às lindas canções do maestro; porém, em todo o caso, tivemos o prazer de ouvi-las, o que já constitui um privilégio raro, dado o escasso número de interpretações das obras desse admirável compositor.



SOLANGE PETIT RENAUX

Por que o Municipal, que vem repetindo, há tantos anos, certas óperas que já tiveram o seu dia, e que hoje estão pedindo aposentadoria, não nos dá o Malazarte de Camargo Guarnieri? Se bem que esta não seja uma de suas maiores obras, merece ser ouvida, pois incontestavelmente tem a marca do talento de seu autor.

ROBERTO LYRA FILHO

Solução do número anterior O Mistério dos Três Espiões

Cobb adquiriu a certeza de que o corpo de Byron fora trazido para a casa de Nada Nickolis. O assassino não se verificara lá. A posição dos pés de Byron, como estavam, provavam que eles haviam sido agitados depois da morte. O relaxamento dos músculos não permitiria que estivessem voltados para dentro.

COVARDIA

Por absoluta falta de espaço deixamos de publicar neste número o folhetim rádio-teatral de Berliet Junior, "Covardia", que tanto sucesso vem registrando. Que nos desculpem os leitores, prometendo reencetar normalmente "Covardia" na próxima edição.

A nossa Cara

Simultaneamente com a publicação, neste número, de quatro páginas incluindo os mais recentes figurinos oferecidos por Deanna Durbin, damos na sobrecapa uma recente pose da mesma e querida "estrela" da Universal em seu filme "Christmas Holiday", recém-concluído. Com as visinhanças da nova estação, esses modelos revestem-se de maior atualidade, por serem realmente destinados ao verão... Sendo Deanna Durbin uma das atrizes cinematográficas mais e melhor aproveitadas para a divulgação das novas "toilettes", tendo-se constituído, por direito de conquista, a favorita das nossas leitoras elegantes, acreditamos estar-lhes proporcionando um agradável serviço. Nesta mesma edição, reunem-se outras reportagens de grande interesse: A segunda da série de Ouro Preto, feita por Celestino Silveira; "Como se viaja no Rio", focalizando o angustioso problema da escassez de transportes, além de várias páginas com um completo serviço fotográfico sobre as comemora-



DEANNA DURBIN E A MODA DO VERÃO

ções da Semana da Pátria, inclusive o monumental desfile de 7 de setembro e a Parada da Juventude, completando o material que já na edição anterior havíamos divulgado.

EMPRESA DE TRANSPORTES MINAS GERAIS LTDA.



Dentre as empresas de transportes rodoviários que veem suprimindo, embora à custa de ingentes sacrifícios e titânicas lutas, a deficiência do tráfego marítimo e ferroviário acarretada pela extinta campanha submarina e pela mobilização da marinha mercante, podemos destacar, como pioneira do progresso e de inovações, a Empresa de Transportes Minas Gerais Ltda., que pode ser considerada uma organização líder no ramo em que desenvolve suas atividades.

Os dirigentes da empresa, no intuito louvável de bem servir o público e o comércio brasileiros, num esforço dinâmico e digno dos maiores encomios, se dedicam sempre ao trabalho de melhorar os métodos empregados pela organização, facilitando a entrega rápida de encomendas e mercadorias e, a par disto, assegurando uma armazenagem, sem riscos, dos volumes que lhe são entregues.

Significativo acontecimento constituiu o lançamento da pedra fundamental dos armazéns que a Empresa de Transportes Minas Gerais Ltda. construirá à rua São Januário 24, 26 e 30, cobrindo uma área de 5.100 metros quadrados, superfície que dá a perfeita idéia da grandiosidade do edifício e da capacidade de seus depósitos. Com esta construção vem a ser aumentado o patrimônio da conceituada empresa, cujos escritórios e armazéns funcionam agora à rua Beneditinos, 20. Nos novos armazéns se instalarão todas as dependências requeridas por uma empresa de transportes moderna, com plataformas para carga e descarga, garages, oficinas, residência para zelador e vigia, escritórios que ocuparão os dois andares superiores, e refeitório para empregados.

Dado o alcance das obras ora iniciadas, nada mais justo que a solenidade de que se revestiu o lançamento da pedra fundamental do edifício, realizado no dia 3 do corrente, à qual compareceu elevado número de pessoas, entre as quais o Dr. Celio Gonzaga Vieira da Silva, diretor da Empresa e a quem ela deve o progresso e a prosperidade que conseguiu alcançar.

Abençoada que foi por monsenhor Henrique de Magalhães, a pedra fundamental, juntamente com os jornais do dia, foi encerrada na caixa, onde também se fechou a ata da cerimônia, lida pelo Dr. Celio Gonzaga Vieira da Silva.

Em seguida foi servida aos presentes fina mesa de doces e champagne.

Estes armazéns, cuja construção será feita pela firma F. Saboia, com estacamentos executados por Christian & Nielsen,

sob a supervisão do arquiteto Dr. João Henrique Vieira da Silva, virão ampliar a capacidade da Empresa de Transportes Minas Gerais Ltda., que assim melhor poderá servir aos seus clientes do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Barbacena, Ouro Preto, Juiz de Fora, Niterói e Santos, cooperando como tem feito até agora, para o desenvolvimento dos transportes nos Estados em que tem estendido o seu grande círculo de ação.

Nas fotos que aqui reproduzimos, apanhadas pela nossa reportagem fotográfica durante a solenidade do lançamento da pedra fundamental do grande armazém da rua São Januário, podemos ver alguns flagrantes sugestivos da cerimonia, nos quais aparecem, do alto para baixo: O diretor da Empresa de Transportes Minas Gerais Ltda., Dr. Celio Gonzaga Vieira da Silva, quando colocava a simbólica pá de cimento sobre a urna onde se encerrava a ata da solenidade. A urna é descida pelo Diretor da Empresa, que se vê na gravura ladeado por senhoras de nossa sociedade, pessoas amigas, funcionários da grande organização e representantes da imprensa e das radio-emissoras cariocas. Finalmente, um grupo de empregados da Empresa de Transportes Minas Gerais Ltda., fotografado junto a um dos possantes e velozes caminhões utilizados pela organização em sua rede de transportes nos estados do Rio, Minas Gerais e São Paulo e no Distrito Federal.



JORGE CHEGOU À CONCLUSÃO DE QUE UM CRIME, PARA SER BEM SUCEDIDO, DEVE SER COMETIDO EM PÚBLICO; E, POR ISSO, FOI CHAMADO:

"O homem que matou em público"

Adaptação de um conto de ROY VICKERS

— Conhecia George Mácartney muito bem?

— Nada disso.

— O que?

— Estou dizendo que não o conhecia.

— Como é que não? Pois então eu não predisse tudo? Naquele dia em que você me apresentou ele, naquela festa, eu não disse que ele tinha cara de assassino?

— No entanto ele foi considerado inocente.

— Ora e tudo isso por que? Porque uma lei muito estúpida não permite ao pobre juiz ligar dois fatos cuja ligação está saltando aos olhos!

— Eu não acho nada disso. Acho que a lei tem por fim — como devia — proteger um homem que pode ser acusado por uma simples coincidência.

— Ora, e nas águas das simples coincidências, que são raríssimas, vão os assassinos repugnantes.

— Você tem certeza de que o homem matou?

— Claro. Eu não disse a você que ele tinha cara de criminoso?

— Ai, ai, ai! Nós estamos voltando para onde começamos.

— Pois é lógico. Você não entende as coisas!

— Quem foi que disse? Você pensa que só porque um camarada tem cara fechada logo há de ser assassino?

— Nada disso. Eu não sou tão idiota assim.

— Então porque, mulher de Deus, você fica aí com essa cara de adivinha

dizendo que sabia muito bem que ele era um assassino?

— Ora, não precisa ficar zangado. Só por que você não tem a mínima parcela de intuição pensa que ninguém mais pode ter...

— Intuição? Ora!

— Não sei por que esse arzinho de mofa. Não foi a minha intuição que lhe mostrou que aquele homenzinho do rádio era um ladrão?

— Não foi minha intuição que me disse que não comprasse naquele alfaiate. E dois dias depois o homem foi preso...

— Eu só queria que a sua intuição desse em coisas mais agradáveis...

— Intuição não se regula, filho!

— Ora!

— Quando você não encontra argumentos, vira a cara e diz: Ora!

*

Quem seria esse George que até discussões entre casais que nada tinham a ver com ele provocava? Quem seria esse rapaz?

Vejamos. Onde estava ele agora? Na prisão, é certo. Porém seria solto imediatamente. Sabia disso. E se regosijava. Matara e ficava impune! Como? Bem, para contar isso temos que voltar alguns anos, muitos anos atrás. Voltar, aliás, à infância do nosso amigo George.

Dizem, por aí, que um assassino já nasce feito. Eu creio que não. Pelo menos, se um lamentável incidente não houvesse ocorrido, quando George era ainda um garoto, ele não teria, mais

tarde, assassinado a sua primeira vítima.

George não teve influência paterna na sua vida. Se bem que o pai fosse um ladrão, não acredito que fosse por influência desse fato que ele matasse. Não acredito que fosse por hereditariedade. Foi por causa do pai que matou, não há dúvida. Mas, por causa remota. Explicarei.

O pai fora preso e estava sendo julgado por umas irregularidades nos seus livros, na firma em que trabalhava. Era um caso muito desagradável. Mas o velho estava certo de que seria solto.

— Não se preocupe, disse à mulher, antes de partir.

E a esposa:

— Cuidado, John. Não vá falar demais.

E John, como era quasi certo, falara demais. Quando o advogado hábil já estava quasi conseguindo a sua absolvição, o promotor obrigara-o a contradizer-se e, desde aí, fora tudo por água abaixo. John foi preso e condenado.

Em casa, estava George sozinho com a empregada. A mãe fora ao tribunal. Só Grace estava ali para servi-lo.

— Vá.

— Mas, Sr. George, o senhor já comeu mais de uma lata.

— Quero mais.

— O senhor vai ter indigestão.

— Vai depressa senão eu conto a mamãe que você sai à noite com o chauffeur.

— Mas, Sr. George...

— Quer que eu conte?

— Está bem. Sr. George.

"Este menino precisa mas é de uma boa surra! Mal educado!" pensava a criada ao encaminhar-se para a copa.

Nesse instante, soou o telefone.

— Grace?

— E', sim senhora, madame. A senhora precisa de alguma coisa?

— Não, Grace. Queria só que você dissesse ao George que não me espere para jantar.

— Sr. George já está à mesa...

— Otimo. Diga a ele que vá se deitar direitinho. Chegarei tarde.

— Sim, senhora. Madame?

— Que é?

— O Sr. Dr. foi condenado?

Houve uma pausa.

— Dez anos. Mas não diga nada a ninguém ouviu?

— Sim, senhora.

A patroa desligou o telefone e Grace voltou para a sala.

— Onde está meu doce?

— Não trouxe.

— O que?

— E agora em diante, Sr. George é bom o Sr. tomar muito cuidado como fala. Seu pai está na cadeia...

— Mentira!

— Está, sim, senhor...

— Mentiroso! Você é uma egua mentirosa.

Ah, eu já estava esperando por isso.

E, sem esperar, ela agarrou o rapaz e começou a dar-lhe vigorosas palmadas no lugar apropriado para isso

Continua na pág. 54



MR. COOPER... PAI E FILHO — EM MEIO À FILMAGEM DE "CASANOVA BROWN" DA RKO, GARY COOPER FOI AGRADAVELMENTE SURPREENDIDO COM A VISITA DE SEU PAI, MR. CHARLES COOPER, JUIZ EM MONTANA, A QUEM NÃO VIA DESDE MUITOS MESES. E AQUI ESTÃO PAI E FILHO, RADIANTES COM A OPORTUNIDADE DE POSAREM JUNTOS PARA O FOTOGRAFO. GARY COOPER ENCARNARÁ O PAPEL DE CASANOVA E PELA PRIMEIRA VEZ O VELHO MAGISTRADO PÔDE ASSISTIR A UM DIA DE TRABALHO DO FILHO. E DEU-SE POR SATISFEITO, EMBORA RECOMENDANDO AO RAPAZ QUE NÃO DEJASSE COM TANTA IMPETUOSIDADE...



GEORGE MURPHY NA INTIMIDADE E' ASSIM. — NOS INTERVALOS DE SEUS TRABALHOS CINEMATOGRAFICOS, GEORGE MURPHY DEDICA-SE POR INTEIRO À ESPOSA. PORTAS A DENTRO DO LAR, VIVE UMA EXISTENCIA QUIETA E FELIZ, AO CONTRÁRIO DO QUE MUITA GENTE PRESUME EM SE TRATANDO DE UM ATOR DA TELA. AQUI O VEMOS APRECIANDO OBJÉTOS EM MINIATURA, DA PRECIOSA COLEÇÃO DA ESPOSA. A MESA E ESSE CONJUNTO DE PEÇAS CONFECCIONADAS EM PRATA, REPRODUZEM FIELMENTE OUTRAS EM TAMANHO NORMAL, EXISTENTES EM CASA DO CASAL GEORGE MURPHY.

KATHARINE HEPBURN E PEARL S. BUCK — A NOVELISTA PEARL S. BUCK, AUTORA DE "A ESTIRPE DO DRAGÃO", QUE A METRO ESTÁ FILMANDO, EM VISITA A KATHARINE HEPBURN, PROTAGONISTA DO FILME, VENDO-SE AO CENTRO TURHAN BEY, TAMBEM DISTINGUIDO COM UM PAPEL DE RELEVO. PELA PRIMEIRA VEZ A ESCRITORA SE ENCONTRAVA COM A FAMOSA "ESTRELA", TORNANDO-SE DESDE ENTÃO INSEPARAVEIS AMIGAS E COMPANHEIRAS. FALA-SE QUE MISS BUCK PASSARÁ A ESCREVER ARGUMENTOS ESPECIALMENTE PARA MISS HEPBURN, TUDO DEPENDENDO, ENTRETANTO, DO EXITO QUE ESSA PRIMEIRA EXPERIENCIA VENHA A REGISTRAR.



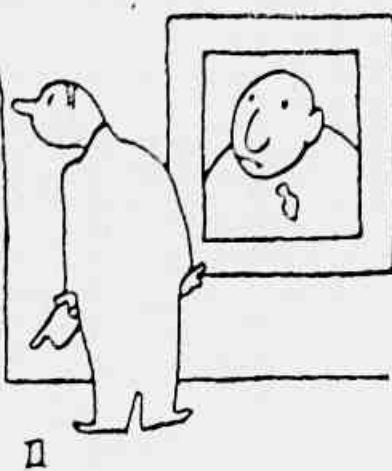
CHARLES MC. CARTHY E OS BRASILEIROS — ESTE GRUPO FOI BATIDO ESPECIALMENTE PARA O BRASIL, MOSTRANDO-NOS DIVERSOS ELEMENTOS BRASILEIROS DESTACANDO-SE OS RAPAZES DO BANDO DA LUA, COOPERANDO COM EDGAR BERGEN E SEU BONECO CHARLES MC. CARTHY, EM UM FESTIVAL DE BENEFICIO DOS MEXICANOS. DIZEM-NOS QUE CHARLES MC. CARTHY FEZ ESPLENDIDAS IMITAÇÕES DE CARMEN MIRANDA, ESTA NÃO COMPARECENDO POR ESTAR NESTA NOITE COM FILMAGEM MARCADA NOS ESTUDIOS DA FOX. OS BRASILEIROS CONTINUAM COM O "CARTAZ" ALTAMENTE COTADO EM HOLLYWOOD...

DE CINEMA

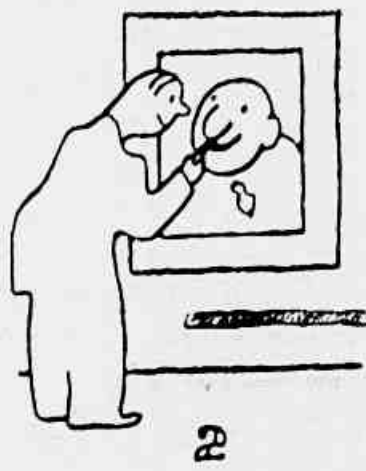
EDDIE CANTOR CONTINUA EM FORMA — DEPOIS DE LONGA AUSENCIA DOS CENÁRIOS CINEMATOGRAFICOS, O COMICO DE "O MEU BOI MORREU" VAI VOLTAR, NO FILME DA RKO — "E O ESPETÁCULO CONTINUA". ESPERA-SE QUE EDDIE CANTOR REGISTE OUTRO SUCESSO, IGUAL ÁQUELES DA SUA PRIMEIRA FÁSE. DURANTE ESSE TEMPO, ELE ATUOU NOS PALCOS DA BROADWAY E JAMAIS INTERROMPEU SUAS AUDIÇÕES PELO RÁDIO. AQUI O VEMOS EM UM DOS PRIMEIROS "STILLS" DESTE NOVO FILME. PELOS MODOS, A HISTORIA É ALEGRE. E, COMO SEMPRE, DEVEM APARECER BONITOS PALMINHOS DE ROSTO... SÓ PALMINHOS DE ROSTO? NÃO! PERNAS TAMBEM...



GALERIA

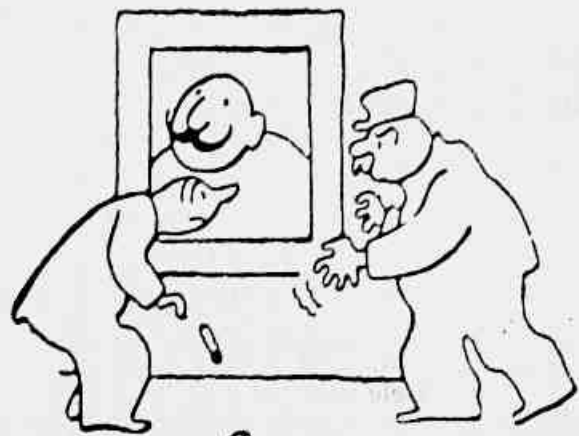


1

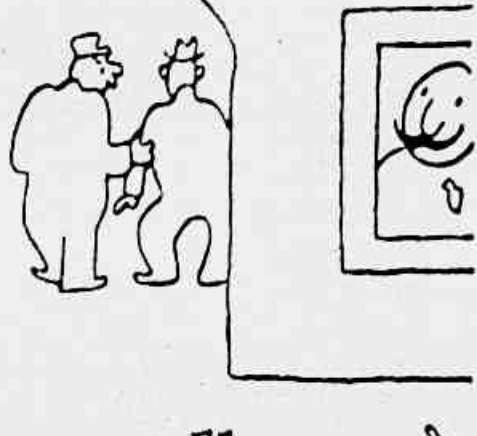


2

GALERIA



3

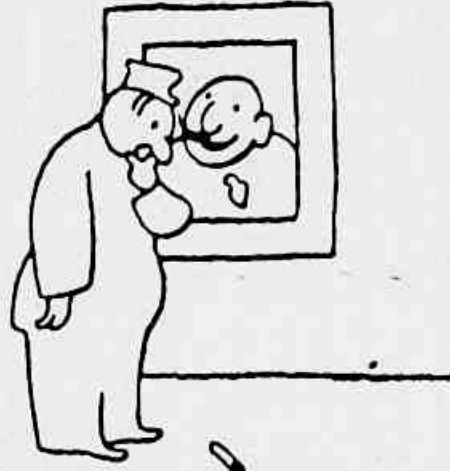


4

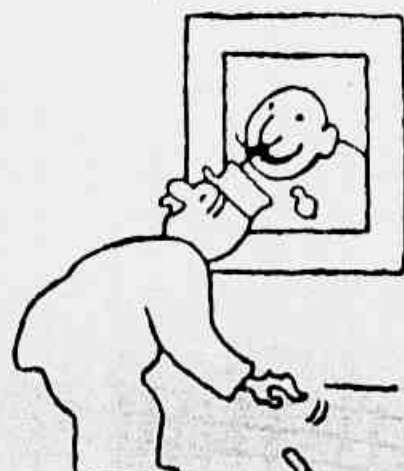
LERIA



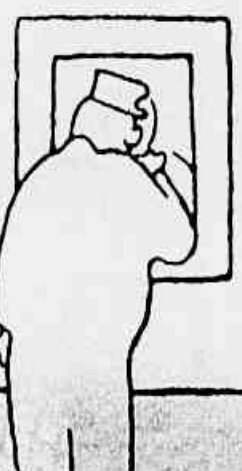
5



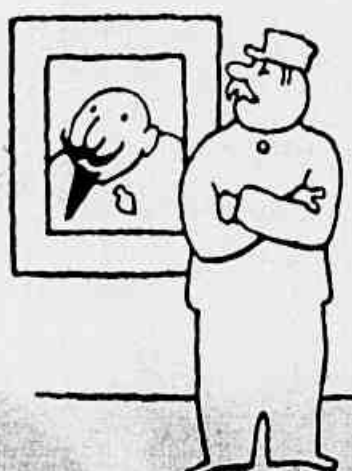
6



7



8



9

TEA



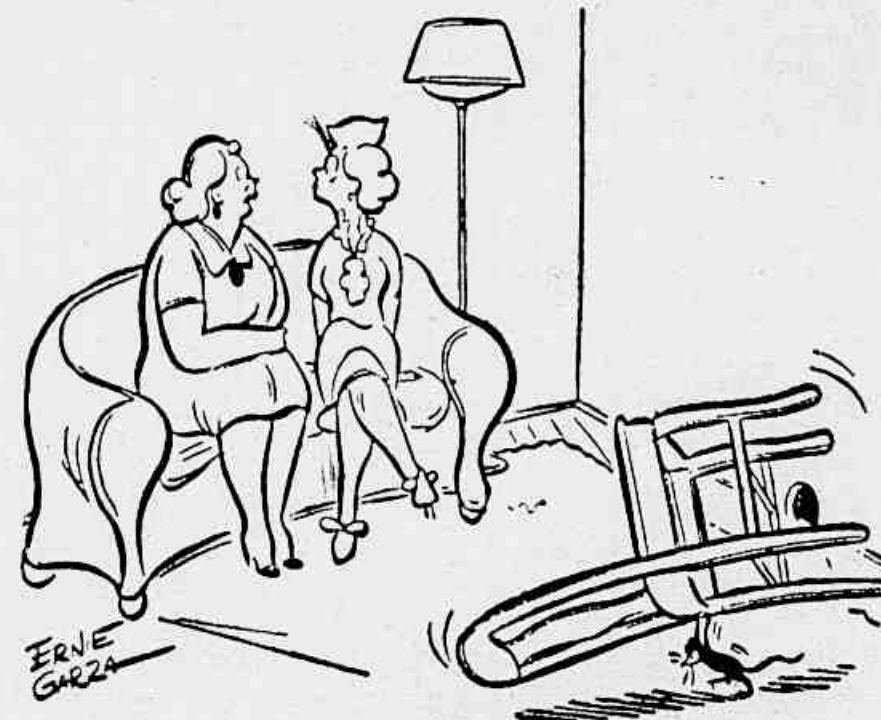
Pronto! Não foi assim tão difícil.

de
Bom
humor



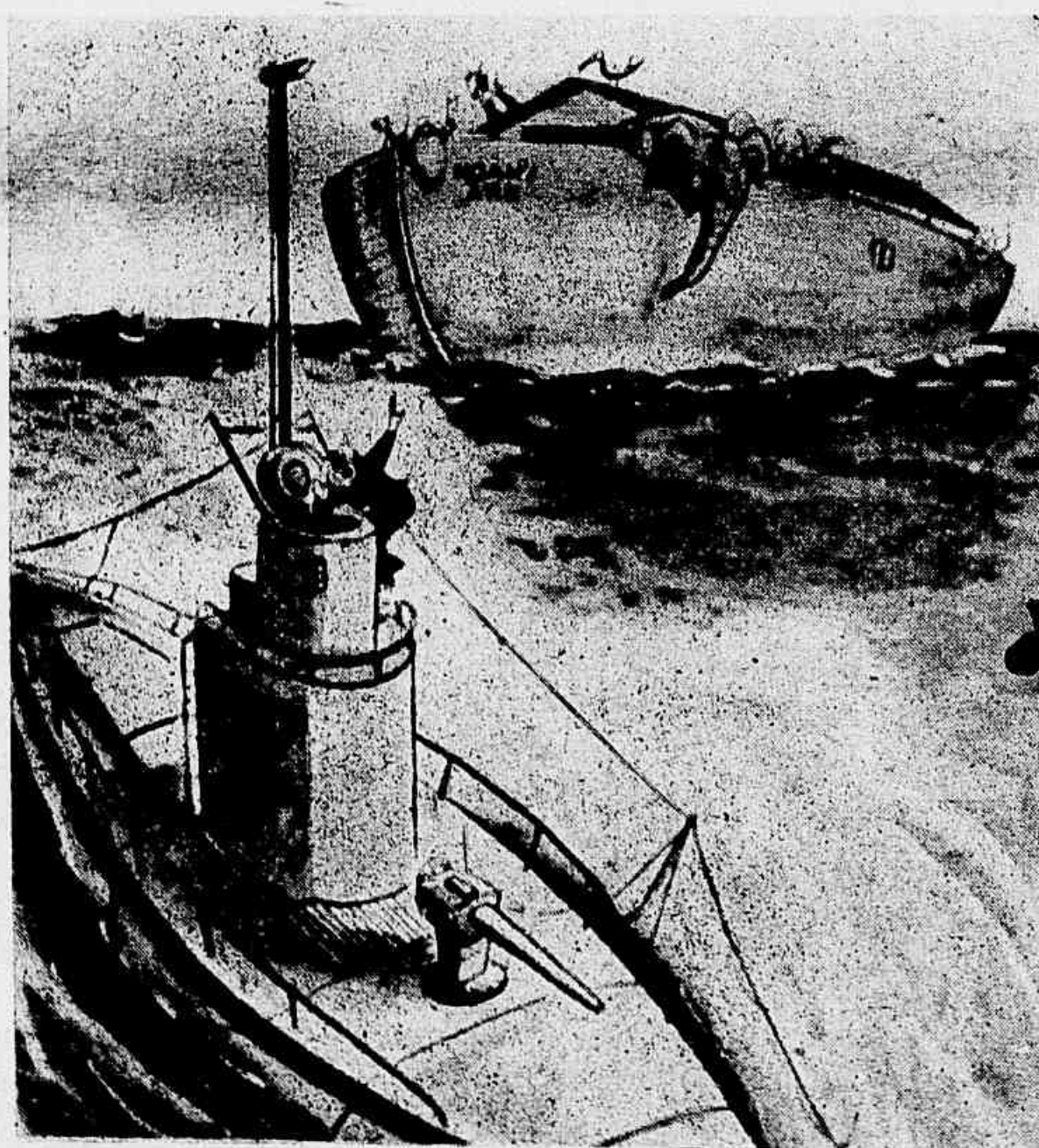
LEO
GAREL

Não desarrume a minha mēsa. Eu sei exatamente onde está cada coisa!



ERNE
GARZA

Já ouviu falar naquele queijo contendo vitamina B1?



Capitão! Acho que descobri uma nova espécie de "camouflage"!



PORQUE somos, todos, iguais vítimas das letras, ó meu amigo, tu pela glotoneria intelectual que não distingue uma casca de noz do arroz de forno, eu pela necessidade estranhamente sádica de torturar, com sedições novidades, tua alma viciosa e insaciável — porque somos todos vítimas, unamo-nos como vítimas numa tréguazinha momentânea que seja. Fraternizemo-nos. Não te vou contar, portanto, desta vez, a história sabida da morte de Sócrates, o grego. Pior: ardo por uma confiança a sós contigo. Para delatar-me. Para revelar à polícia doutra consciência escura, como a que possuo, o primeiro crime de minha infância ensombrada; e eternizar ao mesmo tempo, nos dez minutos da narrativa, um nome — o de Sócrates Pantaleão de Oliveira e Melo, paladino das Ilhas Britânicas nascido em terras de Sambaitiba, cerra-fila do magistério apostolizante, meu venerando professor de Inglês:

Naquela tarde de Novembro, a dispêpsia de nossa ignorância teimava em não digerir um trecho de Milton, a quem, seja dito de trânsito, odiávamos sobremancira porque nos fazia perdido todos os dias o paratizo do recreio... De súbito, porém, a classe estarecida assistiu a algo de estupidamente trágico: erguendo-se num hausto, olhos

desorbitados, tombara sobre a mesa o velho Sócrates Pantaleão. Daquí ainda lhe vejo a contração dolorosa do rosto, a mão crispada na toalha muito branca, onde duas rosas de sangue, vivíssimas, pareciam as irmãs maiores de outras rosas cabotinamente vermelhas que urra jarra levantava a um canto qualquer.

Era eu quem nessa hora fazia a leitura do texto, em voz bem alta segundo o preceito do mestre. Então, se fui dos primeiros a presenciar-lhe a morte, por que me não levantei também atropeladamente como os demais companheiros, presas do pânico, e antes, na indiferença daquele retrato a óleo que se debruçava da parede da sala, me deixei estar friamente no banco fronteiro à mesa do professor? — Ninguém nunca o soube; só tu agora o saberás, ó criatura igual a mim que já assassinaste em pensamento uma boa dúzia de Sócrates Pantaleões!

Fui eu quem o matou! Lembra-me que o desejo de esganá-lo me viera instantâneo, desde que, por deteriorar na pronúncia uma frase açucarada de Longfellow, sofri o pior castigo de minha vida: a entalação dum Marquês de Maricé inteirinho, copiado à unha, com toda a desova abundantíssima de *Múzimas*, *Pensamentos e Reflexões*... O planejamento do crime cresceu, entanto, com vagareza de planta, e começou de

abotoar sobretudo depois que fui de visita a uma tia doente, cardíaca, que centralizava as atenções da família ciosa de lhe multiplicar os curinhos e de evitar-lhe aborrecimentos encurtadores de tão santa vida. "Pode morrer a qualquer momento — dizem-me. Uma contrariedade ser-lhe-á fatal."

Por que mistérios frase assim tão simples me ficou a verrumar a cabeça, onde a gafarina de aluno interno encobria aos olhos do mundo as então nascentes bossas lombrosianas? Por que? Que estranhável associação de idéias me levaria, em pontes pênseis, até a imagem do professor e, por desvãos, ao meu intento de vingança, naquela noite morna de sábado em que voltei a pé para a casa de meus pais? — Não no saberia responder. Na verdade o que existia era uma correlação absoluta entre o aneurisma de minha tia e a rijeza quase britânica do lente. Fora o mesmo que querer aproximar um vaso de porcelana, transparente e esgalgo, e o pote de barro, bojudo e forte, em que meu pai cultivava, entre outras manias, a mania inocente das suas caetáceas... E' que Sócrates Pantaleão, ainda que velho, e atarracado, e lento, possuía um timbre primavera na voz. E que firmeza a sua na exposição de regras e de exemplos catados a pínça em solenes in-fólios narcotizantes! Ninguém mais pontual nem mais austero.

E, a par, ninguém mais usurário na distribuição de notas ou mais berrantemente indignado toda a vez em que a mandricar ou a nossa velluaria estropiava, com plena consciência, a verdadeira prosódia dos textos. Era de ver-lhe o incêndio do rosto, mal uma vizinha aflautada e sorna, chamada à lição, principiava de ler numia ingressia barbaresca, à moda do Congo, e a traduzir confiante apenas no instinto. Sobre-tudo, tinha um ponto de honra o professor: era a pronúncia. Queria-a lídima, pura, londrina, pronúncia papa-fina, pronúncia-lorde na Câmara dos Comuns.

Vê tu mesmo agora, leitor, o que são pontos de honra. Tal e qual isso de pontos no pulmão. Sinais de futuras cavernas devastadoras no pulmão ou no gênio da gente. Tinha-lhe eu descoberto ao mestre, desde logo, esse ponto fraco da alma; preciso me fora achar depois o ponto fraco do corpo, o seu calcanhar de Aquiles, para desferir o raio daquela vingança que há tanto me trovejava na escuridão dos sentidos... E a descoberta, longamente intentada, veio afinal uma manhã: o calcanhar de Sócrates era o seu coração! Rís-te? O homem era também um cardíaco. Vi-o engulir certo remédio num intervalo de aulas e não mais me pude ter em mim daí por diante. Mexi-me, indaguei,

(Continua na página 47)

A MORTE DE SÓCRATES

Conto de Horacio Pachêco

Ilustração de Arcindo Madeira



Não é de hoje que Deanna Durbin vem ditando modas e modelos às pequenas elegantes de vários continentes.

Até onde seus filmes aparecem, ou mesmo onde apenas surgem fotografias da sempre querida *estrela* da Universal, seus figurinos são imediatamente copiados e divulgados em larga escala. É que poucas artistas do cinema americano conseguem reunir, com tanta facilidade, a soma de fatores agradáveis ao grande público feminino, o que acontece com a protagonista de *Christmas Holiday*, seu mais recente filme. Daí o presente régio que hoje ofertamos às nossas leitoras, com várias pôses de miss Durbin, espalhando-se desde a capa até estas duas páginas. À esquerda, um corte simples e esportivo de blusa, próprio para as manhãs do verão que se aproximam, podendo ser usada com saia-calça, para maior realce. E à direita uma *toilette* de passeio, enriquecida com um chapéu de aba larga, tudo confeccionado em tecido de côc escura, azul-turquesa ou verde-garrafa, de preferência. Lavar, pretas e bolsa de camurça ou de couro. Nenhum enfeite.

✱

Em outras páginas desta mesma edição, as leitoras vão encontrar outras sugestivos modelos também apresentados por Deanna Durbin, a "estrela" que não perde o cunho da elegância, antes o aperfeiçoa e realça à medida que o tempo vai passando. De modo algum o tempo poderá prejudicá-la, sabendo-se que sua aparição no cinema deu-se quando era ainda menina e nem sequer se entregava a cogitações sentimentais. Depois, os filmes sucederam-se, a idade foi favorecendo Deanna Durbin e o matrimônio que se consumou ainda mais a prestigiou junto aos "fans". De uma simples cantora com certas habilidades de comediante, convertem-se em uma esplendida interprete dramatica, sem perder, no entanto, aquela sua primitiva qualidade.



À ESQUERDA, CASACO DE GOLA ABERTA, COM QUATRO OU CINCO BOTÕES, MANIGAS COBERTAS PELO COTOVELO, A RESALTAR NOS VÓRTICES DE DEANNA DURBIN, ABSOLUTA AUSÊNCIA DE JOIAS OU DECORAÇÕES EM METAL, QUE OUTRAS "ESTRELAS" TANTO APRECIAM.

À DIREITA, OUTRA PÔSE DA MESMA ARTISTA. O CASACO É O MESMO, ENTREABERTO PARA DEIXAR SOBRESAÍREM O TIPO ESPORTIVO, E A GOLA MAIS FECHADA, EM TECIDO QUADRICULADO. NO CASACO, DOIS BOLÇOS À ALTURA DO PEITO. TRAJE FAVORITO DA ARTISTA PARA O ESTÚDIO.



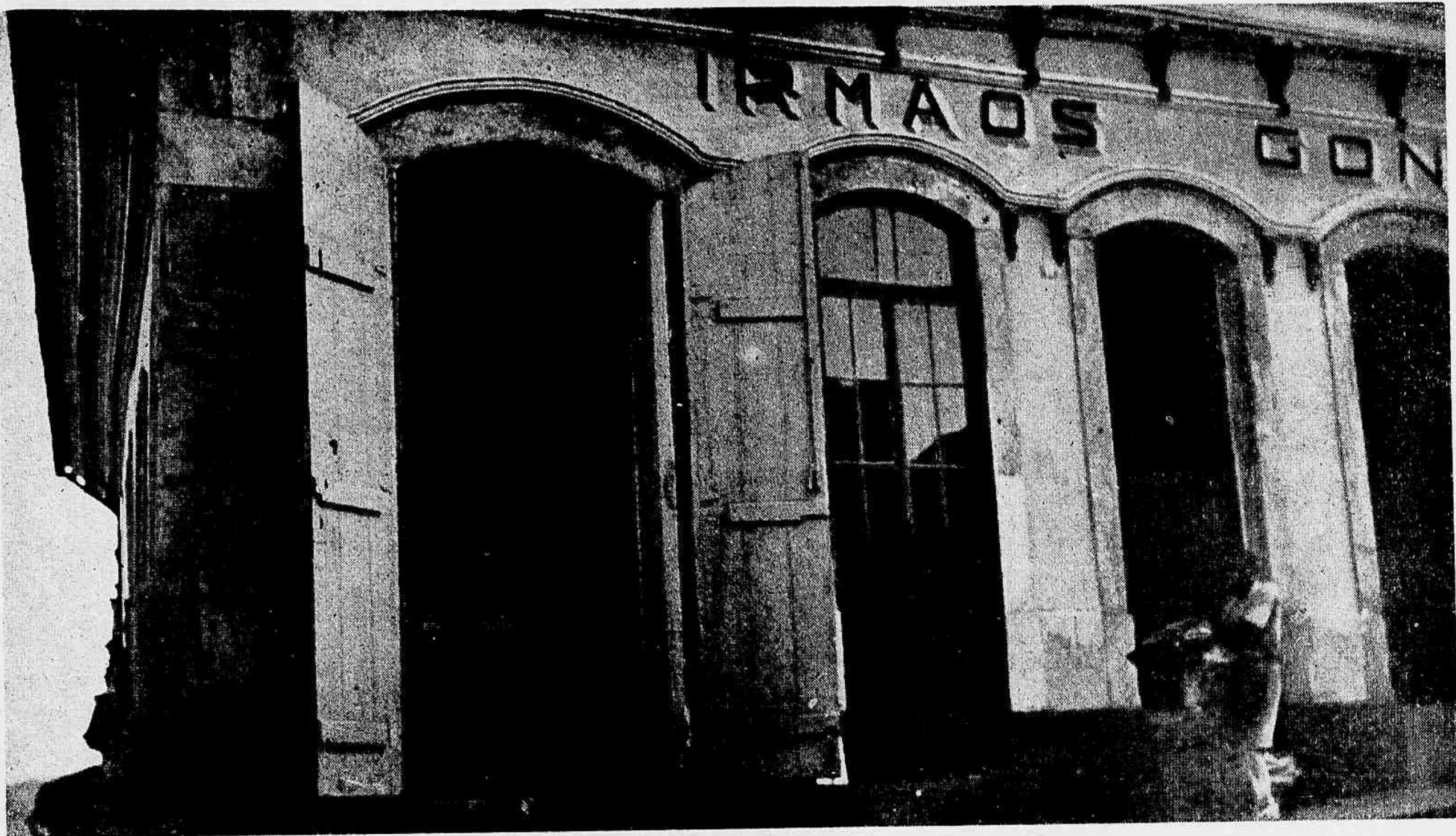
QUEM VAI A OURO PRETO DIFICILMENTE DEIXARÁ DE CONHECER A VIZINHA CIDADE DE MARIANA. OUTRO HISTÓRICO RINCÃO BRASILEIRO, EMBORA SEM O MESMO E RIGOROSO ESTILO COLONIAL QUE SE FAZ SENTIR NA ANTIGA VILA RICA. PEQUENAS TRANSIGÊNCIAS TEM SIDO FEITAS AO PROGRESSO, EM MARIANA, QUE AINDA ASSIM CONSERVA MUITAS E GLORIOSAS TRADIÇÕES, COMO SE PODE VER ATÉ MESMO DA GRAVURA ACIMA, BATIDA POR OCASIÃO DE NOSSA EXCURSÃO. TAMBÉM SOBRADINHOS À MANEIRA ANTIGA, LADEIRAS, IGREJAS NO ALTO DAS COLINAS — E TUDO QUIETO, APARENTEMENTE ADORMECIDO, REPOUSANTE...

26

Ouro Preto - aspectos pitorescos e desconhecidos

Reportagem de CELESTINO SILVEIRA

Fotos de ARNALDO VIEIRA



— Moço, o senhor quer ver a casa onde morou Tiradentes? Eu sei, eu posso lhe mostrar... E' por aqui... Lá em cima...

E o garoto de olhar vivo, de sorriso escancarado, aponta com o dedo pouco limpo o alto da ladeira. Não exerce as funções de cicerone por profissão, mas por amorismo. Com certeza saiu de casa, pouco antes, com a incumbência materna de comprar, fôsse o que fôsse, no ar-

Os sete "PASSOS" DA PROCISSÃO DE SEXTA-FEIRA SANTA, DISTRIBUEM-SE PELOS MAIS VARIADOS PONTOS DA CIDADE. ESSE, QUE A GRAVURA MOSTRA, ESTÁ SITUADO NA PRAÇA TIRADENTES, NO MESMO CORPO DO EDIFÍCIO ONDE ENCONTRAMOS UM ARMAZEM DE MANTIMENTOS. A CHAVE FICA O ANO INTEIRO COM O PROPRIETÁRIO DO ARMAZEM. DENTRO DO "PASSO", UM ALTAR ONDE, NO TRANSCURSO DA PROCISSÃO, UM SACERDOTE DIRIGE A SUA PRÉDICA AOS FIEIS, AGLOMERADOS, AOS MILHARES..

mazem da esquina, e resolveu fazer jús a alguns níqueis.

— Depois também posso lhe mostrar a casa dos conspiradores, do outro lado da estação... E' só descer por aqui, subir lá adiante — e pronto... Si o senhor quer, eu vou justamente para lá...

Não há maneira de dispensar o auxílio do garoto. Mesmo porque si lhe rejeitássemos a



A' ESQUERDA: A ATUAL CADEIA, NO POSTO POLICIAL, ONDE OS PRESOS DISTRAEM-SE TRABALHANDO E FAZENDO OBJÉTOS QUE VÃO DEPOIS VENDER ALI MESMO, Á PORTA. CONVERSAMOS COM OS "MORADORES" DA CASA. NENHUM ÉRA CULPADO DOS CRIMES QUE HAVIA PRATICADO... TODOS SE DEFENDERAM, É CLARO. MAS UM DELES EXPUSERA Á LUZ DO SOL OS INTESTINOS DE UM VELHO AMIGO... E PEDIRAM-NOS QUE PLEITEÁSSEMOS DO C EFE DA NAÇÃO AS SUAS RESPECTIVAS LIBERDADES.



A' DIREITA: EMBORA CUMPRINDO A PENA DE VINTE E CINCO ANOS POR CRIME DE MORTE — "UM HOMICIDIOSINHO, SIM, "SEU" DOUTOR"... — ESSE MOÇO MERECER CONSIDERAÇÕES ESPECIAIS. TEM OTIMO PROCEDIMENTO NO PRESIDIO. TRABALHA EM BENEFICIO DOS COMPANHEIROS. É INCUMBIDO DE VENDER-LHES OS BRINQUEDOS — TRENS DE MADEIRA, CADEIRINHAS, AEROPLANOS QUE VÊM QUANDO O MENINO VÔA... E GOSA DO PRIVILEGIO DE TRANSITAR PELA RUA, FRENTE Á CADEIA. NÃO FOGE, NÃO! E FUGIR PARA QUE? PARA ONDE? "NEQUINHA" PREFERE FICAR ALI MESMO, COM O SEU SORRISO SIMPÁTICO, MOSTRANDO DUAS FILAS DE DENTES MUITO BRANCOS, AS PERNAS AGEIS, SALTANDO PELA CALÇADA E APREGOANDO A SUA MERCADORIA. — "QUEM QUER COMPRAR CABIDES, GAIOLAS E CASAS PARA CACHORRO? QUEM QUER, PESSOAL?"





UMA LITEIRA EM PLENA VIA-PÚBLICA DE OURO PRETO, NO ANO DA GRAÇA DA 1944? PARECE UM SONHO — MAS NÃO FOI NEM É, PODEM CRER, NENHUM "TRUC" FOTOGRÁFICO". O FATO É QUE ACABÁVAMOS DE PERCORRER O MUSEU DA INCONFIDÊNCIA (QUE APARECE AO FUNDO), QUANDO NOSSOS OLHOS ESPANTARAM-SE COM A VISÃO. LÁ ESTAVA, CONDUZIDA POR DOIS ILUSTRES CAVALHEIROS, UMA LITEIRA E, DENTRO DELA, UM GAROTO ESPERTINHO... MIRAGEM? NÃO ÉRA, NÃO, APENAS... UM TRANSPORTE DOS TEMPOS DO IMPÉRIO, PERTENCENTE A UM PARTICULAR, QUANDO ÉRA LEVADA PARA SOFRER CONCERTOS. E PRONTO... TÃO DEPRESSA ASSIM, O QUE SE APRESENTARA AOS OLHOS DO REPORTER COMO UMA EVOCACÃO DELICIOSA DOS DIAS "QUE NÃO VOLTAM MAIS" CONVERTIA-SE NUMA PROSAICA REALIDADE...

oferta, outros apareceriam com a mesma gentileza e igual propósito de receber a gorgeta. Em Ouro Preto já existiu um cicerone, sinão profissional, ao menos semi-oficial, um pobre homem deveras apaixonado pelas coisas da sua terra, sempre firme na estação à hora da chegada do trem, improvisando discursos, apregoando as tradições do lugar e sem ligar grande importância à esportula do turista. Mas esse morreu meses atrás. Sofria de crises epiléticas, e de uma feita

assustou a moça da cidade que o acompanhava, com os esgares e a queda súbita do corpo nas lages da rua algumas vezes centenárias. Desaparecido, qualquer menino o substitui apontando aos visitantes os sítios mais históricos e, frequentemente, inventando outros.

— Si o senhor der crédito às informações dessa boa gente — adverte-nos o sacerdote piedoso de uma das inúmeras igrejas de Ouro Preto, acabará saindo daqui convencido de ter feito so-

berbas descobertas... Mas também passará pelo constrangimento muito provável de saber, mais tarde, que oitenta por cento dessas informações carecem de fundamento. Pelas dúvidas, convem tomar precauções...

E' o que fazemos, embora deixando campo livre ao garoto de olhar vivo e sorriso escancarado, para falar à vontade, revelando suas noções profundas sobre as mínimas tradições da cidade. Dir-se-ia que não falássemos com uma

28

A PLACA, AFIXADA NA FRENTE DE UMA CASA VELHA, EMBORA BEM CONSERVADA, DIZ: "NESTA CASA NASCEU O DR. AFONSO CELSO DE ASSIS FIGUEIREDO, VISCONDE DE OURO PRETO, A 21 DE FEVEREIRO DE 1856 — 1.º CENTENÁRIO — 1956. — HOMENAGEM DO INSTITUTO HISTÓRICO DE OURO PRETO". — O VISITANTE PASSA, ESTACA O PASSO, LÊ COM UMA PONTINHA DE EMOCÃO, TOMA OS SEUS APONTAMENTOS E SEGUE O SEU CAMINHO.

AS PLACAS COM CITAÇÕES DESTA IMPORTÂNCIA AVULTAM A CADA PASSO, NA CIDADE HISTÓRICA. "AQUI VIVEU THOMAZ ANTONIO GONZAGA — 1784 A 1788", E NOSSO PENSAMENTO FUNCIONA, LIGANDO IDÉAS, OLHANDO-SE COM VENERAÇÃO AQUELE SOBRADINHO TOSCO, ONDE UM DOS PERSONAGENS LENDÁRIOS DA INCONFIDÊNCIA VIVEU POR ESPAÇO DE QUATRO ANOS. A CASA É A MESMA, E CONTINUA FIRME...



criaturinha de onze ou doze anos e sim com o mais antigo morador do lugar.

— Está vendo essa casa velha? Por aqui passou o cortejo carregando Tiradentes... Ele tropeçou exatamente aqui, onde estou pisando... A pedra é a mesma... Isto é um tesouro, moço!

Ou então:

— Daquele sobrado Marília jogava bilhetinhos para Dirceu, quando não podia encontrar-se com ele no morro dos enforcados...

— Mas você tem certeza de que alguma vez Marília jogou bilhetinhos para Dirceu?

O garoto não se perturba:

— Bem... o senhor sabe... E' o que todos dizem, eu não vi, naturalmente!

E continua palmilhando as pedras "que são as mesmas", com seus pés descalços, a calça curta de morim, o peito a descoberto por dentro de um casaco surrado. Mais além, quer convencer-nos de ter sido exatamente ali que Tiradentes foi enforcado:

— Como pode ser isso, menino, si Tiradentes morreu na Córte?

— Ah, é mesmo! Ia-me esquecendo...

E continua caminhando, apontando e informando. Certo ou errado, pouco importa. O essencial é informar — e afinal, quanta gente deve realmente ter se afastado de Ouro Preto na convicção plena e raza de haver privado com os mais maravilhosos e autênticos tesouros, expressões legítimas da tradição ouropretense, que na realidade não existiram nunca!

AS "REPÚBLICAS" DOS ESTUDANTES

Surpreende-nos aquela pequena placa de madeira, com letras em relêvo e dois martelos cruzados: "Cidadela". Que vem a ser?

— Uma "república" dos estudantes, moço! Quer falar com eles? Eu conheço todos...

E lépido, sem esperar uma resposta de nossa parte, já o menino galgou, de três em três, os degraus de madeira velha e carcomida que o levam ao sobradinho modesto. Em pouco surge à sacada o primeiro "republicano" da "Cidadela", e logo outro, mais outro, seis ou sete.

São os alunos da Escola de Minas, da Escola de Farmácia e da Escola Técnica, tôdas situadas na terra que visitamos. Sabemos então da existência, no mínimo, de vinte "repúblicas", na maioria compostas de rapazes que para ali afluem, de todos os Estados. Em uma delas, a "Verdes Mares", são aceitos exclusivamente alunos do Ceará. Justifica-se o título, portanto.

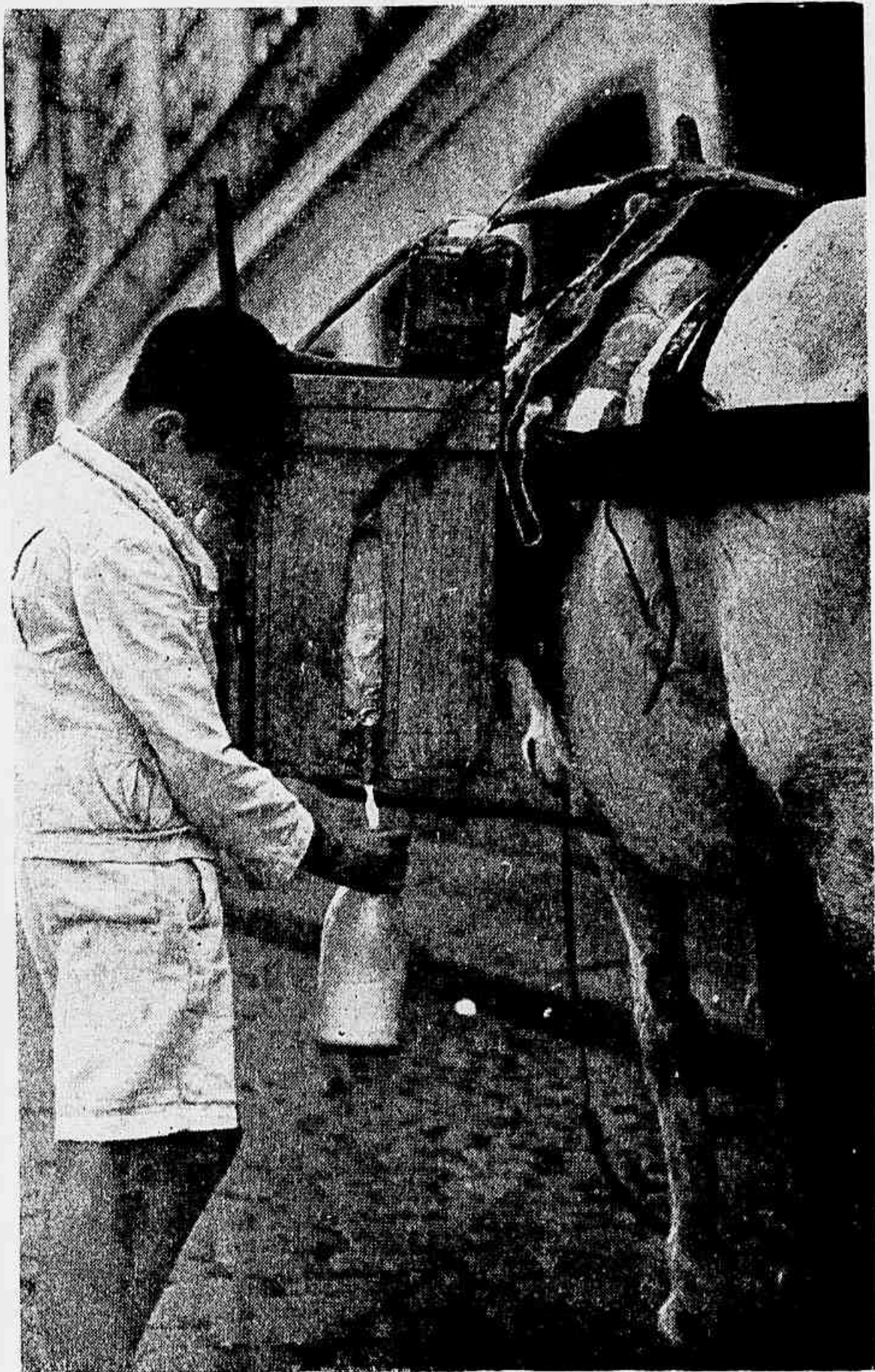
Mas há outras, algumas com títulos por demais pitorescos: a "Far-West", onde ninguém sabe dar tiros nem montar a cavalo; a "Sing-Sing", que não tem prisioneiro algum; a "Chanaan", talvez em homenagem ao romance de Graça Aranha; o "Albergue dos Milionários", o "Consulado", a "Fuzarca", a "Babel", a "Grava-



SE AINDA NÃO EXISTEM "CICERONES" PROFissionais, DEVIDAMENTE ORIENTADOS PELOS PODERES PÚBLICOS PARA CONTAR AOS "TOURISTES" A HISTÓRIA DA CIDADE, NÃO FALTAM OS AMADORES. FREQUENTEMENTE SURGEM-NOS GAROTOS CONHECEDORES MINUCIOSAMENTE A CONSPIRAÇÃO DA INCONFIDÊNCIA... — "NESTA CASA VIVEU TIRADENTES..." — "NAQUELE MORRO ELE SE REUNIU AOS PARCEIROS..." — "NESTA ESQUINA ELE TROPEÇOU DUAS VEZES..." E, NÃO RARO, TODO É MENTIRA. MAS OS "CICERONES" SÃO SIMPÁTICOS, AMAVEIS E CONTENTAM-SE COM PEQUENAS GRATIFICAÇÕES. ESSE GAROTO, AÍ EM CIMA POR FORÇA QUERIA LEVARNOS AO MORRO DOS ENFORCADOS, AFIRMANDO EXISTIR, LÁ EM CIMA, UM REMENDO NA CAMISA DO ALEIJADINHO... MAS NÃO DEIXOU DE PRESTAR-NOS RELEVANTE COLABORAÇÃO.



SIM, AINDA EXISTEM BEBEDOUROS DESSE ESTILO... OS BURROS DE CARGA, DEPOIS DE EXAUSTIVAS JORNADAS, FAZEM PONTO NA PRAÇA TIRADENTES, À PORTA DO MUSEU. A ÁGUA VAI JORRANDO, CRISTALINA E ABUNDANTE, E ALI VÃO A MITIGAR A SEDE OS POBRES ANIMAIS. PARA COMEÇAREM A CAMINHADA MEIA HORA MAIS TARDE, OS "CABRAS" PREFEREM IR TOMAR UM GOLE NA VENDINHA MAIS PERTO, DISCUTIR UM CASO DE NAMORADAS E CONVERSAR COM O "TOURISTE". — "SIM SENHOR, A GENTE GOSTA DE CAMINHAR PORQUE PERNA FOI FEITA PARA ISTO MESMO"... SÃO AGRADEÁVEIS E PRESTATIVOS ESSES RAPAZES. TAMBÉM FORNECEM APONTAMENTOS PRECIOSOS DA CRÔNICA LOCAL E CONHECEM QUANTAS ESCULTURAS DO ALEIJADINHO EXISTEM NAS REDONDEZAS. MAS DESCONFIAM... DESCONFIAM DE QUEM PERGUNTA DEMAIS.



BODE QUE DÁ LEITE, JÁ APARECEU UM, EM BELO HORIZONTE. MAS BURRO COM A MESMA PROPRIEDADE, ESTE É O PRIMEIRO DE QUE TIVEMOS NOTÍCIA. TRATA-SE DO VENDEDOR AMBULANTE DE LEITE, FORNECIDO A DOMICÍLIO POR ESSE HABILIDOSO PROCESSO. A VASILHA DE ZINCO, PROVIDA DE UMA PEQUENA TORNEIRA, É A APTADA ÀS CANGALHAS DO ANIMAL. O GAROTO VAI TROMBETANDO PELAS RUAS. EM CADA PORTA APARECE A DONA DE CASA, OU A SUA EMIS-SÁRIA, COM A RESPECTIVA GARRAFA. E O B M LEITE DE MINAS, SEM NENHUM ADICIONAL DE ÁGUA, PURÍSSIMO ATÉ, VAI ENCHENDO ESSA GARRAFA. UM DETALHE IMPORTANTE: NÃO HA RACIONAMENTO DE LEITE EM OURO PRETO. E O BURRO QUE DÁ LEITE VAI PARANDO AQUI, ALI, MAIS ALÉM...



tas", a "Bagaceira", a "Sparta", a "Atlantida", o "Vaticano", a "C.D.F.", a "Argélia", a "Casuarinas", a "Pureza", a "Castelo dos Nobres", e a "Favela".

Mas não pensem que as "repúblicas" de estudantes mantenham por sua vez as tradições de irreverência, de tolerante rebeldia e de espetaculares cenas públicas. Os "republicanos" são moços de boa família e melhor comportamento. Isso não impede que, uma vez por outra, dêem largas ao seu feitio folgazão, mas jamais se registrou um escândalo. Recolhem-se aos penates por volta das vinte e duas horas, mesmo porque não existe vida noturna. E o bilhar acaba saturando. As moças de Ouro Preto mantêm as mais cordiais relações com os estudantes. Ouro Preto é uma cidade em que prevalece o espírito religioso e não se admitiria, portanto, a existência de qualquer foco de rebeldia ou escândalo.

— Na realidade — esclarecem os rapazes da "Far-West" — estas "repúblicas" existem apenas por uma determinação econômica. Somos estudantes e precisamos viver com a maior parcimônia, dentro das mensalidades paternas. Por

NESSE MESMO LOCAL ONDE AGORA SE ENCONTRA O VISTOSO SOBRADO, EM PRIMEIRO PLANO, RESIDIU OUTRO ALFERES JOÉ JOAQUIM DA SILVA XAVIER — O TIRANTES. POR IMPOSIÇÃO DA SENTENÇA INQUISITORIAL, A CASA VELHA FOI INCENDIADA E O TERRENO CONVENIENTEMENTE SALGADO, PARA NUNCA MAIS ALI MEDRAR COISA ALGUMA. SENTENÇA INÚTIL! MAIS TARDE ÉRA EDIFICADO O PRÉDIO QUE A GRAVURA MOSTRA E ONDE FOMOS ENCONTRAR, ESPLENDIDAMENTE INSTALADA, A ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE OURO PRETO. A CONSTRUÇÃO, MAIS RECENTE EMBORA, CONSERVA RIGOROSAMENTE O ESTILO COLONIAL, O QUE DE RESTO ACONTECE A TODAS AS REMODELAÇÕES DE PRÉDIOS NAQUELA HISTÓRICA CIDADE. EM OURO PRETO É ASSIM...



isso, juntamo-nos oito, dez ou doze companheiros e alugamos um sobrado. Contratamos uma cozinheira camarada, dividimos as despesas gerais e matamos o tempo estudando, jogando cartas ou escrevendo para casa...

Ao nosso lado um rapazinho de olhar límpido sorri com melancolia

— Que tal Copacabana? Não vou lá desde Fevereiro...

Esse é carioca "da gema" e vive saudosos da praia, das sorveterias elegantes, das pequenas que deixou à distância. Espera as férias com ansiedade.

— Isto por aqui é muito bom, mas muito triste...

Depois, sabemos que o carioca da "Far-West" ali se encontra para satisfazer a vontade paterna. Talvez porque namorava de mais estudando de menos aqui na Avenida Atlântica.

— Alguma coisa de parecido com um castigo, hein, "seu" Portela?

O olhar límpido do moço registra um lampejo:

— Mais ou menos...

— "PIROLITO, MENINADA"! O DOCEIRO AMBULANTE, É O ÍDOLO DA GURISA. QUANDO ELE APARECE, COM ESSE TABOLEIRO ORIGINAL, PERFURADO TRINTA OU QUARENTA VEZES — E EM CADA FURO UM PIROLITO DOCE QUE NEM MEL — VÊ-SE RODEADO DE MENINOS E MENINAS. CADA PIROLITO, DÉZ CENTAVOS. ALBERTO LIMA, QUE NOS ACOMPANHOU NESTA EXCURSÃO, COM PROPÓSITO DE COLHER ALGUNS PANORAMAS DE OURO PRETO, INCUMBIU-SE DE ARREMATAR "POR ATACADO" O "STOCK" DE PIROLITOS DISTRIBUINDO-OS PELA CRIANÇA. NUNCA HOUVE TANTO "CICERONE" ESPONTÂNEO... O DOCEIRO FEZ A SUA FÉRIA EM DOIS TEMPOS, EXTRANHANDO O LARGO CONSUMO DO PRODUTO, NESTA MEMORÁVEL TARDE.







EXISTEM VINTE "REPUBLICAS" DE ESTUDANTES EM OURO PRETO. NÃO FOI POSSÍVEL FOTOGRAFÁ-LAS, A TODAS. MAS AQUI DAMOS FLAGRANTES DE TRÊS: AO ALTO, A "CIDADELA". À ESQUERDA, EM CIMA, A "SING-SING". E EM BAIXO, A "FAR-WEST". NA PRIMEIRA RESIDEM SETE CAVALHEIROS E UMA "LADY". (A "LADY" É UMA CACHORRA DE OLHAR MUITO VIVO, QUE SE VÊ NA SACADA). OBSERVEM NA "FAR-WEST", UM ESTUDANTE GALGANDO O INTERIOR DA "REPUBLICA" COM O AUXÍLIO DO POSTE LOCALIZADO NA VIA-PÚBLICA. ASSIM TEEM DE PENETRAR OS RAPAZES, QUANDO CHEGAM FORA DE HORAS, ISTO É ALEM DAS NOVE DA NOITE. PORQUE ALI EXISTEM MUITA DISCIPLINA E UM HORÁRIO RIGOROSO. (FOI O QUE NOS INFORMARAM OS "REPUBLICANOS").

— "SIM, TAMBÉM AQUI A VIDA ESTÁ PELA HORA DA MORTE"

Que tal si ouvíssemos esta humilde senhora que agora mesmo passou ao nosso lado, com um bonito pedaço de carne pendurada de um fio de arame, e a extremidade do arame enrolada na ponta do indicador da mão direita? A senhora espanta-se com a investida do repórter. Depois, sorri. Toda esta gente simples e simpática de Ouro Preto revela uma extrema facilidade em esboçar sorrisos. Sabem-nos desenhar na face como ninguém.

— E' preciso entrar na "fila" para adquirir um peso de carne?

— Quem fala em "filas"? Ouí dizer que isso existe lá no Rio, mas aqui não é preciso — responde-nos. No entanto, é preciso chegar cedo ao açougue, do contrário...

Depois explica-nos:

— A carne vem a ser o alimento-base da população. Mesmo sem cartão de racionamento o comerciante guarda sistematicamente o corte habitual para cada freguês. Mas quem quizer que leve papel para embrulhá-la, ou então carregasse assim, como estávamos vendo, pendurada no dedo pelo fio de arame.

— Por aqui existe muita falta de verduras, isso sim! — explica-nos a simpática senhora. Terra de minas, compreende! As plantações são escassas, o solo preto, cheio de minérios...

Realmente, havíamos sentido a falta dos legumes, inclusive da nossa imprescindível salada de alface ou agrião.

Os homens, na maioria, trabalham nos minérios. A grande fábrica de Saramenho, três ou quatro minutos distante de trem, absorve uma pequena parcela da população masculina de Ouro Preto. Por isso, não há quem plante... Quem venda, ainda menos!

Entramos agora no armazém do sr. Geraldo Ponciano, em plena Praça Tiradentes, junto ao Museu da Inconfidência. Lá está um bonito naco de carne defumada — a carne-sêca infalível no prato de todo bom sertanejo — com o preço fixado: quatro cruzeiros e quarenta centavos o quarto de arroba. Quinze minutos depois, a carne foi vendida. Por volta das onze horas os açougues fecharam — ou vendem salsichas e outras "perfumarias"...

TERRA DAS IGREJAS E DOS CEMITÉRIOS

Por mais que o visitante se abstenha de comentar as igrejas de Ouro Preto, principalmente

sendo repórter, há de fazê-lo. E' que a vida desta população está vinculada, de origem, ao ritual católico, apostólico e romano. Os quinze templos que se distribuem num reduzido espaço de terra mantêm as suas tradições e riquezas de sacristia, de altares e de fachadas, onde pontificam, como já dissemos anteriormente, as obras do Aleijadinho. Há mesmo uma espécie de "partidos" entre os habitantes de Ouro Preto, tendo infalivelmente, cada qual, a sua igreja preferida. Matriz de Nossa Senhora dos Pilares, de São José, São Francisco de Assis, São Francisco de Paula, Bonfim, Matriz Antonio Dias, Nossa Senhora das Dóres, Mercês de Cima, Mercês dos Perdões, Carmo, Bom Jesus, Santa Efigênia, Capela das Dóres, Rosário dos Brancos, Santana... Sem contar as capelinhas, que se repetem profusamente.

Nota curiosa: as principais igrejas, matrizes principalmente, possuem em terreno contíguo, ao fundo ou ao lado, o respectivo cemitério. São humildes campos-santos, murados até respeitável altura e dando todos eles a impressão de abandono. De fato, morre-se muito pouco na antiga Vila Rica, existindo uma desproporção acentuada entre a mortandade e o número de cemitérios. Alguém explica-nos a razão desse elevado número:

— Isso vem dos tempos da colonização. A igreja sempre acompanhou a tarefa dos desbravadores destes sertões, e cada novo grupo que aparecia, procurava construir, desde logo, a sua igreja. Com ela, o seu cemitério. Mas, então, as diferenças de castas sociais, os preconceitos de classe e as quisílias entre os grupos refletiam-se por força até mesmo no piedoso sentimento católico. Assim é que os ricos tinham seus templos, os pobres tinham outros. Os brancos levantavam suas capelinhas, os pretos também e os mulatos seguiam a mesma norma. Entre os de cor, existiam naturalmente os nobres e os plebeus. Daí a quantidade maior de casas de Deus... Todas com a mesma finalidade mas distinguindo os praticantes da religião. De início, os sepultamentos faziam-se sob as tábcas do assoalho de cada igreja, mais tarde criaram-se os cemitérios, um para cada matriz. E ainda hoje, cada indivíduo, pertencendo a uma irmandade, sabe de antemão em que campo-santo irão algum dia repousar seus ossos...

Um chefe de numerosa prole foi mais adiante:

— Já escolhi o meu cemitério. Serei enterrado no da igreja de São Francisco de Assis. Minha mulher irá para o da matriz Antonio



Dias... Minha filha mais velha, para o cemitério de Mercês de Cima, e as outras, cada uma para o que já designou. Aqui em casa podemos morrer descansados, quando Deus o determinar, pois não haverá confusão nem dôr de cabeça na escolha de cemitério...

E pareceu-nos muito razoável essa escolha prévia. São tantos os cemitérios que na hora de um funeral o trabalho da escolha constituirá fatalmente um problema. Por isso, os habitantes de Ouro Preto resolvem eleger, em vida, aquele onde desejam entregar-se ao derradeiro sono. Quanto menos complicações para os que ficam, melhor.

— Há mesmo uma pequena rivalidade entre as matrizes — diz-nos mais tarde um cavalheiro que jamais saiu de Ouro Preto. Em cada Semana Santa, a procissão do Senhor sai de uma igreja, existindo duas às quais é conferida essa honra por força da hierarquia religiosa. O povo divide-se também. Existem dois partidos, os Mocetós e os Jacobas, cada qual "torcendo" pelo seu "distrito". É claro que uma vez por outra chegam a consumir-se ligeiros incidentes... O "pau" ronca — mas não é muito. E no ano seguinte a história repete-se. Porque a Semana Santa em Ouro Preto não vale apenas por uma atração e um chamariz para os turistas não... Também agita o pessoal da terra...

A CADEIA ONDE OS PRESOS NÃO PARECEM ESTAR PRESOS

Desde quando a velha cadeia do tempo do Império foi designada para Museu da Inconfidência, as dependências do andar térreo onde está instalado o distrito policial converteram-se num xadrez. Ou melhor, em três: dois destinados aos homens e o terceiro às mulheres. Foi por mero acaso que demos com a atual cadeia da cidade, mais parecendo, pelo aspecto exterior, um bazar de brinquedinhos para crianças: trens e aeroplanos de madeira, carrinhos e outras bugigangas pendurados pelas janelas ou espalhados pela calçada. Dois ou três guardas pitando o seu cigarro de palha e conversando com quem passa na rua. Lá dentro, na semi-escuridão, as grades que foram colocadas nas três salas. Grades resistentes, mas visivelmente inadequadas ao destino que essas dependências têm atualmente.

E quando desejamos saber o preço de um avião de madeira, foi o guarda quem explicou:

— Só mesmo perguntando ao Nequinho. Ele é quem sabe.

— Pois então, chamemos o Nequinho. Quem é ele?

— É um prêso, sim senhor. Foi condenado a vinte e cinco anos por um crimezinho de morte, sim, senhor.

— E onde está?

— Deve andar por aí... Nequinho! O Nequinho! Onde anda o Nequinho, pessoal?

Estranhámos o modo por que o amável polícia procurava o criminoso. Pois não devia estar lá dentro, na cadeia?

Não. Não estava na cadeia porque é um prêso de ótimo comportamento, rapaz prestativo, sempre disposto a fazer qualquer recado. Agora mesmo estava na casa ao lado, desincumbindo-se de uma tarefa de emergência. E foi da casa ao lado que saiu o seu berro estridente:

— Que é que há? Lá vou, estou indo...

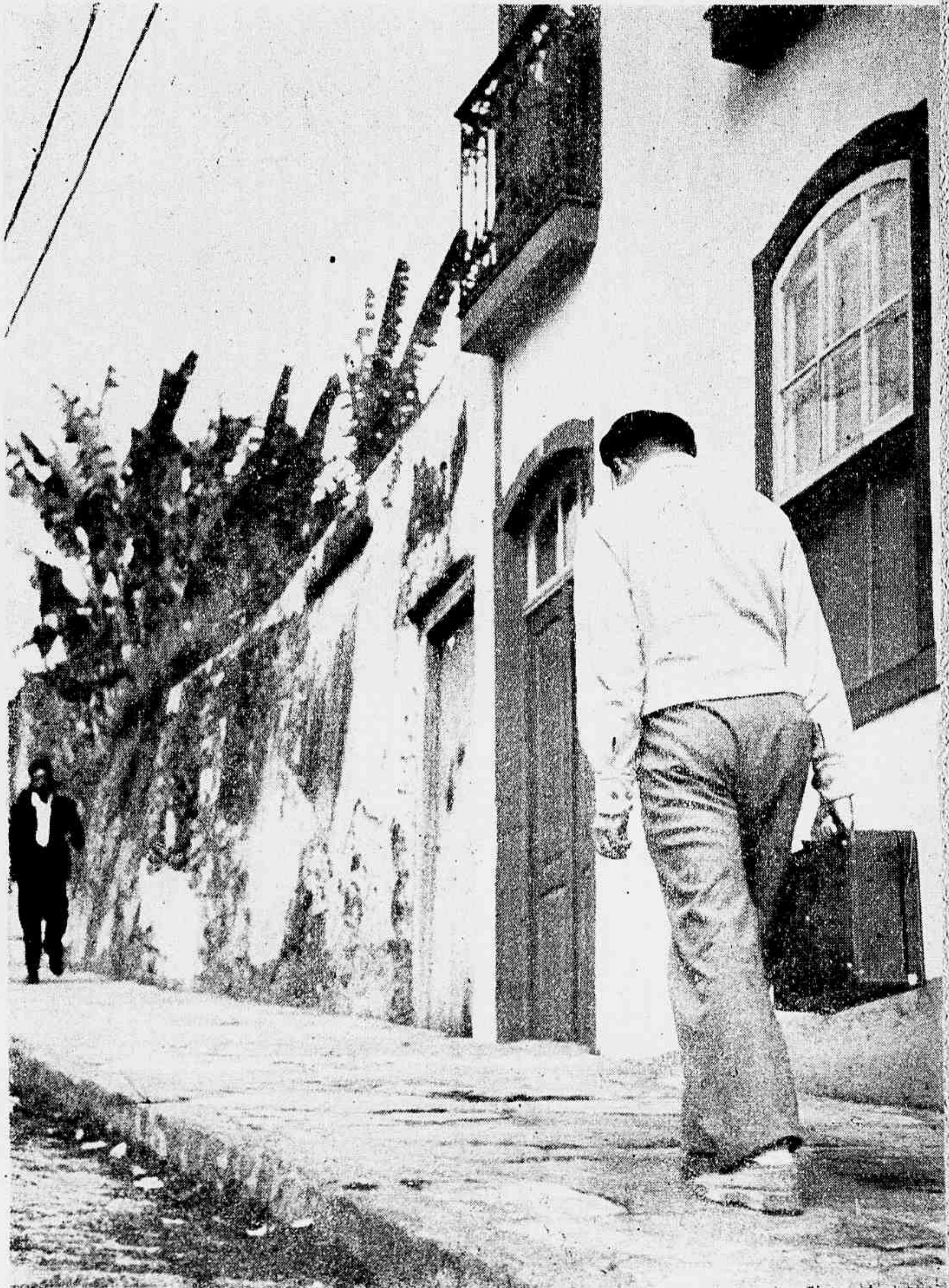
Veio mesmo. Era o mais risonho e gentil criminoso que ainda nos foi dado conhecer. Pés descalços, camisa aberta no peito, braços nus, uma fileira de dentes majestosa...

— Algum servicinho para o seu amigo, doutor? Um niquelzinho para o negro?

E a conversa estendeu-se por longo tempo. Uma visita às dependências dos presos, deu-nos a impressão de todos aqueles cavalheiros ali se encontrarem por qualquer motivo, menos por terem praticado algum crime. Alguns entregavam-se ao trabalho de carpintaria. Outros pintavam os brinquedos. Terceiros conversavam, caminhando para trás, para diante, conveniente-



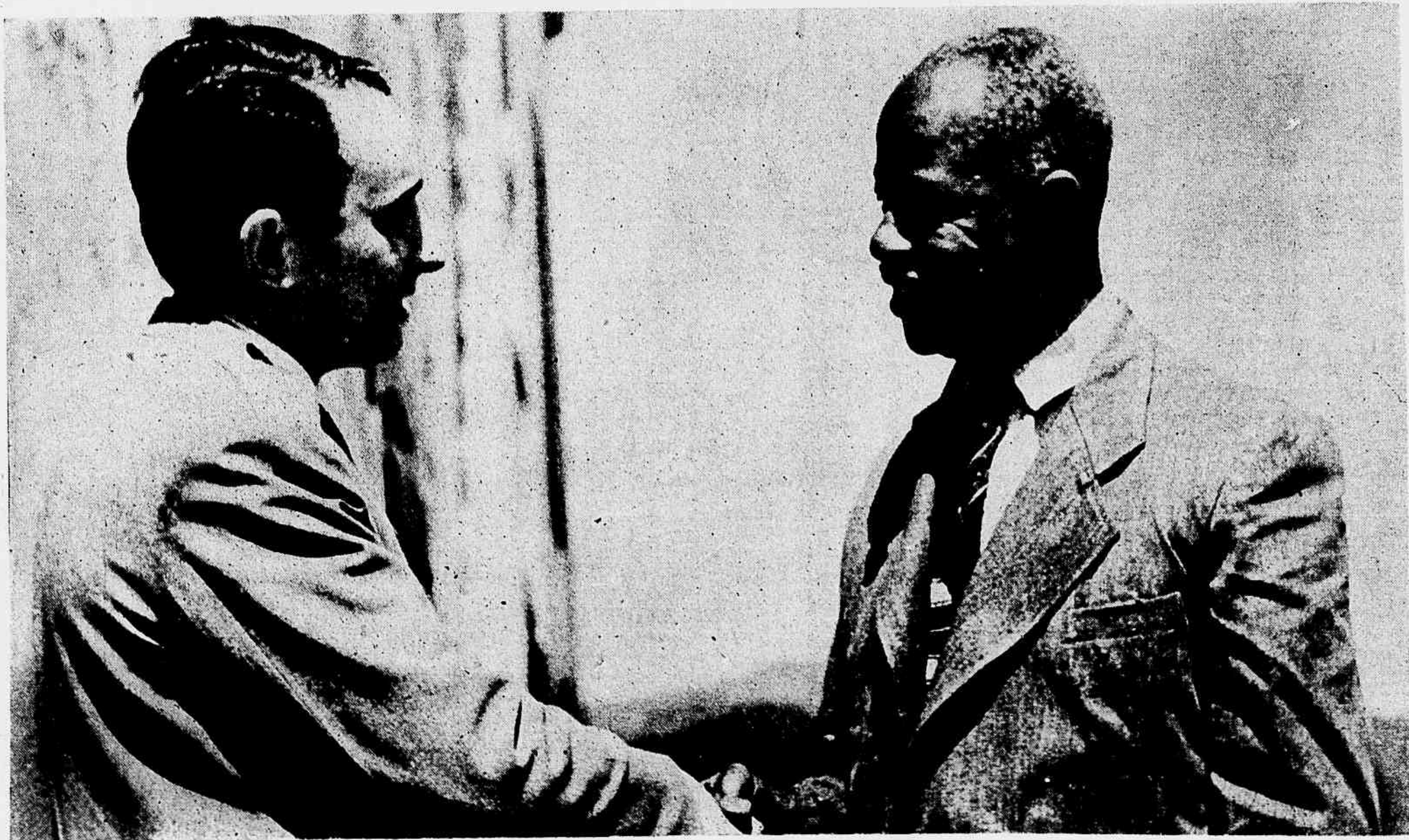
PARA CIMA TODOS OS SANTOS AJUDAM... MAS PARA BAIXO...
FIS O QUE NOS MOSTRAM ESTES DOIS INSTANTÂNEOS. AO ALTO, TRÊS OPERÁRIOS DESCENDO A LADEIRA, EM FRENTE AO GRANDE HOTEL, EM PASSO MARCIAL, SONORO E RÁPIDO, EM RAINO, ALBERTO LIMA QUE NÃO É LEVE NEM NADA, CARREGANDO OS APETEECHOS DE PINTURA. FAZ FORÇA PARA SUBIR... UMA ADVERTÊNCIA AO LEITOR: SE PRETENDE VISITAR A ANTIGA VILA RICA, FAÇA MUNIR-SE DE CALÇADO BASTANTE CONFORTÁVEL, DO CONTRÁRIO AS CONSTANTES SUBIDAS E DESCIDAS, NAS RUAS PRINCIPAIS, POIS OURO PRETO É SITUADA EM FREQUENTES DECLIVES, ACABARÁ CANSANDO-O RAPIDAMENTE... E OS "TOURISTES" ACOSTUMADOS A UTILIZAR O "BOND" OU O "ONIBUS" PARA VIAJAR DA AVENIDA À PRAÇA QUINZE, ESTRANHAM MUITO!





O SACRISTÃO DA IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS, DE NOME MANOEL JOSÉ DE PAIVA JÚNIOR, ACUMULA AS FUNÇÕES DE SINEIRO. É UM ESTUDIOSO E PESQUISADOR DAS COISAS HISTÓRICAS DE OURO PRETO — E NA ADOLESCÊNCIA TRABALHOU AQUI NO RIO, COMO APRENDIZ DE TIPOGRAFO, NAS OFICINAS DA REVISTA DA SEMANA. ISSO ACONTECEU NO ANO DE 1905, E NO ENTANTO, RECORDA-SE DAS LINHAS QUE ENTÃO COMPOZ PARA ESTA PUBLICAÇÃO, REPRODUZINDO PALAVRA POR PALAVRA OS DOIS OU TRÊS PRIMEIROS PERÍODOS.

ELE FOI APRENDIZ DE TIPOGRAFO QUANDO A REVISTA PERTENCIA AO "JORNAL DO BRASIL" E ERA IMPRESSA NA RUA GONÇALVES DIAS. GUARDA, DAQUELE TEMPO, AS MAIS GRATAS RECORDAÇÕES. . . MAS NÃO ACEITOU O NOSSO CONVITE PARA MATAR SAUDADES DA CAPITAL DA REPÚBLICA. DESPEDINDO-SE, DISSF-NOS: — "TENHO MEDO. . . IMAGINO COMO DEVE SER UMA BALBÚRDIA DE GENTE. . . QUANTO BARULHO, SANTO DEUS! ATÉ ME DISSERAM QUE LÁ EXISTEM BONDES DE OITO RODAS. . . NÃO VÊ QUE EU AGUENTAVA ESSAS NOVIDADES? P'RA QUE? ACABAVA MALUCO. . . E POR AQUI ME VOU DEIXANDO FICAR, ENTREGUE AOS MEUS ESTUDOS E PESQUISAS, MAS CHEIO DE SAUDADES. . . PORQUE ENTÃO EU ERA MOÇO!"



30 DE ABRIL DE 1905

REVISTA DA SEMANA

253, -N 259

CASTIGO DO CÉU

ESCRIVAM-SE os leitores da narrativa pelo *Jornal do Brasil* feita, há poucos dias, do miraculoso facto succedido em etheroy com um individuo que, contra a Virgem Auxiliadora, aceso em ira, proferia blasphemias?

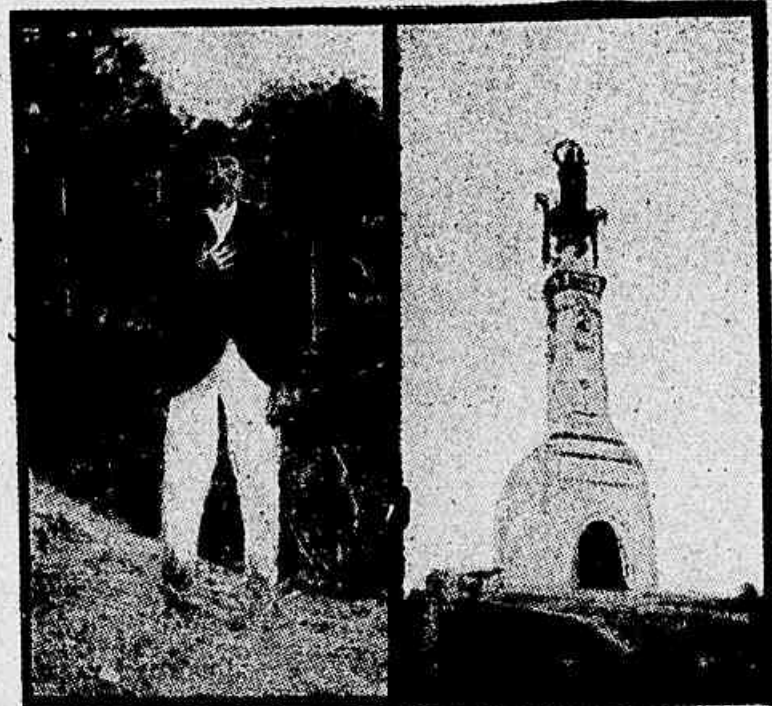
Pois delle é o retrato que estampamos. Ocalo o exemplo fizesse mostrar o temor a Deus, do qual tão desvirtuada anda uma pequena porção de homens sem fé, sem creanças, que, nua ostentação de causas, aliram impropiedades ao Céu, deslustrados das doces palavras ouvidas no berço, preces meigas, a subir das labias de uma mãe para o regaço de Maria.

Proferia a Deus o exemplo conseqüente e estancava fonte de maldades, que se despendia a desceder a eguismo humano, na logica pretensão de lheres amecendo o Criador, porque a punição despalhe homem foi imensa.

O monumento da Virgem illuminava-se a hora mystica da Ave-Maria. Um esculptor descreve se reverente, e ao que levanta aos pés da Rainha dos Anjos zompha e satyros de sua alma crente. O esculptor ntra os punhos num gesto colérico, tal como se pudesse palpar a um chapão de força, maldade o triumphal monumento dos Salvadores.

Repentinamente, porém, as palavras grossas e amadoras saíram se lhe na garganta. Cão por terra com os olhos aguçados, em convulsões nobilidades, flacida com a histeria horrivelmente reforçada a paralytico do lado direito do corpo.

E não se converteu a sacralidade?



Antonio Ferreira, conjuenheiro do individuo castigado pela Providencia

A Virgem Auxiliadora

AMADORA NA POLICIA

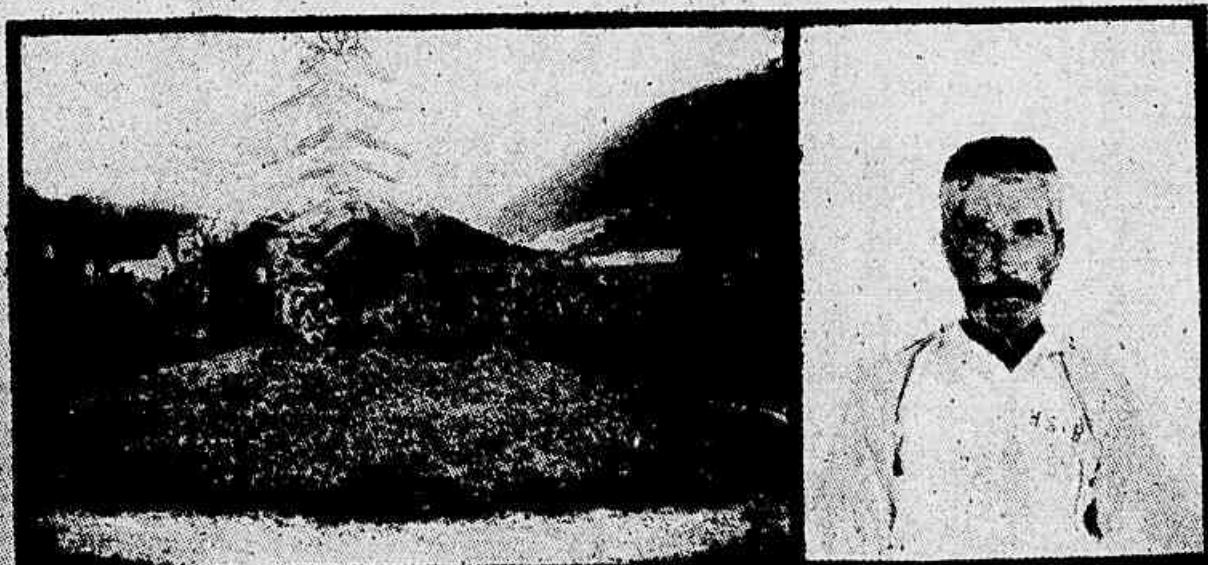
Miss Helena Wilder, filha de um rico plantador americano, acaba de, a seu pedido, ser nomeada inspetora de policia de p'seuzas e buscas em Honolulu, nos Estados Unidos.

Semelhante duma descendente as suas funções gradualmente, por amor da arte, em compensação, as autoridades con-

deram-lhe permissão para escolher o uniforme a sua vontade.

Segundo uma estampa pollicida por um periodico do Alamo-Atlantico, miss Wilder está a cavallo, usndo um largo chapão de feltro, bordado a prata e vestindo uma blusa azul-ferrete.

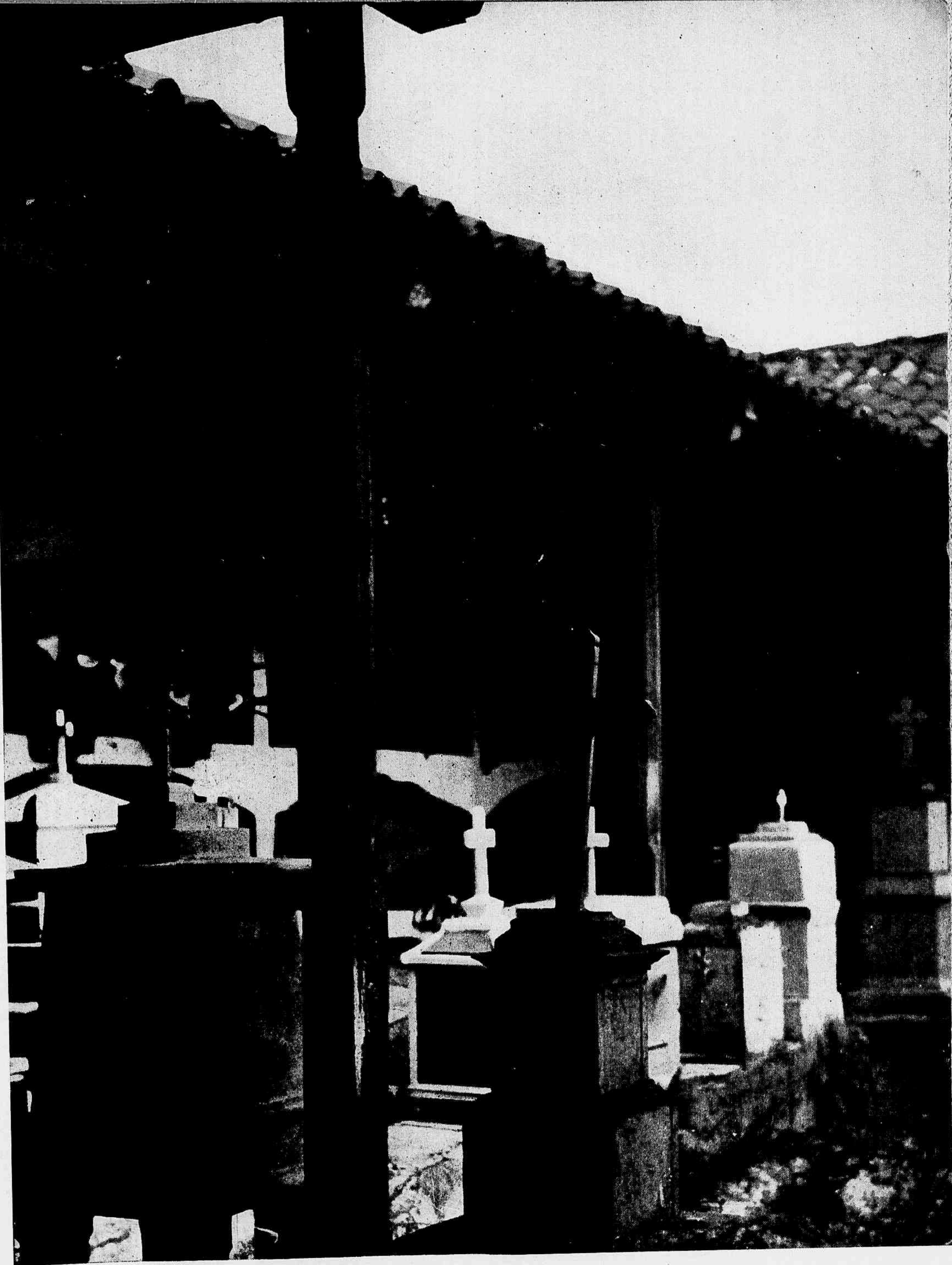
A cinta traz o revolver da policia. Dizem que é uma alitradora da primeira ordem.



Residência do coronel Irenio Pinto de Araújo Corrêa, local onde cabia o individuo que proferia blasphemias contra a Virgem Auxiliadora

O Sr. Irenio Pinto de Araújo Corrêa, que no dia 26 de corrente blasphemou contra a Virgem Auxiliadora

PÁGINA 7 DO N.º 259 DA REVISTA DA SEMANA, DE 30 DE ABRIL DE 1905, NA QUAL SE VÊ O "CASO" RECORDADO PRODIGIOSAMENTE PELO SACRISTÃO MANOEL JOSÉ DE PAIVA JÚNIOR. ELE NOS REPRODUZIU, MENTALMENTE, AS PALAVRAS INICIAIS DA NOTICIA, QUE ENTÃO COMPOZ:



QUASI TODAS AS IGREJAS DE OURO PRETO — ELAS EXISTEM EM QUANTIDADE — POSSUEM O SEU CEMITÉRIO PARTICULAR. ISSO ACONTECE PORQUE OS TEMPLOS LEVANTAVAM-SE POR DETERMINAÇÕES DAS RESPECTIVAS IRMANDADES. OS IRMÃOS JÁ SABEM EM QUE CAMPO-SANTO VÃO REPOUSAR... ESTE É UM DETALHE DO CEMITÉRIO PERTENCENTE À IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS. AINDA HA MUITO ESPAÇO PARA NOVOS SEPULTAMENTOS, EMBORA O TERRENO NÃO SEJA DOS MAIORES. EM OUTROS TEMPOS, ELES SE REALISAVAM TAMBEM NO SOLO, NO INTERIOR DAS IGREJAS, OU NOS LAGEDOS DAS SACRISTIAS, JUNTO AOS ALTARES E ATÉ NA ADRO FRONTEIRO. ESSE É OUTRO FLAGRANTE TÍPICO E PITORESCO DE OURO PRETO, A CIDADE MAIS CONHECIDA DO BRASIL, SOB CERTOS ASPECTOS, E TOTALMENTE DESCONHECIDA, QUANTO A OUTROS.

Daremos no próximo número a terceira e última reportagem de Ouro Preto, com sensacionais revelações sobre os despojos do Aljardinho e Marília de Dirceu.



36

PARA OS DIAS DE SOL, QUANDO MADEMOISELLE TEM UM ENCONTRO MARCADO NA CINELANDIA E PRECISA APARECER BEM BONITA... SAIA E BLUSA DE TECIDO BRANCO, FORMANDO COMBINAÇÃO COM AS LUVAS, O CHAPÉU E OS SAPATOS. MAS A BLUSA, NA PARTE DIANTEIRA, REALÇA COM A "FRENTE" QUE FAZ LEMBRAR, EM PARTE, O ESTILO MILITAR MUITO EM MODA. BOTÕES DE METAL AMARELO OU DE VIDRO FOSCO. CABELOS SOLTOS. E UM SORRISO ASSIM TENTADOR, AO QUAL NENHUM RAPAZ, POR CERTO, RESISTIRÁ...



PARA ESTAR EM CASA, MAS TAMBÉM PARA SAIR, ESTE OUTRO FIGURINO DE DEANNA DURBIN I.M. PÔE-SE PELO TOQUE DE SIMPLICIDADE, CARACTERÍSTICO NAS "TOILETTES" DA ELEGANTE ATRIZ-CANTORA. AUSÊNCIA COMPLETA DE BOTÕES. O CORTE DO VESTIDO MAIS PARECE OBEDECER AO PROPOSITO DE POUPAR FAZENDA, NESTES TEMPOS DE RACIONAMENTO FORÇADO... MANGAS CURTAS. UM LAÇO DISCRETO NA CINTURA. E OS SAPATOS, TAMBÉM BRANCOS, QUASI INTEIRAMENTE FECHADOS, COM UMA ROSÊTA DISCRETA.

OS TECIDOS ESTAMPADOS VEM SE APROXIMANDO, COM A VISINHANÇA DOS DIAS QUENTES. AS SAIAS ESTÃO SUBINDO, SUBINDO SEMPRE... É PRECISO APRENDER A CRUZAR AS PERNAS, TAL COMO ESTÁ ENSINANDO A "ESTRELA" DA UNIVERSAL. PARA AS TARDES DE DOMINGO, NO JOCKEY, AQUI ESTÁ UM MODELO QUE MUITAS DE NOSSAS LEITORAS IRÃO APROVEITAR. E NINGUÉM VAI CORFAR-LHES DIREITO. PORQUE NÃO HÁ "COPYRIGHT" PARA AS MODAS DE HOLLYWOOD. NA CABEÇA, UMA TOQUE À MANEIRA DE CHAPÉU.



DEANNA DURBIN TEM O CONDIÇÃO FEITICEIRO DE SE DESTACAR QUANDO VESTE ROUPAS JUVENIS OU QUANDO SE APRESENTA NUMA "TOILETTE" DE NOITE, IGUAL À QUE NOS OFERECE A GRAVURA ABAIXO. COMO SEMPRE, NENHUM ENFEITE. AS JOIAS NÃO ANDAM MUITO À MOSTRA. O PESCOÇO, INTEIRAMENTE NU. O BUSTO, DISCRETAMENTE EXPOSTO. E UMA ECHARPE MUITO TRANSPARENTE, LEVE, FLUIDA, SERVE PARA AGASALHAR A CABEÇA AO TERMINAR A "SOIRÉE". O VESTIDO, EM AZUL, VERDE OU QUALQUER OUTRO TOM VELADO.



NOS BASTIDORES FEMININOS

O SENTIMENTO CIVICO

O civismo da mulher é mais sentimental, o do homem é mais cerebral; por isso o heroísmo da mulher é mais espontâneo, mais impulsivo; o do homem está, cada vez mais, condicionado a uma cadeia de conceitos sociais. O homem age como elemento ou engrenagem da máquina social criada por ele, a mulher age por impulso de uma mística transcendente que é a seiva mesma do seu heroísmo romântico. Ele defende a entidade jurídica; ela defende o berço, o lar, o abrigo, o torrão, a floresta, o céu de seus pais e de seus filhos. A coragem física do homem assenta sobre o pedestal de um orgulho que defende a virilidade e o poder. A coragem moral da mulher defende a vida, a paz.

Ele é Odín, ela é Céres.

Si há homens, dentro do solo patrio, que procuram razões materiais para eximir-se do dever militar de defendê-la, há milhares de mulheres que são voluntárias das fileiras do sangrento holocausto e marcham impávidas ao encontro do perigo.

Si a beleza da noiva, o amor de mãe, o carinho de irmã são razões sagradas para a defesa incondicional da Pátria, que é o patrimônio imortal do homem; a coragem moral dessas mulheres, o orgulho com que elas aceitam o *ultimatum* da sua terra agredida, a vibração com que se alistam em todos os setores são um exemplo cívico e um anátema tácito e pesado ao comodismo ou covardia dos que ainda podem olhar como espectadores indiferentes a inconcebível fogueira humana.

A mulher de todos os continentes, em todas as latitudes, lança ao homem um desafio heroico, com a sua participação ativa, ininterrupta e eficiente dentro mesmo do *entreviro* tremendo, o mais terrível a que já assistiu o ser humano desde que surgiu no caos da vida. A mulher brasileira, que tantos títulos de glória tem herdado de suas ancestrais, está cumprindo o seu dever e honrando com galhardia esses títulos. Ela faz parte integrante do ritmo marcial, ela comparece em toda parte onde a sua presença é necessária, e afunda as mãos e a alma na dura e aspera argamassa de que se está fabricando a destruição e a morte, e da qual se espera construir o mundo de amanhã.

Como membro do corpo expedicionário que vai lutar fóra das fronteiras nacionais ou como simples costureira de guerra ou guarda-freio de caminhos de ferro, ela é o material vivo empregado na luta, é a alma que vibra no compasso do cérebro do seu companheiro, com a lâmpada do civismo sempre acesa, como uma flama sagrada, como germe de imortalidade da essência humana, no que ela tem de mais nobre e elevado: o sentimento cívico e a ansia de liberdade.

A mulher brasileira pertence hoje à falange universal dos soldados da democracia e saberá como sempre o fez, honrar o Brasil.

IV.

MARLENE DIETRICH
(DA UNIVERSAL).



Porque a esposa de Jacques tinha uma admiração excessiva por Claude

Envidia

— Jacques.
Ninguém respondeu.
— Jacques!

Silêncio.
— Jacques! Onde está você?
— A criada abriu a porta da cozinha e disse:

— Sr. Jacques passou lá para o lado do pomar.

— Obrigada, Maria. Vou procurá-lo. Você já está com o almoço pronto?

— Já sim, senhora. Quer que tire?

— Pode ir tirando. Eu já venho para dentro. Quando vier, trago Jacques comigo.

— Sim, senhora.

Suzy correu, agilmente, através do gramado, rumo ao pomar. Lá, bem no fundo, perto da macieira florida Jacques fumava, pensativo.

— Jacques, meu bem, onde é que você foi se meter?

— Estou aqui.

— Puxa! Parece até que está fugindo da gente.

— Não seria de admirar, com sua mãe aí para amolar a paciência de um santo...

— Que é isso, Jacques? Você implica com mamãe.

— Eu? Ela é que implica comigo. Sempre implicou.

— Ah, Jacques!

— Já sei, já sei. Você vai dizer que não, que eu é que sou rabugento. Não precisa repetir.

— Não é isso, Jacques. Mas eu acho que você não faz nem um esforço para dar-se bem com mamãe.

— Você já viu genro que aturasse sogra?

— Muitos. Esse negócio de sogra é bobagem. E, afinal de contas, desta vez eu não sei por que você está zangado. Mamãe não disse nada.

Nós estávamos muito bem, conversando, quando você, de repente, se levantou e saiu, sem mais nem menos.

— Sua mãe sabe muito bem que há certos assuntos que me desagradam e insiste em falar sobre eles...

— Você está falando de Claude?

— De quem haveria de ser?

— Francamente, Jacques, eu acho que esse negócio de Claude já está passando dos limites.

— De pleno acordo. Você não me dá folga um instante. E' Claude para cá, Claude para lá. Por que não fala um pouco sobre seu marido, para mudar de assunto?

— Suzy olhou-o um instante em silêncio, depois sorriu.

— Você está é com ciúmes, rapaz!

— Claro!

— Não olhe assim para mim com essa cara feia que me dá uma von-

tade de rir!... Se você tivesse um espelho na frente agora, riria também...

— Você é que me obriga a isso... Eu já lhe pedi que guardasse essa sua admiração para você. Não podia ser mais transigente...

— Que é que você poderia pedir mais?

— Que abandonasse de uma vez por todas essa tolice! Essa admiração ridícula, insensata, despropositada por um rapaz que nada tem de extraordinário a não ser dotes físicos e, por esses, ele não merece elogios, pois nasceu com eles.

— Você é bobo!

— O que?

— Isso mesmo. Tanto barulho por causa de uma tolice. Só porque eu e mamãe falamos no pobre do Claude!

— O pobre do Claude. Está vendo? O pobre do Claude! Por que você não diz o pobre do Jacques para variar?

— Com coqueteria feminina, ela ageitou-lhe a gravata e disse com voz doce:

— Pobre do meu Jacquesinho, tão zangadinho coltado! Ele é ciumento, ciumento, ciumento! — Pronto! Está contente?

— Não sou ciumento!

— Menino! Puxa! Você é pior do que a Maria, na cozinha, quando as panelas ficam tempo demais no fogo e queima-se o assado... Hum — hum! Hum — hum! Sempre resmungando!

— Eu estou resmungando?

— Então faz uma carinha bonita para mim, faz? Pronto. Agora ele não está mais resmungando. Agora está bonito. Marido bonito que eu tenho!...

A capacidade de resistir aos mimos da mulher era limitada em Jacques. Quando ela começava a dizer tolices e acariciá-lo, ele acabava cedendo.

— Está bem. Está bem.

— Vamos almoçar, meu amor. O almoço está na mesa.

— Vamos. Sua mãe vai ficar para almoçar?

— Não. Ela já deve estar de saída. Vai almoçar com umas amigas.

Entraram. A mãe de Suzy preparava-se para sair.

— Bem, eu vou indo.

— A senhora não quer comer alguma coisa, mamãe?

— Nada disso. Se eu comer alguma coisa agora, perco o apetite e não posso almoçar mais tarde.

— Bem, então até amanhã, mamãe.

— Até amanhã, minha filha. Ah, Suzy!

— Senhora?

— Quer me dar aquela carta de Claude para eu ler para o Joseph, hoje à noite?

— Eu... eu vou buscar.

— Ué! menina. Você não a tinha guardado no seio?

— E'... Eu... Está aqui.

Entregou-lhe.

— Bem, adeus.

— Adeus, mamãe.

— Adeus, Jacques.

— Até à vista, Madame Bordeuil.

A mãe saiu. Jacques olhou para Suzy.

— Por que você ficou toda perturbada e não queria confessar que guardara a carta de Claude no seio?

— Porque eu sabia que você não havia de gostar.

— Então por que a colocou aí? Pensa que o fato de eu não saber da coisa tira-lhe a gravidade?

— Mas, Jacques!

— Francamente, eu acho que isso já está passando dos limites! Não quero mais ouvir falar desse rapaz!

— Se você ao menos me deixasse explicar...

— Não há nada a explicar. Não quero mais falar nesse assunto.

— Mas, Jacques...

— Já disse que está encerrado esse assunto.

— Escute aqui. Você não compreende...

— Basta!

— Mas...

Ele não quis ouvir mais. Bateu a porta e saiu.

— Madame. A senhora quer que torne a botar as coisas no fogo? O almoço está esfriando, disse a criada.

— Não é preciso, Maria. Eu almoço sózinha, o patrão... o patrão parece que não quer almoçar...

II

Suzy:

Assim não podemos continuar. Penso nos belos anos que passamos juntos e não quero deixar que um fim triste venha estragar tão belas recordações. Por que continuar juntos se você não me ama? Por que persistir se é para outro que o seu pensamento constantemente se volta? Perdoe-me o desabafo de há pouco e tente esquecer esses últimos dias, essas últimas semanas tão desagradáveis.

Parto hoje mesmo. Quando receber essa carta, já estarei longe, já você não terá mais um empecilho à sua frente, impedindo a sua felicidade. Adeus e... seja feliz!

Jacques.

Acabava de escrever a carta e assiná-la. Ia dobrá-la para colocar no envelope, quando uma mãozinha muito pequenina pousou no seu ombro.

— Bôbo!

— Ele voltou-se, espantado.

— Suzy!

— Bôbo!

— Suzy!

(Continua na página 54)

Conto de MAURICE IVEN

VOCÊ TEM VOCAÇÃO PARA DETECTIVE?

A TESTEMUNHA INVISÍVEL



1 Contratámos essa testemunha e estudámos todos os seus hábitos, diz Dirk Connie, e acrescentou: "E' aqui que vocês precisarão entrar com o trabalho. — e nada de enganos"! Al Hardy aqui-
esceu prontamente: — "Muito bem, Chefe"; e Connie acrescentou: "Saberemos agir. Onde está a compli-
cação?"



2 Excitados pela cena da tragédia, o inspetor Han-
nibal Cobb e um policial examinam o corpo mal-
tratado de Edna Blake caído no fundo de um
pequeno abismo de uns vinte metros á margem da
estrada. Seu pequeno relógio de pulso estava parado
nas 10.10.



3 Cobb e o policial esquadrinharam a área com-
preendida entre a estrada e o local em que o cor-
po fôra encontrado, não tendo descoberto ne-
hum vestígio da queda do corpo nem pedaços de cris-
tal do relógio. "Talvez um desastre", resmungou
Cobb. Mas, quando chegaram ao alto, onde Al e
Connie esperavam havia....



4 ...grandes manchas de sangue, indicando o lugar
onde Edna Blake caíra. Enquanto os dois
explicavam nervosamente tudo o que sabiam
sobre o caso, Cobb notava os sapatos esportivos de
Hardy. Infatigavelmente Al continuou. "Aqui atrás
há plano. Depois de nós, atiraram de um carro. Então..



5 Ouvimos um baque e um grito de mulher. Cor-
remos para a estrada, mas quando chegámos, ela
já se havia precipitado pela rampa. Chamei
então por socorro". Cobb inspecionou o carro de Al.
De repente, segurou Al tirou-lhe as luvas. Havia
arranhões recentes nas suas mãos. Então...

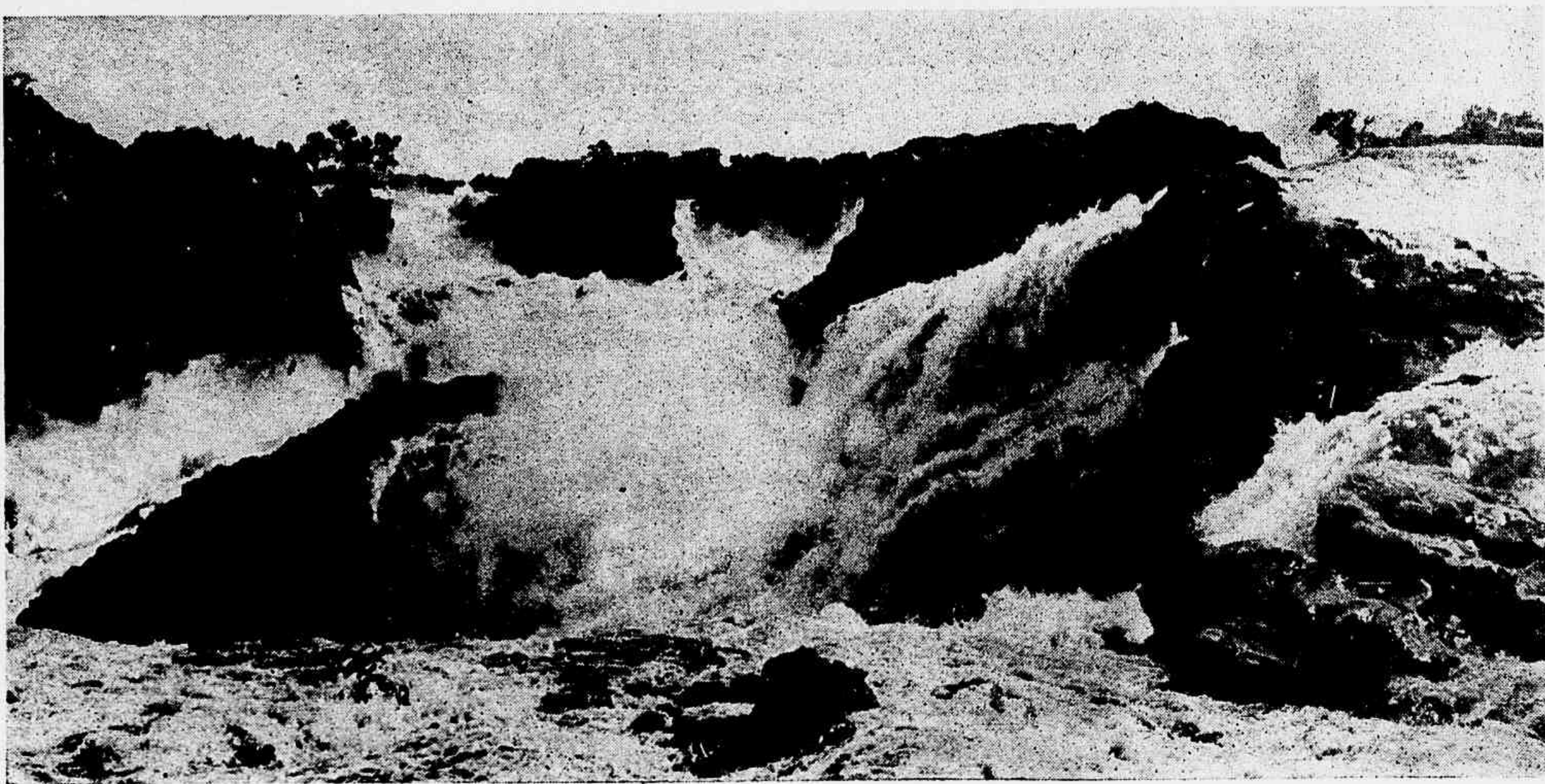
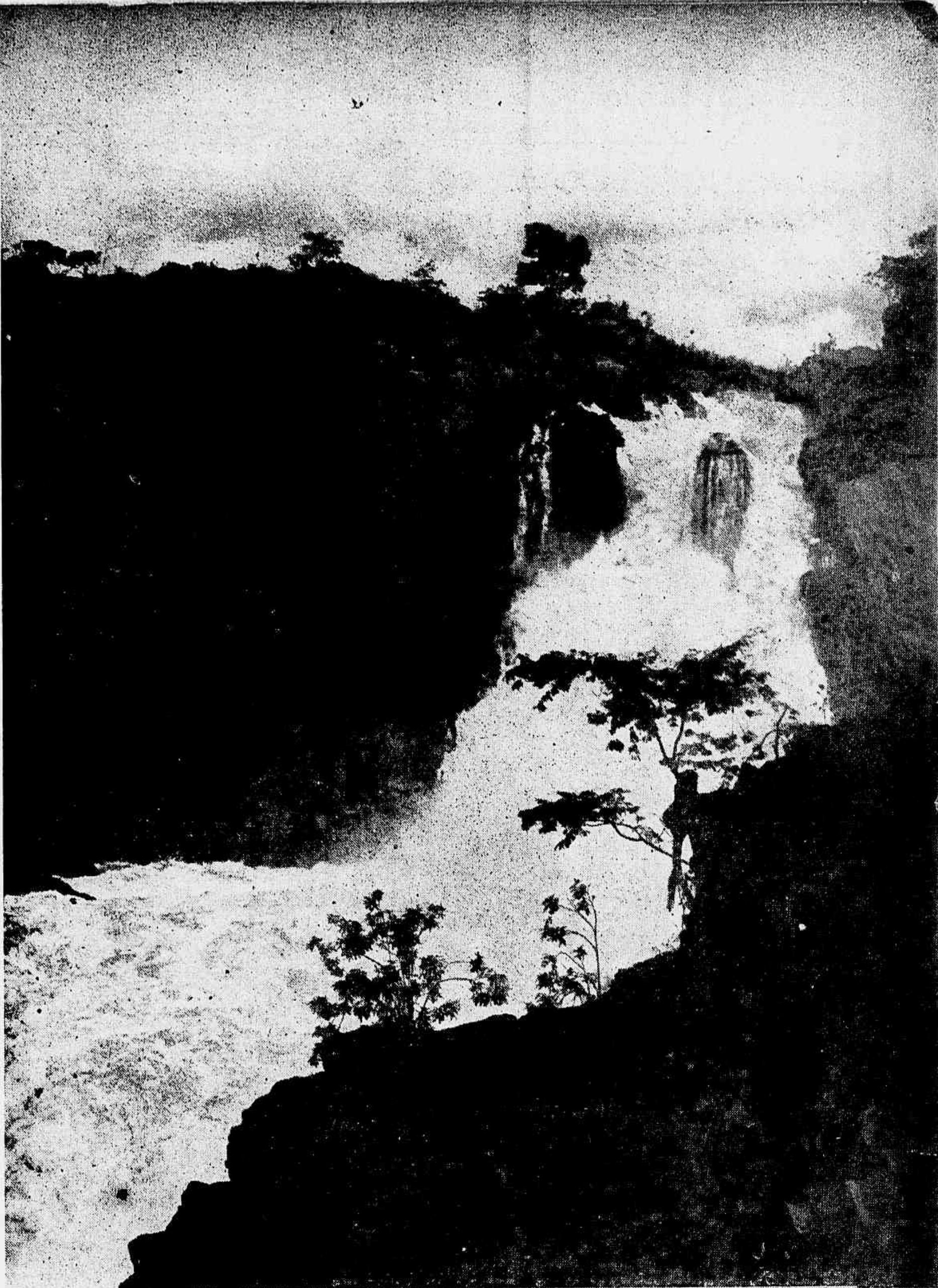


6 Quando o policial os prendeu, os dois começa-
ram a gritar imprecções. Cobb prendeu os dois
por assassinato. Mais tarde, disse ao policial.
"Veja: Se não encontrar a chave, substitua as pala-
vras que faltam para a solução, a ser publicada
no próximo número.

COISAS DO BRASIL

VALE por um motivo pictórico dos mais impressionantes e arrebatadores. Para ser assistido, compensa toda sorte de sacrifícios por que tenhamos de atravessar — e no entanto são tão poucos os que a eles se entregam! A jornada é aspera — aspera e dispendiosa. Não prescinde de alguns dias, que requer a viagem, e quando as caravanas de "touristes" se encaminham para a sua direção é um fremito de entusiasmo que desde os primeiros instantes domina os seus componentes. A Cachoeira de Paulo Afonso — que imponência e que grandiosidade! A água despencando-se, em jorros, em catadupas monstruosas. Os murmúrios ouvindo-se desde longas distâncias. E, mais perto, o espetáculo majestoso, subjugando-nos e reduzindo-nos a proporções mínimas, frente a essa grandiosidade da qual os simples flagrantes fotográficos, reunidos nesta página, mal podem dar-lhe uma pálida idéia.

Ainda assim, valem os detalhes. Ao alto, a Queda da Princeza em baixo, a Queda do Anjiquinho, apenas dois dos inúmeros aspectos que se escancaram aos olhos atônitos do "touriste", quando a esses olhos é dado o privilegiado dom de admirar ao vivo, esse quadro indescrevível. Porque o melhor, inegavelmente, é vê-lo pessoalmente. A Cachoeira de Paulo Afonso jamais poderá ser reproduzida em estampas fotográficas. Ela é por demais grande para resumir-se nesses quadros, simples e vagos "tests" de uma realidade incomparável da qual também devemos orgulhar-nos. E na primeira oportunidade não percamos a soma de emoções que ali podem ser-nos proporcionadas.



ESCRAGNOLLE DORIA

NEUKOMM

A presença diuturna de D. João VI no Brasil valeu ao Rio de Janeiro a demora ou a passagem de bastantes europeus ilustres.

Exemplifica Sigismundo Neukomm, o musico austriaco de fama no começo do seculo XIX fecundo em celebridades.

Neukomm nasceu em Salzburgo, ano de 1778. Teve por mestres dois musicos, José Haydn, o grande compositor, e João Haydn, que se não luz tanto quanto o irmão na arte musical e sua historia nem por isto foi somente proveitosa a discipulos.

Sem se aproximar da gloria do Haydn insigne, também Neukomm valeu, organista e pianista consagrado, compositor de boa nota, na estima de publicos e de personagens.

Eis um, Luiz XVIII, rei da França re Bourbonisada após Napoleão. Em honra de Luís XVI, de dolorosa memoria, Neukomm compôs *Requiem* dedicado a um justo pagando por muitos pecadores. Em retribuição, Luís XVIII condecorou Neukomm, dando-lhe fôros de nobreza.

Neukomm soube igualmente grangear a simpatia do ultra-ceptico Talleyrand, de tantos aduladores quão poucos amigos. *Grand seigneur* desdenhoso de massa humana, avaro de atenção a qualquer, Talleyrand na polidez aristocratica escondia garras de ironia. Experimentou-as Napoleão em varias ocasiões.

Talleyrand protegeu Neukomm. Ao representar habilmente a França no Congresso de Viena, Talleyrand chamou a si Neukomm. Deu-lhe oportunidade de brilhar como pianista. Apreciou-o a mais fina flôr social da Europa reunida num Congresso importante e festeiro.

Ano depois Neukomm aportava ao Rio de Janeiro. Nascido a 10 de Julho de 1778, entre nós veio completar trinta e oito anos.

Pouco antes, a 16 de Março de 1816, entrava no porto do Rio de Janeiro o navio americano *Calphe*. Vinha de França, vencendo longa travessia. Chegavam os de seu bordo a uma cidade breve em luto.

A 20 de Março falecia D. Maria I, rainha de Portugal, no Brasil desde 1808. Aos quarenta e tres anos, por morte paterna, subira ao trono. Reinara trinta e nove anos, descontados vinte e quatro, os da regencia do filho D. João. Este, procurador respeitoso dos direitos majestaticos maternos, timbrava em consideral-os e fazel-os considerar como se exercidos pela genitora.

A 5 de Abril de 1816, a *Gazeta do Rio de Janeiro* comunicava a leitores a presença do navio americano *Calphe*. Dizia-o procedente do Havre de Grace.

Enumerava os seus passageiros, "artistas de profissão", alguns acompanhados por suas familias, seus aprendizes, sua criadagem, esta a indiar nos anos posição social, o pobre criado de si mesmo.

Os "artistas de profissão" vinham ao Brasil a chamado do Principe Regente e após entendimentos diplomaticos. O principe planejava no Rio de Janeiro uma Escola Real de Belas Artes, tão de enfeite às civilizações.

Entre os viajantes de 1816, a *Gazeta do Rio de Janeiro* mencionava Sigismundo Neukomm, qualificado pela gazeta "Compositor de Musica, excellente Organista e Pianista e o mais distincto discipulo do celebre Haydn".

Na capital do Brasil, sede de corte de alem-mar, a musica havia tomado impulso maior com a vinda do Principe Regente. Até então, na sociedade, melhor, o cravo e a espinheta tinham sido instrumentos de voga. A propria classe inferior era muito dada á arte musical, aprendendo-a com facilidade notavel, sabendo interpretar-a. As grandes orquestras assinalaram o tempo carioca de D. João VI, aquelas na Capela Real, a ponto do templo nada ter a invejar, igual á Sé de Lisboa.

No Rio de Janeiro de 1816 achou-se Neukomm desde logo em privança com dous musicos, um na corte, outro em evidencia na cidade, Marcos Portugal e José Mauricio Nunes Garcia, em tudo e por tudo diferentes.

Aos olhos dos proprios patricios lusitanos, Marcos Portugal personificava o entufamento. No conceito dos seus José Mauricio encarnava a modestia. Um se tinha por genio, o outro parecia nem se reconhecer talento.

Não faltavam merito nem fama a Marcos Portugal. Compositor fecundo, inundára de obras teatros e centros musicais da Europa. Diziam que o orgulho resumbrava-lhe do olhar.

Pobre, José Mauricio encolhia-se na humildade, contentado com o apreço de alguns compatriotas. O Principe Regente tirou-o da sombra, encomiando-o diante de adversários francos ou encapotados, os piores da raça venifica — sorridente.

Inimigo ostensivo de José Mauricio, Marcos Portugal o guerreava, entre desdem e inveja, aquele de véo a esta. Marcos não perdia ensejo de picuinhas ao rival fingindo não dar por ele.

Neukomm foi testemunha forçada da gratuita inimizade. No trato social os musicos podem desafinar. Ao envez de Marcos Antonio Portugal, Sigismundo Neukomm prezou José Mauricio. Tal estima devia ser para o padre compositor de grande consolo, ao pensar que um artista de polpa e nomeada na Europa o compreendia e o sobrelevava.

Nem Neukomm escapou ás antipatias de Marcos Portugal. Bem aceito na corte, Neukomm, professor de harmonia e contraponto da princeza real e archiducal D. Leopoldina, se não foi alvo de golpes sorrateiros, sofreu alfinetadas de Marcos Portugal e de sua competente camarilha indispensavel em torno de figurões, até o dia da desgraça e ao menor anuncio desta.

Na época do Principe Regente e portanto na de Neukomm, a Capela Real era o centro de musicos e cantores, alguns destes sopranizados pela cirurgia feminisando vozes masculinas.

No côro da Capela Real, Marcos Antonio pavoneava á rei pequeno, tendo por principe herdeiro o irmão, Simão Portugal, organista da Capela.

Para Marcos Antonio a Capela não lhe dava apenas sustentidos e bemões, trazia-lhe proventos. Santos Marcos, bisbilhoteiro epistolar, noticia o lucro monetario de Marcos Portugal. Gozava este da benesse de lições particulares. Discipulos e discipulos, para ouvirem sem perda de tempo as lições de Marcos Portugal, mandavam carro buscal-o em sua residencia. Não teria alunos tais José Mauricio, nem talvez o proprio Neukomm. A ambos o Principe Regente pedia o deleite de audições de órgão, instrumento que no reboar de sons por assim dizer imponentia a musica ao menor toque de teclado por mão experiente.

Compreende-se que de um órgão um sacerdote compositor ou bom executante se sirva com maior unção que profanos. E, no órgão da Capela Real, Neukomm admirou José Mauricio.

Devia ele também ter conhecido de outiva varios padres dedicados á musica sacra, especialmente votada a Deus e ao mais do Céu. Tanto levantam vozes para celebrar triunfo como as baixam no profundo dos lutos, grande a distancia que na harmonia separa o *Te Deum* do *Requiem*.

Alem de José Mauricio, Neukomm encontrou memoria carioca do padre Manoel da Silva Rosa, falecido em 1793. Compositor de merecimento, organista como poucos. Tendo o órgão por melhor amigo o padre Rosa evitava mostrar-se ao mundo. Vivendo á modesto, á recolhido, morreu sem se fazer valer.

Habitando o Rio de Janeiro por alguns anos, Neukomm teve ocasião de conhecer a cidade e a sociedade carioca, esta pela transmigração ainda mais alusitanada que de costume.

Onde teria residido Neukomm? Dificil, mas curioso saber onde teve casa, se a montou ou se alguém o albergou.

Quasi sem possibilidade de erro pôde dizer-se que a principal casa de Neukomm foi a Capela Real. Aí encontrara musica vocal e instrumental de dar-lhe satisfação auditiva, sem exclusão da visual ao contemplar ricas ornamentações do templo e belos paramentos nas solenidades religiosas presididas pelo bispo D. José Cetano da Silva Coutinho, o português de Caldas da

Rainha, em 1826 senador por S. Paulo e presidente de Constituinte, a de 1823.

O padre Gonçalves dos Santos consignou em consultadissima obra tudo quanto festivo ocorreu no Rio de Janeiro dos dias de D. João VI. Neukomm presenciou a variedade dos espetaculos de então, dos quais se não exclua a nota funebre quando pessoas régias, principescas ou fidalgas iam a enterrar e a exequias de importancia.

Não é, por exemplo, de crer Neukomm em casa, quando o Rio de Janeiro se regozijava ou se enlutava official ou popularmente, em geral o luto popular alheio ao official.

Dia grato a Neukomm seria o da chegada da compatriota D. Leopoldina, a desposorios com D. Pedro. Por esses desposorios ficou o principe concunhado de quem áquelas horas, em Santa Helena, a Inglaterra timbrava em tratar por general Bonaparte, nem siquer lhe dando ilha inteira por menagem.

Quanto teria composto Neukomm na sua permanencia no Rio de Janeiro? Responderá possivelmente algum amigo de estatísticas e catalogos.

Em 1821, D. João VI deixou Brasil. A sua chegada ao paiz fôra auspiciosa, a sua retirada desvantajosa politica e monetariamente pelos embaraços precedentes á Independencia.

Com o rei muitos remigraram e ao remigrar nem faltou a trasladação dos restos mortais de D. Maria I. Na onda de volta á Europa lá se foi Neukomm; tornou ao apreço e á protecção de Talleyrand, servidor de varios regimens sem confiança em nenhum. O apego da hera só na botanica.

De 1821 a 1826, em excursões artisticas, continuou Neukomm vida europeia de parentese no Brasil. Ameaçado de cegar, por feliz operação recuperou vista, entre Londres e Paris passando ultimos anos.

A 3 de Abril de 1838 morria Neukomm na capital francesa do tempo burguês de Luís Felipe. Lembrava-se do Brasil, destacando sempre das recordações a memoria de José Mauricio, este desde 1830 em sepultura na igreja de S. Pedro.

No dia do enterro do padre houve convidado ou aproveitador de ocasiões para subtrair da casa mortuaria musicas e um compendio de contraponto e harmonia.

Em 1830, Marcos Portugal ia a côva no convento de Santo Antonio á Carioca. Desvalido, pobre, e o substantivo logo explica o adjetivo, a 18 de Fevereiro de 1830, o ex-orgulhoso Marcos Portugal repousava em sepultura de pedra no epitulo do mosteiro franciscano, de mezes precedendo no tumulo a José Mauricio.

Em 1838 desaparecia Neukomm, o exaltador constante do admiravel padre até hoje não consagrado por sua classe de modo especial a refletir-se sobre ela propria.



OURO PRETO

(Continuação da pág. 33)

mente trajados e de chapéu na cabeça, como si estivessem para sair de casa dentro de poucos minutos.

— Aquêlé ali — explica-nos o guarda mais solícito — tôdas as manhãs levanta-se, veste-se como está vendo e cobre-se com o chapéu. Espera o momento de ser solto.

— Falta muito?

— Não... "Apenasmente" uns quatro anos e cinco meses, sim, senhor...

Na dependência feminina, um vulto sentado, parece tricotar. E' a única prisioneira e não sorri, nem chega a infundir simpatia. Enquanto os homens falam com o repórter, pedem dinheiro, contam o seu "caso" e solicitam que façamos alguma coisa por eles — a mulherzinha volta-nos as costas e continua entregue ao seu serviço.

— Que foi que ela fez para estar prêsa?

O guarda desta vez não sorri.

— Pendurou a filha...

— Pendurou?!

— Exatamente... Passou uma cordinha no pescoço da menina de seis anos e pendurou...

Outro sentenciado explica-nos o seu crime:

— Não vê que o meu primo me ameaçou: O "bicho" disse que me daria uma sova de relho... Tomei as minhas cautelas, como o senhor faria também, não é mesmo? E um dia êle me apareceu pela frente, disposto. Si não me defendesse era um homem morto.

— Estava armado?

— Com um canivetezinho assinzinho... Foi com êle que me defendi. Lutámos, atraquei-me

para não receber os golpes — e no meio da coisa, o senhor compreende...

— O que?

— Não sei como foi, o canivetezinho entrou, na altura da barriga... Foi um golpe atôa.

E coçando a barba por fazer:

— O intestino apontou...

Depois, imediato:

— Bem, mas o pior é que o pessoal "levou êle" e não desinfetou o ferimento. Compreende... A poeira... A terra... O negócio deu para infeccionar — e por isso êle morreu! Também, não desinfetaram nem nada...

ONDE APARECE O SACRISTÃO QUE TRABALHOU NA "REVISTA DA SEMANA"

Quando visitámos a igreja de São Francisco de Assis, a missa estava terminando. Um humilde sacerdote dava conta da sua missão piedosa, acolitado por um homem alto, espadaúdo, sem sobrepeliz, movimentando-se com agilidade de um lado para o outro do altar. Depois a cerimônia deu-se por finda, padre e ajudante rumaram para a sacristia e ali os procurámos. Manoel José de Paiva Junior — é êsse o nome do velho sineiro e sacristão — atendeu-nos com as reverências e curvaturas dos velhos tempos.

— Pois não! Com todo prazer. Agora mesmo vou mostrar-lhes o que quiserem. E' só um instantinho.

Depois de apagadas as velas do altar-mór e de atendidas também outras pessoas — um pedido de certidão de nascimento e uma encomenda de missa — chegou a nossa vez. Dissemos-lhe o que desejávamos — bater algumas chapas e obter apontamentos sobre as preciosidades da matriz. Era para a REVISTA DA SEMANA...

O rosto do Manoel José de Paiva Junior

iluminou-se. Seus olhos abriram-se ao máximo. As mãos cruzaram-se sobre o peito. E um ar meditativo, traduzindo uma forte comoção, estampou-se na fisionomia do homem:

— REVISTA DA SEMANA! Curioso! REVISTA DA SEMANA!

Ficámos intrigados com êsse ar misterioso, compreendendo desde logo que alguma afinidade fatalmente existiria entre a nossa revista e o velho sacristão.

— Nem o senhor sabe como me alegro falando com alguém da REVISTA! — conseguiu dizer por fim. Nem pode imaginar...

— Por que? E' segredo, "seu" Manoel?

— Não é, não. Calcule que aqui, onde me vê, já trabalhei na confecção da REVISTA DA SEMANA...

E curvou-se, novamente humilde, apertando as mãos uma contra a outra e soltando pequenas gargalhadas entrecortadas de exclamações:

— Foi há muito tempo... Espere, deixe-me lembrar. Deve andar seguramente em quarenta anos... Sim, é bem isso!

Soubemos então que por volta de 1905, quando a REVISTA DA SEMANA pertencia ao "Jornal do Brasil", o nosso amável interlocutor, rapazola ainda, iniciava-se na profissão de tipógrafo-compositor:

— Era na rua Gonçalves Dias, ali junto à Confeitaria Colombo... Não sei si ainda existe no mesmo lugar... Eu acumulava as funções de aprendiz de tipógrafo e de "rápido". Existia, no "Jornal", um ponto de recados, e nos intervalos do serviço eu mesmo ia entregar as encomendas pela cidade. A Avenida Central estava para ser aberta, imagine!

Não deixava de ser curioso êsse encontro com um antigo companheiro desta casa, em lugar

(Conclue na página 38)

UM TOUCADOR ELEGANTE NÃO DISPENSA A PRESENÇA DESTA COLEÇÃO DE ELITE!

Orbleu
DE BAZIN

A VENDA EM TODO O BRASIL

T. TARQUINO



Depois da Guerra — Sabonete PEARS!

O Sabonete Pears, que há mais de um século e meio se colocou ao serviço da Beleza, deixou de ser temporariamente fabricado, porque está colaborando, com alguns de seus ingredientes, ao vital esforço de guerra das Nações Unidas. Contudo, assim que estiver findo o atual conflito, o Sabonete Pears voltará a proporcionar aos seus milhares de consumidores, aquelas mesmas qualidades que o tornaram famoso no mundo inteiro!

SABONETE

Pears



...voltará com a paz!

LINTAS PWB 6-0367

PETRÓLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÉDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

Livros

AURORAS DE DIAMANTINA e outros poemas de João Júlio dos Santos, com um ensaio crítico-biográfico de Américo Pereira — Rio de Janeiro, 1944.

Antes do ensaio do sr. Américo Pereira constam do presente volume duas sentidas e belas páginas do sr. Augusto de Lima Júnior, que acentuam a nobre intenção e a preciosidade bibliográfica de tal publicação. Em verdade, representa este livro um ato de justiça e, de certo modo, uma restituição.

O nome de João Júlio dos Santos — bem como a sua obra, da qual se nos oferecem aqui poesias e trechos de prosa datados de 1864 a 1870 — tinha, por assim dizer, caído no esquecimento. Só os eruditos da literatura nacional ou os apaixonados da poesia mineira lhe podiam consagrar o devido respeito. O simples público leitor geralmente o ignorava. Era uma individualidade posta de parte, uma glória arquivada — tanto vale dizer perdida. O sr. Américo Pereira chamou a si o nobre encargo de reconduzir à notoriedade, pelo menos, um vulto literário que lhe parecia digno de nunca ter saído dessa triunfante condição. Empreendimentos de tal natureza são bem raros e por isso tanto mais merecedores de recompensa. O sr. Américo Pereira não teve, porém, em vista outro prêmio senão a satisfação de haver cumprido um dever, reparando a indiferença ou o desaso alheio. No ensaio-prefácio das *Auroras de Diamantina*, e bem diversamente da regra geral dos prefaciadores, não se refere ele aos títulos ou qualidades que o indicavam para apresentar aos contemporâneos um poeta que, no seu tempo, ha menos de um século, não precisaria de recomendação de espécie alguma. Prática, pois, a originalidade de se colocar de lado ou na sombra do seu trabalho; nada nos diz de si próprio. E por mais de trinta páginas nos entretem com a história de João Júlio, desde o seu nascimento, de pais pobres, em Diamantina, no ano de 1844; os seus primeiros estudos na terra natal; a sua carreira de estudante e já também de poeta em Juiz de

Fôra, São Paulo, Rio de Janeiro; os seus companheiros de Faculdade e irmãos em Apolo, entre os quais Fagundes Varela, Luiz Guimarães, Pessanha Póvoa, Ferreira de Menezes... Dá-nos depois breve estudo crítico da produção de João Júlio, a quem considera, apesar de essencialmente romântico, um precursor da corrente parnasiana em que se assinalaram Bilac, Raimundo, Alberto de Oliveira. E conclui: "Nos versos de João Júlio a filosofia impressiona como um estado de alma e como um reflexo afectivo, manifestando doce espontaneidade que mais exalta o pensamento. A sonoridade hugoana das *Odes e Baladas* opõe quasi sempre a delicadeza de Lamartine, os elementos primitivos da poesia, o extase, a volúpia de sentir e as notas melancólicas do "lirismo de lágrimas" que tão bem caracterizou a poesia naquele tempo. E foi esta a feição definitiva do poeta, a feição que o conservou sempre fiel ao credo da estética com que fizera a sua profissão de fé nos áureos dias da mocidade e que ele conservou religiosamente até o fim de sua vida".

Quasi todas as poesias contidas no volume são longas de mais para o espaço de que dispomos. Julgamos, porém, poder dar suficiente idéia do alto sentimento religioso do poeta e do seu espontâneo e claro versejar, transcrevendo algumas estrofes da composição *As estrelas* que Alberto de Oliveira incluiu nas "Páginas de ouro da poesia brasileira".

As estrelas são urnas diamantinas,
Vertendo à noite borbotões de luz,
Facha de pérolas no cerúleo manto
Que fúlgido reluz.

São conchas de ouro desse mar de nuvens
Que se perde nas orlas do infinito;
— Letras de fogo de um poema ignoto
No firmamento escrito.

Epitáfio do túmulo onde dorme
O segredo da vida, oculto em véus,
Lema sombrio burilado em chamas
Pelo dedo de Deus.

Talvez são turmas de anjos sobre nuvens,
O infortúnio dos homens pranteando
Em lágrimas de orvalho, que dos ares
Vai frio gotejando.

Ou talvez um colar de imensas pérolas
Dos dois pólos atado nos extremos,
Prendendo o manto azul brilhante em chamas
De um céu que nós não vemos.

♦ ♦ ♦

O MORRO VORAZ, romance de Daphne du Maurier, tradução de Lúcia Junqueira Smith — São Paulo, 1944.



Por estas quatrocentas e vinte páginas se desenvolve a história movimentada, não raro violenta, da aventura de John Brodrick que foi, com sua família, fixar-se em Doonhaven, na Irlanda, para explorar a mina do Morro Voraz, sempre coberto de neve ou de brumas. Brodrick, apelidado John do Cobre, é homem rico, honradamente empreendedor e, apesar de um tanto orgulhoso, digno de estima. Mas o seu novo plano de trabalho tinha de encontrar a mais feroz hostilidade por parte dos Donovans, negligentes, invejosos e que, por tradição de família, se consideram espoliados pelos Brodrick. Além disso, a gente do lugar, já por sentimento de bairrismo, já em razão do trabalho dos inimigos de John para o impopularizar, vêem nele e nos membros da sua família outros tantos indesejáveis da pior qualidade. Eis o ponto de partida da ação que se ha de intensificar e complicar de capítulo em capítulo, prendendo cada vez mais a atenção dos leitores amigos do gênero.

A autora pretendeu evidentemente fazer valer o estudo psicológico dos principais personagens, a começar por John Brodrick, com as qualidades contraditórias de homem de idéias, de energia e ordem, ao mesmo tempo que o seduzem as regalias da vida larga e fácil, sem responsabilidades sérias... Mas o grande interesse da obra está no entrecabo imaginoso e, como do seu teatro dizia Henry Bernstein, nos "fatos". Muita coisa realmente acontece no *Morro Voraz* e na da peça por falta de interesse como assunto ou de engenho como exposição,

Novas

ANCHIETA, ensaio de Jorge de Lima, 4.^a edição — Rio de Janeiro, 1944.

Eis, no Brasil, um grande êxito de livraria; quatro edições e tres delas dentro de um ano. De certo o sr. Jorge de Lima não previra tal triunfo ao iniciar a publicação da forma primitiva do seu trabalho na página literária dum jornal. Mas logo esse capítulo logrou a espécie de vitória reservada às autênticas revelações. O autor vinha dizer, sobre tão superior e celebrada figura de apóstolo e de civilizador, certas coisas indubitavelmente novas. Novas, não porque fossem até então ignoradas, mas porque aquela interpretação e aquela exposição lhes davam a virtude emocionante da novidade. Muito se tem escrito e sem dúvida se escreverá ainda, para historiar e louvar a vida inspirada, milagrosa de José de Anchieta; e como sempre os autores se tem mais ou menos repetido e mais ou menos se hão de repetir na emulação da pesquisa, na ânsia de descobrir

mais alguma data, pormenor ou particularidade sensacional. E' nessa espécie de caçada ou de corrida em busca do inédito que certos historiôgrafos conseguem apavorar-nos com o vulto das suas obras, para, caso nos revistamos da coragem necessária para as compulsar, nada contarem que propriamente nos adiante ou nos interesse. O sr. Jorge de Lima reuniu os dados que serviriam para se compor uma biografia bem exata e minuciosa de Anchieta sacerdote, poeta, catequista, realizador de prodígios; recorreu a numerosos autores; andou por bibliotecas e arquivos — mas de tudo isso só aproveitou os fatos capitais e os motivos de mais beleza ou sentimento. O seu trabalho veio assim a constituir uma síntese de documentação e ao mesmo tempo uma joia de pitoresco e de poesia. Temos nestas páginas o mesmo artista dos poemas e dos romances que lhe tornaram o nome singularmente consagrado. E' um homem de letras à parte, independente e em tudo pessoal. Se a graça ou a música das frases o seduz, pouco lhe importa ir de encontro às regras tradicionais, ainda as mais conselheiras.

E aqueles que mais desejariam vê-lo conciliar a elevação do talento e a originalidade da inspiração com os rigores da técnica pura acabam aceitando e admirando, sem nenhum desejo de as discutir, as suas realizações.

Jorge de Lima

Anchieta

Livraria F. Alves

NOVAS CONFISSÕES DE UM MÉDICO DE SENHORAS, memórias de Frederic Loomis, tradução de Elias Davidovich — Porto Alegre, 1944



E' este, como o título indica, o segundo volume em que o ginecologista dr. Frederic Loomis expõe os casos e observações da sua clínica que lhe pareceram mais dignos de divulgação. O seu intuito consiste evidentemente em proporcionar aos jovens médicos, bem como às famílias ou pessoas íntimas dos doentes e a estes mesmos, uma série de noções que, por pouco conhecidas, não oferecem menos utilidade. E' sabido que, em muitos casos, o doente se torna vítima sobretudo do tratamento. Nem todos os médicos observam o cuidado de estudar no enfermo a maneira como é necessário captar-lhe a simpatia e a confiança. Não poucos entendem que, assim, perderiam muito tempo e até que certa atenção, mais benigna ou carinhosa, dispensada ao enfermo, o tornaria, a este, piegas, manhoso, com caprichos e exigências que só poderiam redundar em seu prejuízo. O dr. Loomis não aconselha, está visto, que se satisfaçam todas as vontades do enfermo ou se lhe manifeste todo o enternecimento, toda a compaixão que a sua situação possa despertar... Daí, porém, à secura e severidade mantidas por certos práticos de enfermaria ou de consultório vai

um abismo — o abismo em que fatalmente o pobre diabo, incompreendido ou abandonado, ha de cair. E nos exageros a que, num ou noutro sentido, este ou aquele médico se entregue, igualmente incorrem enfermeiros, parentes, amigos, muitas pessoas que do paciente se acercam e, a pretexto de o confortar e lhe dar coragem, realmente o apavoram e o levam ao desespero.

O autor das *Confissões de um médico de senhoras* organizou uma coleção admirável de histórias a que, de fato, imprime a feição de palestra ou confidência afectuosa. Não recorre nunca à alta tecnologia que ou deixa os profanos em ansiosa dúvida ou lhes tira completamente o interesse pela narrativa. A sua linguagem concisa e clara dirige-se eficazmente a todas as inteligências, ainda as menos cultas ou preparadas. E quando algum fenómeno, a principio, nos cause demasiada estranheza, chegando até a fazer-nos pensar em falsidade e absurdo, aquela maneira insinuante de contar e explicar acabará por nos fazer aceitar e compreender a verdade em questão.

Não nos diz a nota editorial de apresentação do volume se o dr. Frederic Loomis é professor de Medicina; mestre, porém, de doentes e até de médicos ele o é com certeza.

A FARMÁCIA NO DISTRITO FEDERAL, conferência de Carlos da Silva Araújo — Rio de Janeiro, 1944.

O sr. Carlos da Silva Araújo, médico, farmacêutico e que tanto quanto a esses dois títulos faz honra ao de homem de letras, oferece-nos nestas páginas um estudo meticulosamente organizado e o qual, nada deixando por indicar ou acentuar, dá a impressão de nada conter de demasiado ou desnecessário.

De certo, ao convidá-lo para tratar de tal assunto, não poderia a Academia Carioca de Letras fazer mais acertada escolha. Ligado à indústria dos remédios pela tradição do nome, a tendência laboriosa, o entusiasmo realizador, o amor aos empreendimentos progressivos que conduzem à perfeição, o conferencista proporcionou aos seus ouvintes uma exposição comentada e explicada uma lição de verdadeiro mestre. Para amenizar a palestra que não poderia durar menos de uma hora — porque aquém desse espaço de tempo os auditórios se consideram roubados como daí por diante passam a mostrar-se martirizados — recorreu o sr. Silva Araújo a algumas anedotas de laboratório ilustre ou de botica provinciana, qual delas mais interessante. E ainda presenteou a assistência com a revelação de duas poesias humorísticas, constantes dos arquivos de família. A primeira, de Castro Menezes, é demasiado longa para este lugar a segunda, podemos felizmente reproduzi-la:

Meu caro Silva Araújo,
Julio forte, alegre e nédio,
Eu de tão limpo, ando sujo,
Por causa de um tal remédio.

Ai tenho uma receita
Que fica, por meus tormentos,
Depois da conta já feita.
Em treze mil e quinhentos...

Se algum crédito mereço
Este fiado não disfarço,
Pagarei logo ao começo
Do próximo mês de Março.

O pedir-te me desgosta
Porém como de outras vezes
Sê bom mandando a resposta,
Ao — EMILIO DE MENEZES.

J. I

ESTE É O CHARUTO
VITORIOSO



Sã MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES

Prof. ARNALDO DE MORAES

3.^a EDIÇÃO

PREÇO: Cr\$ 15,00

Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166

Dr. SPINOSA ROTHIER

Membro do C. C. C. U.
Médico de Buenos Aires

DOENÇAS SEXUAIS E URINARIAS

(Endoscopia, Operações, Eleticidade, Hormônios Sexuais)

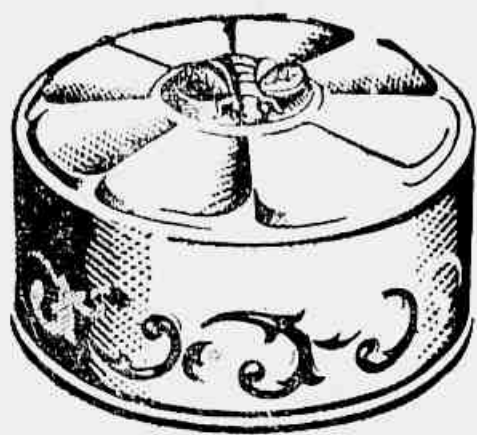
RUA SENADOR DANTAS, 45-B — 9.^o ANDAR — APARTAMENTO, 902 — TELEFONE, 22-3567



Como está mais bonita!...



Descubra uma nova beleza com o pó de arroz Bond Street, de Yardley, tão macio, tão fiel à tonalidade da sua cutis, tão maravilhosamente fino. Goze a lisonja motivada pela beleza natural, a espontaneidade sutil que é arte especial do fabricante — o presente da Yardley ao encanto e a você!



Yardley
de Londres

Lembre-se: ainda chegam às lojas pequenos fornecimentos de Cremes de Beleza Yardley e Talco Lavender. Assim, veja se obtém o seu quinhão!

33 OLD BOND STREET — LONDON — ENGLAND

O que se deve evitar

MINHA AMIGA:

Será que uma mulher se julga mesmo superior quando pode jungir um homem aos seus caprichos e exibi-lo a



suas amigas como qualquer cão de luxo preso a uma corrente?

Não creio. Pelo menos não creio que uma mulher inteligente, equilibrada e sobretudo consciente do seu valor,

sinta disso "orgulho," ou "disso" faça garbo.

Afinal que vantagem há em ser senhora de um ser sem espinha dorsal, sem virilidade? E está claro que um homem forte e superior pode servir aos caprichos mais sem limites de uma mulher e sujeitar-se ao seu depotismo mesmo; mas tudo isso de "portas a dentro" sem permitir que sua dignidade de senhor sofra o ridículo público.

Nada pôde atingir tão mortalmente um homem como o ridículo.

Nenhuma mulher de sentimentos bem formados poderá amar um homem ridículo. Ambos são dignos de pena.

Não quero com isto dizer que admire o homem despotico cuja autoridade é ditatorial; os extremos se chocam.

Ha para a mulher, como para o homem, uma autoridade equivalente, que

MODAS **BLOMBINE**

FAZ OS MAIS LINDOS CABELLOS LOIROS



Um vestido que pôde ser usado de duas maneiras diferentes: sem o casaquinho para os passeios matinaes e com o casaquinho para o chá com a amiguinha.

deriva da missão de cada um na vida e dos deveres e direitos que das suas atribuições emanam. Iguais diante das leis sociais, iguaes diante de Deus, também devem ser iguaes na compreensão desses deveres e direitos. Do equilíbrio das forças é que resultam a harmonia universal e o ritmo regular da vida.

Quando um rio ultrapassa os limites do seu leito, o que acontece? Enchentes, calamidade, miséria.

O abuso de autoridade, minha amiga, é um sinal de covardia moral; nenhuma creatura superiormente dotada abusará de seu cargo, de seu posto ou de sua força para mandar; ela nunca desejará ser obedecida, deseja antes ser atendida.

Ha entre estes dois termos uma sutil e delicada nuance, que define bem a creatura humana de qualquer sexo.

Hoje, mais do que nunca, estamos numa época em que a compreensão e a



benevolencia são virtudes indispensáveis à harmonia e felicidade.

Wally.

incarelli

ALMIRANTE BARROSO, 5 ★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

1844-1944

THE S. S. WHITE DENTAL MFG. CO. PHILADELPHIA

UM SEculo DE SERVIÇOS A' ODONTOLOGIA
SIMBOLO DE ORIENTAÇÃO E GARANTIAUSAR A PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE É SABER DAR PREFERENCIA AO
DENTIFRÍCIO MAIS INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES
PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE

A morte de Sócrates

(Continuação da página 25)

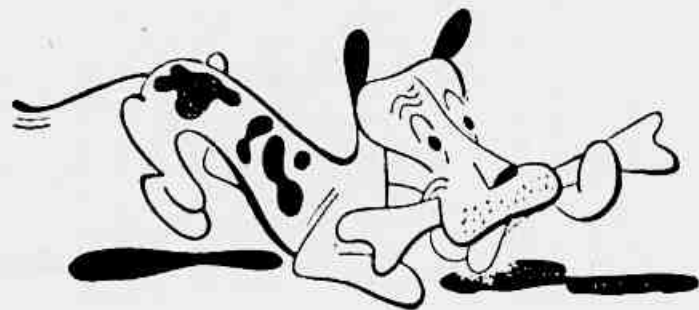
atarantei meio mundo, dias, semanas a fio, numa busca desesperada de pormenores a respeito da doença do mestre. E o mais risível é que todos me louvavam a angústia, levando-a à conta de veneração. Assim, entre lástimas e abanos de cabeça meus e deles, aprendi quanto necessitava: o velho padecia dum aneurisma terrivelmente agravado nas ultimas semanas, e se não se enganavam os médicos a quem fôra de consulta, a coisa andava em ponto de estourar... Um gosto a sangue me inundou a boca. Andei às tontas pelo pátio,

até aí agitadíssima. Abrimos as antologias. Milton. *Paradise Lost*. Principiou a leitura. Era o soberbo "Solí-

lóquio de Satã"... Não sei se, por fortuna, já leste esse pedaço d'ouro em que o arcanjo rebelado fala sózinho

como um mentecapto, mas um mentecapto que soubesse entretanto de cor
(Continúa na página 51)

"ELE SE ARRUMA COM OSSO... A GENTE, NÃO..."



— Complete suas refeições com

MALZBIER
DA BRAHMA

O homem precisa de uma alimentação equilibrada para conservar a saúde. É por isso que, quando falta um dos elementos indispensáveis, é aconselhável recorrer à Malzbier da Brahma. É uma cerveja deliciosa, levemente adocicada e de alto valor energético, graças ao malte de superior qualidade que entra, em abundância, no seu preparo. À base de malte, que é uma rica fonte de energia, a Malzbier da Brahma tem o valor de preciosos alimentos. Tome-a regularmente no almoço e no jantar, principalmente nas refeições ligeiras, fora de casa. Malzbier da Brahma é gostosa e faz bem.



MALZBIER DA BRAHMA

completa qualquer refeição

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANÔNIMA BRASILEIRA - RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - CURITIBA



subi à biblioteca deserta àquela hora, busquei novamente o pátio numa vibração indescritível como se prelibasse o espasmo da vingança muito próxima...

A' noite, veio-me a inspiração. De borco na dureza da cama, recordou-me subitamente a história do sujeito que assassinara outro, com a carabina dum anedota bem lubrificada. Pinto? — Pinto?... Não; era Pontes, isto mesmo. Pontes! o nome do sujeito; e Bentes, assim se chamava o major que arrebitara numa gargalhada. Ah! Monteiro Lobato, meu irmão e meu cúmplice, por que a vida se não aproveitaria do desfêcho do teu conto, se todos os teus contos não têm feito outra coisa que delapidar o patrimônio da vida?

No dia seguinte — aula de inglês. Os nervos vibravam-me tensos como se eu fôra o violino do diabo. Sentado



num dos bancos dianteiros, correu-me um arrepio doloroso mal divisei à entrada a figura de Sócrates arrastando uns últimos restos de vitalidade que lentamente, lentamente, deixou vergar sobre a cadeira de braços... A doença tinha-lhe, aquela manhã, afivelado um tal ar de desalento no rosto que houve um como silêncio contrafeito na sala,



ANTECIPANDO O LANÇAMENTO DA RÁDIO MAUÁ, QUE SE VERIFICOU NO DIA 7 P. FIMDO, GILSON AMADO REUNIU EM CORDIAL PALESTRA A CRONICA ESPECIALISADA DA CIDADE. O CLICHÉ ACIMA FOCALISA UM ASPECTO DESSA REUNIÃO, VENDO-SE O DIRETOR DA EMISSORA DO MINISTÉRIO DO TRABALHO QUANDO EXPUNHA SEU PLANO DE ATIVIDADES E SOLICITAVA DOS CRONISTAS O ESTÍMULO DE SUAS SUGESTÕES.

de Radio

DJALMA MAIEL

COM a regularidade irritante de uma gota d'água em suplicio chinês, repetem-se aos microfones da cidade as novelinhas caxingós de assuntos regionais: — a velhota malvada e neurotica; o fazendeiro burrão e dinheirudo; o rapazinho ardoroso, apaixonado, temperamental; o capataz solerte e criminoso. E, sobretudo, o preto ou a preta velha, tati-bitati, resmungando asneiras. Qualquer sujeito de bom-senso, de gosto mediano, se pergunta porque isto assim, quando há tanta coisa interessante para focalizar em iniciativas de rádio-teatro. São dois fenômenos que ocorrem simultaneamente: — a paciência do ouvinte e a tenacidade dos atores e adaptadores — ambos oferecendo uma lastimável prova de nossa cultura. Admito, na pior das hipóteses, que na emergência de perder o publico,

e em consequencia os patrocinadores, insistam as emissoras na apresentação de novelas de um romantismo piegas e suburbano; porém ainda não compreendi a razão da preferencia pelas histórias de fazendas, com uma obrigatoria incursão literária nos cenários de mato e de caipirismo. Se é mesmo necessário, para agradar aos sintonizadores, o culto da estulticie, por que motivo não explorar a burrice das cidades, que ao menos não fala em tati-bitati?

Esse rumoroso escândalo do Cine-Teatro Pax, na capital baiana, de que foi personagem central a cantora Eladir Porto, acrescenta mais um exemplo ao já volumoso acervo de incidentes dessa natureza, verificados no meio provinciano com artistas do rádio carioca. Verdade, ainda nenhum assumira aspecto de tamanha violência, de tão grande repercussão; mas, sem duvida, observados com um propósito de averiguar responsabilidades, todos eles se assemelham pela origem. A plateia dos Estados não pôde compreender a mentalidade desses "astros" excursionistas; estes muito menos sabem se colocar em posição de não ferir os seus preconceitos. Não coincidem os níveis de educação, eis tudo. O caso de Eladir Porto, por exemplo, ilustra a asserção. Um jornal da cidade do Salvador, "A Tarde", em sua edição de 29 de Agosto, assim narra o acontecimento:

O espetáculo começou normalmente. O cinema estava cheio: mais de 2 mil pessoas. A certa altura, um espectador pediu "que Eladir se requiescesse mais um pouquinho"... A morena sambista — que diga-se de passagem é "do outro planeta"... — não gostou da pilheria e retribuiu a piada. Foi a conta: chingamentos, palavras de baixo calão fertilizaram as discussões. Foi uma troca de "amabilidades" de tal ordem que a "dona boa" resolveu suspender o espetáculo. A grande assistência, que havia pago \$4,50 pelo ingresso, protestou veementemente havendo princípio de desordem. A artista, prudentemente, escondeu-se. Afinal veio a polícia, que serenou os animos fazendo algumas prisões.

Como se vê é difícil apurar responsabilidade do escândalo. Se a cantora compreendesse a gente da provincia, jámais retribuiria áquela pilheria com explosões de mau humor, pois, nem na Bahia nem em outro qualquer lugar, uma plateia admite impertinencias de artistas conforme succede com a grande massa dos nossos espectadores, já acostumada a não reagir. Também por qual motivo os frequentadores do Cine-Pax entenderam que D. Eladir, por ser do Rio e ter cobrado 4 cruzeiros por assento, devia virar parafuso?

AIÔ... AIÔ

Gil Amora, velho jornalista, que atualmente se dedica ao trato especializado de assuntos econômicos, está apresentando um interessante programa dessa materia, todos os dias, ao microfone da Nacional. Suas opiniões muito ponderadas têm repercutido da maneira mais auspiciosa nos círculos financeiros nacionais.

Novas e sensacionais aquisições estariam sendo feitas pela Transmissora segundo consta nos meios radiofônicos. Entre elas, o sr. Celso Guimarães, um dos bons elementos do cast da PRE-S.

Uma orquestra constituída exclusivamente de trabalhadores — é um dos planos de Gilson Amado, na direção da Rádio Mauá. A nova emissora lançará, também, em tempo oportuno, um empreendimento radio-teatral.

O MAU HÁLITO - INIMIGO DA FELICIDADE



VOCÊ PODE TER MAU HÁLITO SEM SABER!

A espuma de Colgate contém o novo ingrediente que penetra até às fendas escondidas entre os dentes. Livra-as dos resíduos dos alimentos e das bactérias que são a maior causa do mau hálito, dos dentes embaçados e amarelados, das gengivas moles e das cáries dolorosas. Por isso é que Colgate limpa realmente os dentes, embeleza, conserva as gengivas firmes e saudáveis e o hálito perfumado. Comece a usar Colgate hoje mesmo.

OS MAIS BELOS SORRISOS...

...SÃO SEMPRE SORRISOS COLGATE!

ÊLES VOLTARAM A SER FELIZES! UM SORRISO COLGATE FAZ MILAGRES!



ARÍ BARROSO

Anselmo Domingos

OPINIÃO

Há nos Estados Unidos cinquenta e tantas peças de teatro com o nome de "Arranha-Céu". Deve haver por aqui, no Brasil, centenas de histerietas chamadas "Príncipe Encantado".

Eu mesmo duvidei quando vi a peça de Ari Pavão anunciada. Cheirou-me a conto de fadas com Eva Tudor de túnica branca e estrela na testa. E o mais difícil era conceber como e porque o ausente autor reaparecia agora com uma peça cujos sintomas se estampavam soberbamente na ingenuidade do título.

Não sei se fui eu só a pensar assim, mas acredito que não. A sala encheu-se na noite de estréia, inclusive de críticos. Logo, a curiosidade não era só minha. Curiosidade irreverente, é bom que se diga, calcada num sorriso de desconfiança.

E' a primeira peça que vejo de Ari Pavão. Nem mesmo suas famosas revistas conheço. E o que mais me admira é a franqueza ao expor os fatos. Não há na comé-

dia nenhuma dúvida para o assistente. Ele vê as cenas passarem, compreende perfeitamente tudo, acha as coisas naturais e sente até prazer na simplicidade com que são mostradas as curvas mais perigosas do entrecos.

Depois, a peça tem diversos atrativos. O desenho singelo da figura do coronel é um deles. A situação das cartas é outro. E as lindas "toilettes" de Eva Tudor também. Ar de Elza Gomes idem. A marcação dos personagens e das cenas. A compreensão do sentido da peça.

Por justiça, deveriam mostrar-se detalhes. A voz de Armando Braga no criado, por exemplo. Destoa toda escala. A falta de firmeza na condução do tipo do poeta. O "arreglo" do cenário. Uma vez ou outra a extensão do diálogo. Tudo isto numa primeira sessão de uma noite de estreia. Convenhamos que não é pouco.

Uma coisa pôde-se garantir. Uma não, duas. Primeira: o autor Ari Pavão conseguiu reabilitar um título dando-lhe força, imponência e maturidade. Segunda: o empresário Luiz Iglesias conseguiu uma peça condizente, bonita e vistosa, para encerrar a temporada.

A D E S ã O

Teatro e rádio vivem numa permuta constante. Às vezes um sãe perdendo, é claro. Questão de negócio. Mas às vezes acontece que empata. E' o caso recente de Luiz Peixoto ter aderido ao rádio, como auxiliar direto de Gilson Amado na nova Rádio Mauá, a emissora do trabalhador. Empatou, porque a atividade desdobrada de Luiz Peixoto no teatro e no rádio só dá lucros a ambas as partes. Para começar, ele vai fazer na rejuvenescida PRH-8, um programa chamado "O que é que há contigo?".

E N T R E V I S T A

Ainda sobre o cabeludíssimo assunto do "teatro por sessões", puxado por Dulcina, continuado por Delorges e outros, Jaime Costa deu uma preciosíssima entrevista a um vespertino. Vale muito bem a pena salientar este pedaço de ouro: "O que eu não sei explicar porem, é a súbita mudança que se opera no intelectual quando pega da pena para escrever sobre teatro. Talvez por covardia, talvez por pedantismo, quando essa gente fala de teatro, e esse teatro é do genero que eu faço, só sabem falar em chanchada. Coitados! Eu porém os conheço".

P L A G I O

O Ari Barroso foi passar umas férias em Cambuquira. Antes, porém, teve o prazer de passar uma descompostura no Freire Junior. O veterano autor pulou, protestou e

desafiou o homem da gaita para um duelo. Ambos fariam uma revista ou peça sobre o mesmo tema. O Ari, é claro, disse que não podia, tinha que ir fazer sua estação de águas. E foi. Agora, enquanto o homem não está, vem o Muraro e diz que o Ari Barroso plagiou uma idéia dele que está sendo explorada na revista "Tudo é Brasil". Vai sair farsa! O Ari deve vir aí que vem danado. Eu estou na primeira fila, bem de frente.

P R O C O P I O

Com uma peça que ninguém sabe qual é, e com um elenco que todo mundo quer ver, Procopio reaparecerá aos cariocas no dia 15 de outubro, segunda semana do mês. Palco do Serrador.

P E R M A N E N T E

Não tem fundamento a notícia da dissolução da Comissão Permanente de Teatro. E' permanente mesmo.

A N U N C I O

Quem viu por aí a "Comédia Brasileira"?

"Como conseguiu uma pele assim tão linda?"

— UMA

Cutis Juvenil!

SEMPRE CHAMA
ATENÇÃO

Raras vezes foi uma jovem interpelada, na rua, por outra que lhe perguntasse onde fez ou quanto custou o seu vestido. Mas quem tem uma pele perfeita já mais de uma vez ouviu, mesmo de desconhecidas, a pergunta suprema: como conseguiu uma cutis assim?

É que a pele é o problema n.º 1 da mulher. E ao encontro desse problema vem Leite de Colônia, que limpa, alveja, amacia a cutis. E se tem espinhas, cravos, sardas e manchas, não procure esconder esses defeitos, corrija-os com Leite de Colônia, preparado rigorosamente científico e eficiente.

Provoque a admiração de todas, usando, duas vezes ao dia, Leite de Colônia, a juventude permanente da cutis!

Leite de Colônia



Em São Paulo...

e sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

J.W.T.

O desfile da

M A R E



“DESTACAVA-SE, GARBOSA COMO SEMPRE, A REPRESENTAÇÃO FEMININA DA M. A. B. E., O TRADICIONAL COLÉGIO DO I. S. P., OUTRO GRANDE CENTRO DE EDUCAÇÃO QUE TRABALHA SEM DESFALECIMENTOS NA OBRA PATRIÓTICA DE PREPARAR A NOSSA JUVENTUDE PARA AS GRANDES TAREFAS QUE O FUTURO LHE RESERVA, PARA A GRANDEZA DO BRASIL”.

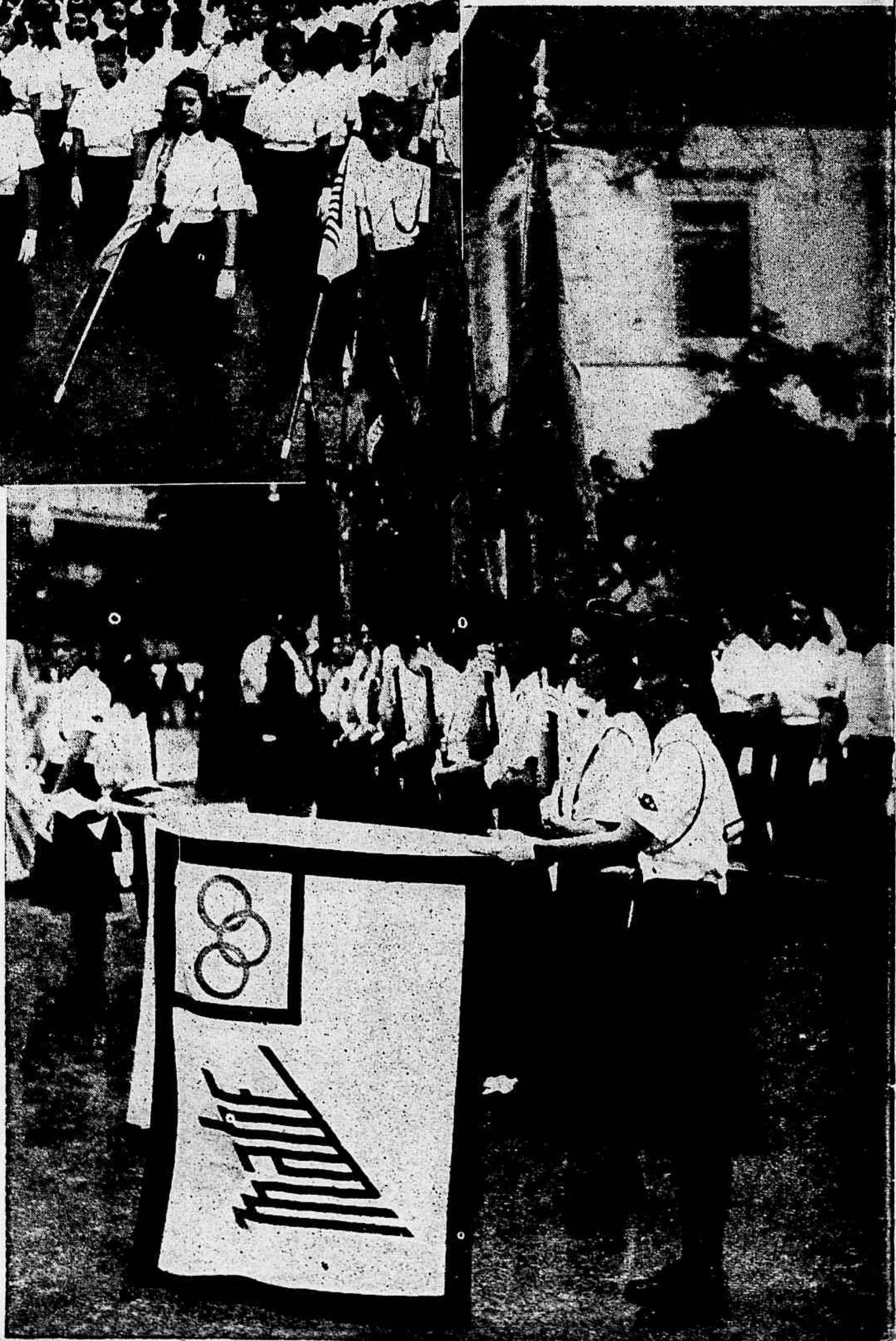
O sol doirava a cidade, que despertara alegre naquela festiva manhã de 3 de Setembro... Bandeiras ondulavam ao vento em todos os recantos, em todos os bairros, e no coração vivo da acolhedora e bela capital do Brasil.

A mocidade partia para o grande desfile comemorativo da Semana da Pátria.

Havia música no ar... Bondes, onibus, automóveis, trens e caminhões passavam cheios e, em todos, tremulavam laços de fitas verdes e amarelos.

O Presidente chegou à tribuna e sorriu confiante para a mocidade que o aguardava. Começou, então, o desfile triunfal. Era o despertar de uma nação na alma alegre e promissora da juventude, que estuda e trabalha para a grandeza da Pátria.

A alma das escolas — colegiais e ginásianos — integrava-se no grande desfile, formando a alma varonil do Brasil de amanhã.



juventude

INSTITUTO
LAFAYETTE

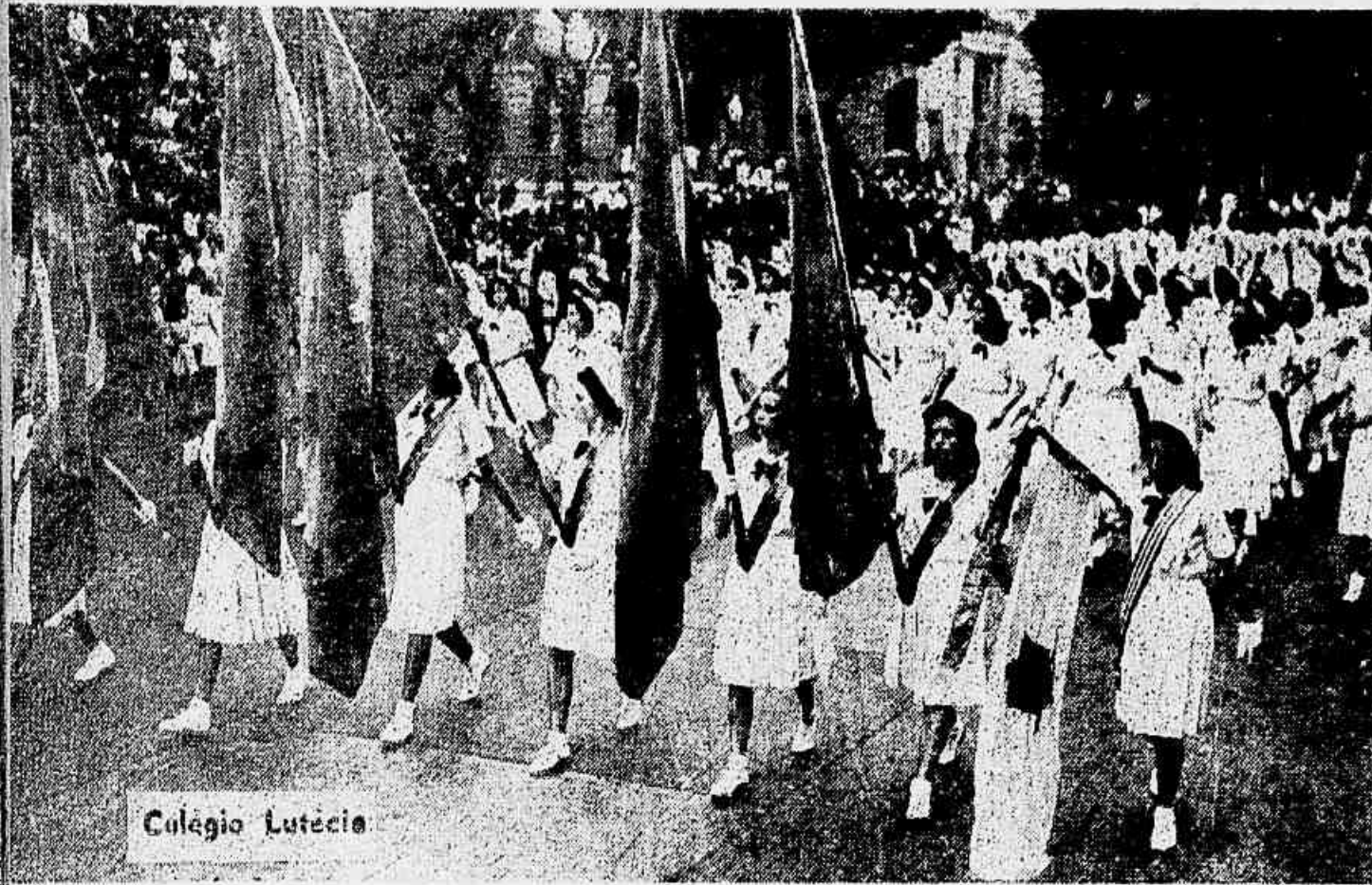
"BELO DESFILE! E, ENTRE OS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO QUE EDUCAM PARA A VIDA E PARA O TRABALHO HARMONIOSO E FECUNDO, VIA-SE O INSTITUTO LA-FAYETTE. CENTRO EDUCACIONAL DE MERECIDO ENCÔMIO, DONDE SE IRRADIAM GRANDES ENSINAMENTOS GENEROSOS, LIÇÕES PURAS DE CIVISMO E DE BRASILIDADE".

Sentia-se nessa marcha os anseios de uma nação que se torna grande e forte, aspirando como sempre paz, harmonia e trabalho. E, por isso, o Brasil triunfou no Passado e triunfará no Futuro!

Quão diferente era a alma da juventude que, outrora, em certas capitais estrangeiras, desfilava inoculada de ódio, vingança e ambições injustas! Educada para a morte, sucumbiu no grande temporal que agoita o ocidente e o mundo.

E o Brasil passa cantando triunfalmente, nas festas comemorativas da sua independência política.

Belo desfile! E, entre os estabelecimentos de ensino que educam para a vida e para o trabalho harmonioso e fecundo, via-se o Instituto La-Fayette, centro educacional de merecido encômio, donde se irradiam grandes ensinamentos generosos, lições puras de civismo e de brasilidade. Descatacava-se, garbosa como sempre, a representação feminina da MABE, o tradicional colégio do ISP, outro grande centro de educação, que tra-



Colégio Lutecia



Colégio Brasileiro de São Cristóvão



Colégio Pio Americano



Colégio Santa Teresa



Externato Barão de Mesquita



Colégio Franco Brasileiro



Instituto Menino Jesus



Colégio Otton



Colégio Andrews



Colégio Batista

balha sem desfalecimentos na obra patriótica de preparar a nossa juventude para as grandes tarefas que o futuro lhe reserva, para a grandeza do Brasil. E passavam, sob aplausos unisonos, os luzidos pelotões do Colégio Andrews, do Colégio Brasileiro de S. Cristovão, do Colégio Lutecia, do Colégio Ottati, do Colégio Batista, do Colégio Franco Brasileiro, do Colégio Santa Thereza, do Colégio Juruena, do Colégio Pio Americano, do Instituto Menino Jesus, do Externato Barão de Mesquita e de tantos outros que não nos foi possível anotar, todos desfilando com entusiasmo, naquele ambiente de alegria contagiante, que era a Avenida Rio Branco na manhã do dia 3.

Admirável espetáculo! A cidade, banhada de sol, sorria satisfeita, naquela festiva manhã de 3 de Setembro. Ao compasso das marchas militares, desfilava a juventude do Brasil... Bandeiras ondulavam ao vento... Havia música no ar...



Colégio Juruena

"O homem que matou em publico"

(Continuação da pág. 19.)

— Largue-me! Grace, largue-me!
— Cale a boca, menino malcriado.

— Largue-me, Grace, ou eu grito.
— Pode gritar. Não tem ninguém aqui para ouvir o senhor!
— Grace, eu conto a mamãe quando ela chegar! Eu digo a ela que você saiu com o chauffeur! Ai! Grace! Pá! Pá! Pá!

— Já lhe disse que calasse a boca!
— Ai! Socorro! Estão me matando!
— Cale a boca menino, senão você ainda apanha mais!
E quando cansada pelo esforço, Grace deixou o menino soluçando, es-

Ideal para
CRIANÇAS!



CABE à mãe ensinar seu filho a usar diariamente um dentífrico adequado para a higiene bucal, a conservação perfeita dos dentes, com o seu brilho e o fortalecimento das gengivas. Prefira PYOTYL, porque é o mais completo dentífrico: quem o usa a primeira vez, jamais o substituirá por outro.

PYOTYL

o dentífrico mais completo
Creme Dental e Líquido

"O CRIADOR DE SORRISOS"

Em todas as boas Farmácias e Drogarias

PRECISO COMPRAR
JÁ UM TUBO
DE
MENTHOLATUM



MENTHOLATUM

É USADO DIARIAMENTE POR
MULTIDÕES CONTRA

RESFRIADOS

UM REMEDIO CASEIRO DE
VALOR INCALCULAVEL

parramado no chão, tinha assinado sua própria sentença de morte.

Passaram os anos. Morreu a mãe, pouco depois da prisão do pai, e este veio a falecer, mais tarde, na penitenciária. Uma tia recolheu George.

— George, meu filho, eu não sou muito rica, mais vivo só e quero dar a você tudo aquilo o que você não teve. Você foi um menino infeliz, George.

— Obrigado, titia.

— Quero que você vá para os melhores colégios.

— E George, de fato, foi. Porém, depois de um mês, foi expulso da universidade, e decidiu trabalhar.

— Titia eu não aguento aquela vida...

— Eu tinha outros projetos para você, meu filho, mas já que essa é sua vontade...

— E' titia.

— E em que você vai trabalhar?

— Vou tentar o teatro...

— Teatro?

— Sim.

— Mas, meu filho, justamente o teatro...

— Eu sei, titia, que a senhora tem, com certeza, uma série de objeções ao teatro, mas a senhora deve se lembrar que os tempos correm e o que há uns vinte anos poderia ser certo hoje já não tem mais nem um parcela de verdade.

— Mas, meu filho...

Não adiantaram os protestos. George seguiu seu rumo, direto para o crime o crime horrendo...

A causa imediata do crime foi ridícula. Mas, atrás de tudo aquilo, estava o velho ressentimento.

Encontrou Grace na rua.

— George!

— Olá!

— Como vai você?

— Mais ou menos.

— Que é que você anda fazendo por aqui?

— Eu? Nada. Trabalhando.

— Que é que você é, George?

— Ora vejá só. Ator...

Grace riu.

— Não acho nada de engraçado.

— E' que quando eu me lembro de você ainda de calças curtas... Ator!

Como esteve errada Grace! Para que despertar as recordações de um passado que!

— Venha assistir à peça, esta noite...

— Sou bem capaz de passar pelo teatro.

— Venha.

— Onde é?

— No Teatro Walton. Olhe aqui uma entrada.

— Está bem, irei.

E, assim, George tornou a vê-la.

(CONTINUA NA PÁGINA EM FRENTE)

Dúvida

(Continuação da página 39)

— Que tolice, você ia fazer meu amigo.

— Não sei porque! Você não me ama mais...

— Quem foi que lhe disse isso?

— Mas então eu não tenho olhos para vê-lo?

— Escute aqui, Jacques. Eu preciso contar uma história a você. Não contei antes porque todas as vezes que eu tocava no assunto você ficava zangado...

— Mas...

— Não. Deixe-me falar. Era uma vez um rapaz e uma moça. Eram jovens e amavam-se loucamente. Ficaram noivos, pouco tempo depois de se conhecerem e iam casar-se, dentro em breve, quando começou a guerra. A noiva foi uma das primeiras vítimas dos bombardeios. Morreu, instantaneamente. E o noivo desesperado foi encontrar o seu corpo nos escombros da casa que tinha sido tão bela... Na casa onde se haviam conhecido...

Ficou desesperado. Queria suicidar-se. Mas a pátria chamava os seus homens para a luta. E ele partiu. Teve coragem. Foi condecorado. Hoje não pensa mais em morrer mas o seu único prazer nessa vida é falar sobre a noiva morta. E ele procurou as amigas dela... Jacques... Cláudio é o rapaz. A noiva dele era uma grande amiga minha...

— Mas por que você não me contou tudo isso antes?

— Por causa dos seus ciúmes, tolinho. Você nunca me deixava falar no Cláudio...

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA QUARANTIMA

O crime... O crime não foi planejado. Grace viu, de repente, à sua frente um rapaz, que ela conhecera, menino ainda. Era um belo rapaz. Alto, forte, feições delicadas, maneiroso. Por que não aceitar um flirt? Era muito mais velha do que ele, era verdade, e fora criada na casa dele. Mas, em primeiro lugar, não aparentava a sua idade e, em segundo lugar, também ele havia descido muito na sociedade, desde a morte do pai.

Foram esses os motivos que levaram Grace a pôr de lado qualquer objeção quanto ao flirt. Gostava de homens belos e George era inegavelmente um rapaz de grande beleza.

— Vamos dar um passeio de barco?

Foi no passeio que...

A praia estava repleta de banhistas. Eles alastaram-se um pouco...

Grace disse:

— Quero remar um pouco, George...

— Tome um remo.

A mulher era vigorosa, porém não sabia remar. Aconteceu o inevitável. Ela fez o barco virar.

— Grace! Segure-se bem que eu vou pegá-la, disse George.

Foi então e só então que passou-lhe no cérebro a idéia de deixá-la morrer.

— Largue-me, George!

Ele se aproximara para salvá-la, porém — ela pensando que ele iria impedir-lhe os movimentos, pois sabia nadar — libertou-se com um empurrão. De repente, sem saber como, George agarrou-a e empurrando-a com toda a força de que dispunha fê-la afundar, um, dois, três, quatro minutos... O tempo passava e ela se debatia cada vez mais debilmente. De repente, ele sentiu que tinha nas mãos um cadáver.

— Socorro! berrou.

E o povo, que já vira da praia que alguma coisa estava acontecendo naquele barco, se aproximava, nadando...

Não houve dúvida alguma. Ele contou que o barco virara e ela desaparecera debaixo d'água...

— Depois, vi-a emergir e agarrei-a, mas era tarde demais...

E foi assim que o primeiro crime foi cometido. O primeiro crime que, coroado de sucesso, iria encorajá-lo a matar mais uma vez, mais uma vez...

Mas uma pista ficara. Um bracelete que pertencera a Grace e que ele tirara de seu braço, calculando que deveria valer muito. Um pequeno bracelete de rubis.

Passaram vários anos. O caso foi esquecido e ele mudou-se para outra cidade. Estava pronta a cena para o novo crime. Desta vez foi premeditado. O sucesso do primeiro fê-lo compreender que toda vez que quisesse matar tinha um meio infalível de fazê-lo impunemente.

Violeta era uma criada de quarto. Encontrou-a, fê-la apaixonar-se. Era, como já dissemos, um belíssimo rapaz. Depois, ganhou a confiança da família da moça, fazendo presente a esta de um bracelete de rubi — o bracelete de Grace.

Casados, ele resolveu fazer um seguro de vida em favor da esposa e ela, em retribuição a este ato de devotamento, fez um em relação a ele... Uma sona levadíssima. Mais tarde, fizeram uma viagem.

— Vou fazer um testamento...

— Tólice, George, deixe de pensar em bobagens.

— Que bobagem? Eu um dia morro aí e deixo você sem papel algum e vai ser uma complicação para você conseguir receber o que é meu. Não é que seja grande coisa, mas sempre serve, não é?

— George eu já pedi a você, por favor, que não falasse mais nisso e você insiste. Francamente...

— Não; eu quero fazer o testamento. Não ficarei tranquilo enquanto não fizer...

— Mas George...

— Não adianta dizer mais nada. Vou mesmo.

— Mas, meu amor, se você vai fazer um testamento em meu favor eu também quero assinar um em seu favor.

— Isso é que é bobagem. Você vai viver muito mais do que eu...

A discussão acabou em beijos. Assinaram os testamentos.

Um mês depois, faziam nova viagem. Um lamentável acidente...

Um barco que virou... A esposa de George morreu. Ele ficou sucumbido... Depois, cobrou o seguro de vida e recebeu o que a mulher deixara...

A segunda mulher de George, Madge, era muito bonita. Dessa vez ele obtivera ali os negócios ao prazer, o útil ao agradável.

— Vou fazer um seguro de vida em seu nome, disse, depois de alguns dias de casados.

Suberdade?

IDADE PERIGOSA

em que muitos jovens se vêem atacados de anemia, e de clorose. É preciso fortalecer o organismo, enriquecer o sangue. A EMULSÃO DE SCOTT — a maravilhosa combinação do óleo de fígado de bacalhau com cálcio e sódio — revitaliza e robustece. Em qualquer época, não há substitutos para a



EMULSÃO DE SCOTT

Tônico das Gerações

— Para que?

— Você não sabe que eu sou fatalista?

— Que tem isso?

— Creio que morrerei cedo. Sei que morrerei cedo. Por que não aceitar o destino?

— Mas...

— Quem se recusa a encarar a morte é um covarde. Eu sou fatalista.

E fez o seguro de vida. A esposa, grata, resolveu fazer um em nome dele.

— Não é preciso. Eu, com toda cer-

teza morrerei antes de você e, além do mais, se você morrer antes de mim, eu me suicidarei!

— George!

— Eu falo isso com toda a calma, com todo o sangue frio! Como haveria eu de viver sem você?

E, se bem que ela reprovasse o procedimento dele, ficou secretamente li-sionjeada com o desespero que sua morte causaria.

Continúa na pág. 57

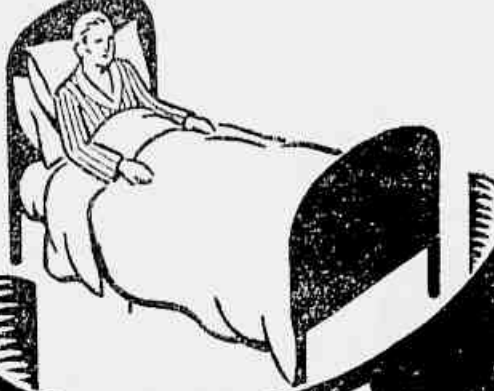
Malte
+
Lúpulo
+
Perfeição
Técnica
=
Malzbier
PROGRESSO
da **ANTARCTICA**

HEMORROIDAS E VARIZES

TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO

Após longos estudos foi descoberto um remédio de componentes vegetais, que permite fazer um tratamento, com ótimos resultados, das hemorroidas e varizes. **HEMO-VIRTUS** é o nome desse remédio, que para hemorroidas internas e VARIZES deve ser tomado na dose de 3 colheres de chá por dia. Para as hemorroidas externas, usa-se o **HEMO-VIRTUS**, pomada. Comece hoje mesmo e leia com atenção o tratamento as bulas. Não o encontrando em sua farmácia, peça ao depositário CAIXA POSTAL 1.874 (UM-OTTO-SETE-QUATRO) S. PAULO

HEMO-VIRTUS



ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA
E APERITIVA

NA ANEMIA
CLOROSE E
CONVALESCENÇAS

TE. ARQUINO

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pílulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

Agora muitos usam

DENTADURA POSTIÇA com perfeita comodidade

Coma, fale, ria ou cante, sem medo de que sua dentadura postíça se desprenda ou caia da boca. FIXODENT conserva as dentaduras postíças mais firmes e torna-as mais cômodas na boca. Este pó de sabor agradável não deixa na boca nenhuma sensação pegajosa. Não provoca náuseas. É alcalino (não ácido).

Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio

PRISÃO de VENTRE?



Pilulas
ALOICAS

REGULARIZAM OS INTES-
TINOS SEM TORTURA-LÔS.

DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papeis

BANKETS



INSÔNIA

e
ATAQUES NERVOSOS
use

MARAVAL

PARA INSÔNIA: 2 colheres ao deitar.
PARA ATAQUES: 3 COLHERES.

Nas ruas de PARIS.

NOTAS LIGEIRAS
No inverno. (1927)



O homem que matou em publico

Continuação da pág. 55

Alguns dias depois, veio o caso do testamento.

— Preciso fazer um testamento...
— Por que, George?
— Já lhe disse. Eu hei de morrer antes de você...
— Mas que tolice!
— Não acho nada de tolice.
— Mas, George...
— Repito que não quero mais uma palavra. Vou fazer o testamento e está acabado. Já decidi. Não adianta protestar.

— Nesse caso...
— Sim?
— Eu também queria fazer...
At renovaram-se os protestos...
Uma semana mais tarde, partiu o casal para uma breve viagem.
Os jornais noticiaram, dois dias depois, um lamentável acidente. Um barco que virou... Uma senhora que se afogou... O marido desconsolado...
Mais tarde, a agência de seguros pagou o seguro. E, pouco depois, os haveres da esposa passaram para o viúvo...

Conhecem o Departamento dos Becos Sem Saída? É um curioso departamento que existe em Scotland Yard, com o fito único de colecionar pistas que aparentemente não têm ligação nenhuma e que, ao que parece, levam a um beco sem saída. No meio dessa coleção, sempre examinada, às vezes encontra-se pistas que levam à descoberta de criminosos, uma vez relacionadas. Assim, quando o Departamento dos Becos Sem Saída começou a ligar o caso das mortes das esposas de George, o detective Marshall decidiu investigar pessoalmente o caso.

Grace... Violeta... Madge...
Era muita coincidência. O Departamento dos Becos Sem Saída encarregou-se de uma pequena investigação...

Mas o promotor público, a quem Marshall consultou, disse:

— Meu amigo, há aqui um caso estranho...

— Como assim?
— É um caso em que a polícia não pode intervir...

— Não compreendo.
— Expliquei.
— Ficarei muito grato se quiser explicar...

— Dá-se o seguinte: Um homem, evidentemente, matou três mulheres. Porém, para acusá-lo do crime só temos o fato de que ele era casado com três mulheres que morreram num acidente

- Até no escuro distingo - é Sabonete LEVER!

AMIGA: - É verdade! É Sabonete Lever. Como pode distingui-lo?

ELA: - Muito simples! Identifiquei o Sabonete Lever pela sua deliciosa suavidade!

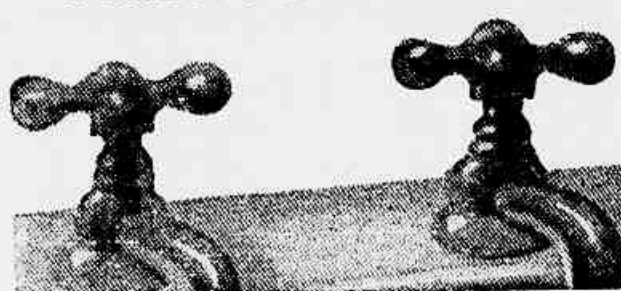
AMIGA: - Você sabe porque Lever é feito assim?

ELA: - É para que possa produzir espuma imediatamente! Olhe! Bastam cinco ligeiras fricções e aqui está a rica e abundante espuma. E com a mesma rapidez com que surgiu, a espuma se estende sobre a pele, absorvendo e removendo as impurezas e os resíduos da "maquillage".

AMIGA: - Cinco fricções apenas? Ótimo! Então gasta pouquíssimo!

ELA: - Claro! Lever não precisa ser esfregado em demasia, para produzir espuma suficiente. Daí a razão de ser tão econômico e tão durável, qualidades que se podem comprovar, marcando-se o dia em que entra em uso. Além disso, Lever é recomendado por 9 entre 10 estrelas do cinema, áquelas que desejam uma cutis macia e juvenil.

★ LEVER -
o sabonete das estrelas



LINTAS LTS 72-034 B

CUTIS CANSADA



e sem viço

As perdas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo



e, se esses acidentes houvessem ocorrido separadamente, isto é se essas três mulheres fossem esposas de três pessoas diferentes — a primeira, aliás, não era esposa — nós acharíamos muito natural o acidente. Isso tudo quer dizer que, legalmente, nós não podemos considerar George culpado, por mais que a isso estejamos inclinados pela lógica e pelo abuso realmente extraordinário de coincidências. Se você prendesse George hoje, com as provas que até agora possui, ele seria absolvido por ausência de prova e nada melhor para ele, pois você sabe, segundo a nossa lei, nenhum homem pode ser julgado duas vezes pelo mesmo crime. Assim, ele estaria livre de um outro julgamento, quanto tivermos mais provas...

— O senhor tem toda a razão. E' preciso descobrir mais provas...

— E impedir que ele repita esse "acidente"...

— Isso creio, não será preciso. Ele não ousará abusar assim...

— Quem sabe, hein?

— Em todo o caso, vigiá-lo-emos.

— Ótimo. Espero notícias suas muito breve. Notícias e provas.

Acontece que o promotor tinha razão.

May Toler foi a próxima vítima. O caso correu como os outros, sem dificuldades quanto à execução. Porém houve uma investigação.

— Sr. George, diga-nos. Sua esposa tinha um seguro de vida?

— Sim.

— Como morreu ela?

— Afogada. Num acidente, está claro.

— O Sr. George, sua primeira esposa tinha um seguro de vida que o senhor recebeu, não é verdade?

— Sim.

— E como morreu?

— Afogada. Num acidente.

— Mais uma pergunta: sua segunda esposa tinha, também, um seguro de vida?

— Sim.

— Como morreu?

— Afogada. Num acidente.

O inspetor que o interrogava, então disse:

— George M. e Toney, reuso-o da morte de sua esposa Violeta e de sua esposa Madge e de sua esposa M. Y. Em nome da lei, está preso.

George olhou, muito espantado, para os que o cercavam.

— Mas eu estou inocente!

— Terá oportunidade de provar isso diante do júri.

— Mas...

— Vamos. Vamos. Nem mais uma palavra.

O assassino olhava surpreso para aqueles que o iam prender. Seria possível que o seu método infalível...

Mas a polícia não contava com a habilidade do advogado de George. Enrascado pelas mortes sucessivas de esposas e pelo dinheiro que, pela morte delas, herdara, George resolveu contratar o melhor advogado de Londres, homem de grande talento e absolutamente nenhum escrúpulo.

— Quanto me pagará para ver-se livre da acusação?

— Quanto quer?

— Duas mil libras...

— Está combinado.

— Pois já se pode considerar livre.

— Como?

— Verá.

O promotor gastou seu tempo enumerando as "coincidências" do caso. Não se referiu a Grace, entretanto, achando que, em vista desse crime não ter motivo aparente, pois ele nada recebera pela morte daquela que fora sua primeira vítima não devia tocar no assunto.

Entretanto, fez uma acusação que só não condenou George em virtude da habilidade e da chicana do advogado.

Este levantou-se, após o discurso do promotor, e disse:

— Senhores jurados:

Meu ilustre colega da acusação, na sua brilhante acusação, esquece-se de um fato. Ao enumerar as provas do delito as tais famosas coincidências esqueceu-se que toda a afirmação que fazia era baseada num pressuposição de culpa. Ora, essa pressuposição é absurda.

— Temos, isoladamente, vários casos patentes de acidente. Por que, e com que base legal, o meu distinto colega da acusação pode relacioná-los? E como o distinto colega não pode responder a essa pergunta, eu sugiro que a acusação seja retirada.

Mas o promotor não era tolo:

— Protesto, Meritíssimo, disse, voltando-se para o juiz. O acusado sabia nadar.

Isso ficou provado. E, entretanto, não fez esforço algum para salvar a esposa que morreu a alguns metros de distância. Isso, na minha opinião, estabelece que...

E perdeu-se num mar de citações. Mas o advogado estava pronto para tudo.

— Srs. Jurados. O acusado não disse que tentara salvar a esposa. Esse é um tribunal criminal e não julga a coragem ou covardia dos acusados. Meu cliente não tentou salvar as esposas. Mas não as matou. Desafio o sr. promotor a me apontar uma lei que condene um homem por não ter arriscado a vida para salvar outra pessoa.

O juiz interveio:

— A legislação inglesa, de facto, não prevê esse caso.

O advogado triunfante, berrou:

— E eu repito meu pedido. Meritíssimo: as acusações devem ser retiradas.

George foi absolvido e o advogado, recebeu duas mil libras bem ganhas ou mal ganhas, conforme quem.

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

A "tal" que não usa LIFEBUOY



Cuidado! Se as cousas não lhe correm bem, tudo pode ser devido a odores desagradáveis, que Você não sente, mas os outros sim! Comece a usar Lifebuoy, cujo elemento purificador especial...

ASSEGURA SEU "ASSEIO CORPORAL!"

LINTAS LHS 79-0220 A

OURO PRETO

(Continuação da página 47)

tão distante — e diferente. Manoel lembrava-se dos menores detalhes daquele tempo e do serviço. Estendia-se em reminiscências:

— Lembro-me, sim! Havia o "seu" Gaspar, na gerência... As gravuras eram do "seu" Garcia... E já existia então, o "seu" Raul Peder-

neiras, que por sinal usava um chapéu de palha, dêsses de copa bastante larga... Não sei si ainda são usados nos dias de hoje!

Mas o que mais surpreenderá o leitor, como aconteceu conosco, será o seguinte detalhe:

— Na REVISTA fiz o meu primeiro serviço de compositor. Ainda me lembro que assunto era... Dias antes, um indivíduo no colégio dos Salesianos, em Niterói, havia proferido

uma blasfêmia contra a Virgem Maria, na hora da Ave-Maria. E por castigo divino, caíra por terra, ficando paralisado do lado direito...

Os olhos voltados para o teto da igreja recordava, de dedo apontado para cima:

— Parece que estou me lembrando... A notícia começava assim "Lembram-se os leitores da narrativa pelo "Jornal do Brasil", feita há poucos dias, do miraculoso fato sucedido em Niterói com um indivíduo que, contra a Virgem Auxiliadora, aceso em ira, prorrompera em blasfêmias?"

— Quando aconteceu êsse fato, "seu" Manoel?

— Por força deve ter sido em 1905... Foi quando trabalhei na REVISTA, sim, senhor. Depois vim para Ouro Preto e nunca mais voltei...

Tão depressa regressámos, solicitámos do arquivo o volume daquele ano. E, após uma rápida pesquisa, lá encontrávamos, na edição de 30 de Abril de 1905, sob o título "Castigo do céu", com várias ilustrações do episódio, o texto composto pelo atual sacristão da igreja de São Francisco de Assis. Memória prodigiosa a dêsse velho humilde, não há dúvida.

Mas não pensem que Manoel José de Paiva Junior seja um simples sacristão, inculto e inútil. Pelo contrário. Em Ouro Preto, poucos de seus filhos podem falar, com igual autoridade, sobre as tradições e os tesouros da terra. Foi o cônego Trindade diretor do Museu da Inconfidência, quem nos declarou:

— Tem sido de grande utilidade, êsse bom homem. Todas as contribuições que nos dá, sobre episódios da Inconfidência ou a personalidade do Aleijadinho, que êle minuciosamente estuda, são aproveitadas.

E quando saímos de Ouro Preto, admirávamos o velho aprendiz de tipógrafo, aqui na REVISTA DA SEMANA, quando não existia a Avenida Central e Raul Pederneiras usava chapéu de palha. Positivamente, êle não nascera apenas para tipógrafo. Seu faro para as pesquisas sobre as preciosidades da terra que o viu nascer e o verá morrer, convencem-nos de uma grande verdade: no sacristão da igreja de São Francisco de Assis perdeu-se um atilado repórter. Mas nem tudo foi perdido, desde que Ouro Preto ganhou um pesquisador honesto e útil.

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de allface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Allface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pimentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Allface "Brilhante". Experimente-o.

A morte de Sócrates

(Continuação da página 47)

os versos dalgum deus... Não importa. O que vale memorar é que, enquanto monologava Satã nas páginas do livro,

outro Satã de peor espécie me sussurrava à orelha não deixasse escapar aquela oportunidade.

E foi o que fiz. Chegada a minha vez de leitura, pús rédeas nos nervos. Iria arrebanhar o homem, explorando-lhe a suscetibilidade quase mórbida em matéria de pronúncia inglesa. E começou então o assassinio, monstruoso porque invisível na presença de todos...

REGULADOR XAVIER

• O Remédio da Mulher •
N.º 1-Fluxos abundantes
N.º 2-Falta de fluxos

Exibí todos os espécimens da teratologia prosódica. Li como nunca ninguém leu depois de mim. Um que outro vocábulo, guardo-o como um ferrete ainda hoje na memória. *Malice*, por exemplo, *malice*, malícia, "moelis", de tão fácil, tão sabida pronúncia; pois bem, gritei *meluice* com tal entono no *aice* que alguns estudantes se voltaram surpresos para mim.

Passei depois, atropelando a leitura,

a um excerto do "Sonho de Eva". Um verso, a que estava apenas uma nota qualquer explicativa, creceu para os meus olhos.

"But sometimes in the air, as we, sometimes..."

A nota finalizava por esta expressão: "universe's machine", máquina do universo, lembra-me bem...

Que fartura, meu Deus! Olhei aquele *sometimes* impossível de êrro, e olhei Sócrates Pantaleão já vacilante, como se medisse a distância para a certeza do golpe. Enchi os pulmões cuidadosamente e, num uivo longo que assustou de novo

a classe, vibrei um "sometimes" de tão português, tão esfusante, tão agudo que mais parecia um punhal buscando um coração no vôo...

Sócrates levou a mão ao peito. Deixou então o golpe de misericórdia: aleijei, num mugido, aquele final de nota. Cara a cara, no meio do alvôro da turma, gritei-lhe duas vezes, três vezes, cinco vezes, não sei quantas — *universe's machine!... machine!... machine!*...

Quando voltei a mim do relâmpago de inconsciência, Sócrates já não era mais dêste mundo.

Alívio Imediato Para a Eczema. — As Mais Obstinadas Erupções Combatidas Em Pouco Tempo

4 Sua pele está sempre sob os olhares de outras pessoas. É portanto essencial para a sua boa aparência, uma pele perfeita, livre de irritações ou inflamações, vermelhidões, etc. Si V. notar um ardor constante em sua pele, coceiras ou tumescências que se transformam em escamas esbranquiçadas, deve procurar imediatamente alívio eficaz e seguro, porque esses sintomas são causados pelas eczemas e psoríasis — as mais obstinadas e rebeldes molestias da pele. Numa clínica de pele de um grande hospital, foi descoberto um novo e moderno tratamento científico: o emprego de BELZEMA, para eczematides obstinadas, psoríasis, erupções da pele, coceiras rebeldes, etc.

BELZEMA é uma nova forma de pomada, não gordurosa, que penetra na

pele para combater diretamente a causa do mal. BELZEMA faz cessar as coceiras imediatamente, não é visível nem sentida quando aplicada. BELZEMA não mancha a roupa e não requer ataduras.

Em alguns casos de doenças da pele já muito antigas, BELZEMA foi aplicada e as coceiras cessaram imediatamente, e em pouco tempo a pele tornou-se limpa e nova.

Use BELZEMA hoje ainda e sentirá alívio. Continue a usar BELZEMA até sua pele tornar-se novamente limpa e macia.

BELZEMA

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE



Living-Room Fireplace

Símbolo da paz, do repouso e da tranquilidade, este canto de casa, a que os ingleses dão o nome sugestivo de *fireplace*, convida mesmo, em sua quietude acolhedora, ao descanso reparador e às palestras alegres do canto da lareira.

Os europeus, desde os mais abastados aos mais humildes, têm sempre um cuidado especial no arranjo do *fireplace*, onde descansam nos

dias hibernais, abrigados, no doce seio do lar amigo, da neve e do vento.

O clichê que estampamos acima reproduz um canto do *living-room* de uma residência familiar da Inglaterra, onde aparece a lareira ladeada por duas luxuosas e confortáveis poltronas que, com a pequena mesa do centro, completam o mobiliário deste alegre e convidativo *fireplace*.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SÓMENTE

65 RUA DA CARIOCA 67 RIO
NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

